UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

A ESCOLHA PROFISSIONAL DE SUJEITOS DE BAIXA RENDA RECÉM EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO

Autor: Silvio Duarte Bock
Orientador: José Roberto Heloani

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por SILVIO DUARTE BOCK e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 29 DE AGOSTO DE 2008.

Assinatura:.....

Orientador.....

COMISSÃO JULGADORA:

2008

© by Silvio Duarte Bock, 2008.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Faculdade de Educação/ UNICAMP

Bock, Silvio Duarte.
B631e A escolha profissional de sujeitos de baixa renda recém egressos do ensino médio / Silvio Duarte Bock. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008.

Orientador : José Roberto Montes Heloani.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Orientação profissional. 2. Escolha profissional. 3. Adolescência. 4. Orientação vocacional. 5. Ensino médio. I. Heloani, José Roberto Montes. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-163/BFE

Título em inglês : The professional choise took by low income people just egressed of high school
Keywords : Professional guidance ; Professional choice ; Adolescence ; Vocacional guidance ; High School
Área de concentração : Políticas, Administração e Sistemas Educacionais
Titulação : Doutor em Educação
Banca examinadora : Prof. Dr. José Roberto Montes Heloani (Orientador)
Profª. Drª. Wanda Maria Junqueira De Aguiar
Prof. Dr. Celso João Ferretti
Profª. Drª. Roberta Gurgel Azzi
Prof. Dr. Zacarias Pereira Borges
Prof. Dr. Odair Furtado
Profª. Drª. Ana Archangelo
Prof. Dr. Sérgio Antônio Da Silva Leite
Data da defesa: 29/08/2008
Programa de Pós-Graduação : Educação
e-mail : nace@nace.com.br

NINGUÉM NASCE FEITO: É EXPERIMENTANDO-NOS

NO MUNDO QUE NÓS NOS FAZEMOS.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho procura investigar como jovens de baixa, renda egressos do ensino médio público, elaboram sua escolha profissional. Buscam-se os sentidos subjetivos que atribuem a esta decisão e aos seus determinantes.

Doze participantes foram selecionados para compor um grupo de orientação profissional. A metodologia utilizada é a mesma de nosso estudo de mestrado, aplicada, à época, a jovens das camadas médias. Foram quinze sessões totalizando trinta horas de trabalho onde atividades diversas foram desenvolvidas e os jovens foram solicitados a registrar, por escrito, suas questões e síntese que foram objeto da análise deste trabalho.

A perspectiva sócio-histórica foi adotada como base teórica para compreensão dos fenômenos envolvidos na decisão profissional deste grupo de pessoas. A metodologia da análise qualitativa das informações se mostrou adequada para a análise e construção dos dados.

As conclusões desta tese observam que de forma geral o programa ajudou o jovem a construir decisões mais consistentes sem, entretanto, mudar a opção de entrada do sujeito no trabalho. O sentido constituído em relação à escolha não atribui grande importância a essa decisão; as pretensões não são ambiciosas pois o sujeitos se percebem como vitoriosos por terem atingido o nível educacional que atingiram, que supera em muito o de suas famílias. O esforço pessoal e as oportunidades somam-se para explicar essa conquista.

O trabalho do ponto de vista teórico, permitiu superar a idéia anteriormente construída de que o sujeito escolhe e não escolhe, produzindo elementos para conclusão de que os sujeitos sempre escolhem e que são os sentidos subjetivos que permeiam este processo que são constituídos a partir da inserção ativa do sujeito no meio social.

SUMMARY

The present study aims to research on how low income youth, egressed from public schools, elaborates their professional choice. We search the subjective meanings that the youth attributes to their decision and what influences it.

Twelve participants were selected to take part in a group of professional guidance. The methodology is the same as shown in our master's study, applied at the time, to medium classes' youth. There were fifteen sessions adding up thirty hours of work where several activities were developed and the young people were asked to write their questions and synthesis. Those notes were applied as the analysis object of the current work.

The socio-historical perspective was adopted as the theoretical basis for understanding the phenomena involved in the professional decision of this particular group of people. The methodology of the information's qualitative analysis revealed appropriate for the data construction and its analysis.

This thesis concludes that, for most of the analyzed cases, the program helped the people to elaborate more consistent decisions even though the entry option was not changed. The constituted meaning towards the choice does not attribute great importance to that decision. These pretensions are not ambitious since the researched youth recognizes themselves as victorious people for having reached an educational level which is much higher than the level that their families achieved. The personal effort and the opportunities add up to explain that achievement.

From the theoretical point of view, the present study allowed us to surpass the previous idea that the people chooses and not chooses. Our thesis build's a conclusion that the people always choose and that the subjective meanings that gather's that choosing process are constituted from the active insertion of that people in the social environment.

Dedico este trabalho a meu neto e minha neta
que nascerão no final deste ano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Professor Dr. José Roberto Montes Heloani pela paciência e estímulo.

Agradeço à Dra. Wanda Maria Junqueira Aguiar e ao Dr. Zacarias Pereira Borges, por terem, no exame de qualificação, apontado questões fundamentais.

À Marilene Felinto e toda a equipe da Associação Bem Comum que sempre estiveram prontos para auxiliar no que era necessário e abrir as portas do programa Acreditar para a escolha dos sujeitos.

Agradeço aos 12 participantes do programa de Orientação Profissional, que por força de sigilo foram nominados de sujeitos. Gostaria de dar um abraço em cada um, pois pensando em seus projetos e trajetórias forneceram os dados dessa pesquisa, propiciando a criação de conhecimento;

Agradeço a Ana Bock, companheira que esteve presente em todos os momentos, que soube me estimular nas horas certas, debatendo comigo todos os passos dessa tese.

Sumário

Introdução 11
I) Globalização, Neoliberalismo e a Escolha Profissional 20
II) O Sentido e o Significado na Escolha Profissional 28
III) Alguns estudos em Orientação Profissional com populações de baixa renda 40
IV) Sobre o Método 52
1. Princípios Teóricos-Metodológicos da Pesquisa 52
2. Procedimentos da Pesquisa 55
2.1) A Escolha dos sujeitos da pesquisa 55
2.2) Caracterização do grupo pesquisado. 57
2.3) Procedimento de coleta de dados 59
2.4) Sobre o programa de orientação profissional vivido pelos sujeitos. 61
2.5) Sistematização e Análise dos dados 64
V) Apresentação dos Dados 66
a) Dados Gerais 66
1. Sobre as opções profissionais dos sujeitos 66
2. Sobre as Aspirações e Expectativas a Respeito do Futuro 95
b) Um estudo de caso. 131
Síntese 137
Considerações finais 145
Referências Bibliográficas 149
Anexos 156

Índice de Quadros e Tabelas

quadro 1 – situação ocupacional, escolar e estado civil dos familiares 57
quadro 2 – renda familiar 58
quadro 3 - caracterização do sujeito 59
quadro 4 – sobre as opções profissionais do sujeito, da situação de entrada ao final do programa....67
quadro 5 - profissões citadas na primeira sessão – sexo feminino 68
quadro 6- profissões citadas na primeira sessão – sexo masculino....68
quadro 7 - profissões citadas na ficha pessoal - sexo feminino 69
quadro 8 - profissões citadas na ficha pessoal - sexo masculino 69
quadro 9 - profissões que mais atraem após a atividade de classificação das profissões- sexo feminino 70
quadro 10 - profissões que mais atraem após a atividade de classificação das profissões – sexo masculino....71
quadro 11 – profissões citadas na preparação da atividade do tribunal – sexo feminino 73
quadro 12 - – profissões citadas na preparação da atividade do tribunal – sexo masculino 73
quadro 13 – profissões defendidas na atividade do tribunal 74
quadro 14 – argumentos quanto aos objetivos com a profissão/justificativa da Escolha 79
quadro 15 –argumentos quanto ao conhecimento das atividades do profissional 80
quadro 16 – argumentos sobre o conhecimento do salário percebido pelo profissional....81
quadro 17 –argumentos quanto ao conhecimento do local de trabalho do profissional 82
quadro 18 – argumentos quanto a características individuais que favorecem a escolha....82
quadro 19 – argumentos quanto ao conhecimento da formação necessária e pretendida para a aquisição da profissão....82
quadro 20 - experiência anterior como argumento de defesa 82
quadro 21 – argumento utilizado em resposta a pergunta "e se não der certo?" 84
quadro 22 – "sempre pensei nesta profissão" como argumento de defesa 84
quadro 23 – argumentos quanto ao enfrentamento dos problemas que podem surgir no desempenho da profissão....85
quadro 24 – argumento quanto a questão "Por que não outra profissão?" 85
quadro 25 – argumentos quanto a certeza de "sucesso" 85
quadro 26 – profissões citadas na conclusão e declaração – sexo feminino....86
quadro 27 – profissões citadas na conclusão e declaração – sexo masculino....86
quadro 28 - sobre as expectativas e aspirações....96
quadro 29 – sobre o mercado de trabalho....100
quadro 30 – sobre o vestibular....102
quadro 31 - sobre as relações de gênero e a escolha profissional 106
quadro 32 - sobre a experiência escolar com as disciplinas e a relação com a escolha profissional 108
quadro 33 - sobre vocação, dom. talento inato 109
quadro 34- vida legal....110
quadro 35- sucesso 111
quadro 36 - admirável....111
quadro 37 – bonita....112
quadro 38 –realizada profissionalmente 112
quadro 39 -prestígio....113
quadro 40-feliz 113
quadro 41-batalhadora....114
quadro 42-legal....114
quadro 43- mercado de trabalho/emprego/desemprego/economia 117
quadro 44 - vestibular....119
quadro 45 –montar um negócio próprio 120
quadro 46 - gênero....121
quadro 47 – a sociedade coloca barreiras 122

quadro 48 - outros....122
quadro 49 - personalidade 123
quadro 50- planos para o futuro....125
quadro 51– interesses e gostos 126
quadro 52 – aprendizagens quanto a aspectos pessoais de si e dos outros 127
quadro 53 - minha caminhada de interesse pela profissão....128
quadro 54 - prestei curso técnico....130
quadro 55 – modalidade de curso técnico prestado 130
quadro 56 - pretendo ter carreira profissional....131
quadro 57 concepção de si....131
quadro 58 - concepção do mundo....138
quadro 59 - a cara da profissão....133
quadro 60 - a escola/o vestibular/o cursinho 134
quadro 61 - a família/amigos....134
quadro 62- sobre as opções profissionais de Olga, da situação de entrada ao final do programa....135
quadro 63 - a caminhada....135
tabela 1 - publicações mais recentes na área da orientação profissional 41
tabela 2 - pessoas ocupadas por classe de rendimento....58
tabela 3 – razões da escolhas dos sujeitos 89
tabela 4 - motivos da escolha....93
tabela 5 – por que estou pronto para escolher esta profissão?....94
tabela 6 - importância para a sociedade....94
tabela 7 - me acho competente 94
tabela 8 - solicitação....94
tabela 9 -relação da pessoa indicada com o sujeito 115

Introdução

Em 2001, apresentamos uma dissertação de mestrado em que estudamos a construção das escolhas profissionais de sujeitos que fizeram parte de um grupo de orientação profissional, do qual haviam participado também seis anos antes. Pretendíamos, além de ampliar e rever a construção teórica que embasava o trabalho, entender a dinâmica envolvida nos processos de decisão profissional. Os sujeitos da pesquisa, participantes regulares de um dos grupos de orientação profissional do local de trabalho do autor deste projeto, eram partícipes de uma classe social privilegiada. Por isso, o autor indicava que as conclusões a que se chegou no trabalho deveriam ser tomadas como meramente indicadoras para uma realidade diferente daquela de que os orientandos provinham.

A população estudada na dissertação foi assim descrita naquele trabalho:

> O grupo é formado por 16 membros, dos quais 11 com 17 anos, 3 com 18, um com 20 e um com 23. É homogêneo quanto ao sexo: metade deles homens e metade, mulheres.
>
> Todos estudavam em escolas particulares consideradas, em sua maioria, como boas escolas de ensino médio, reconhecidas por não adotarem metodologias conservadoras ou tradicionais. Sem a pretensão de defini-las, pode-se caracterizá-las, como instituições que adotam metodologias que não têm o vestibular como único objetivo de ensino, propondo-se a formar cidadãos críticos, informados, criativos e participantes. Esta caracterização faz-se necessária, apesar de pouco rigorosa, pois a partir da escolha destas escolas para seus filhos, há indícios para inferir os valores que norteiam a família, além dos motivos para a procura por dos serviços de Orientação Profissional, os quais não se pautam por posturas tradicionais. (Bock, 2001, p.79)
>
> Como breve caracterização familiar, tem-se que quatorze mães têm formação universitária completa, apenas uma não terminou o ensino superior, e um aluno não declarou sua escolaridade. Quinze pais, igualmente, têm formação universitária completa e o mesmo aluno, no caso das mães, não declarou a sua formação escolar. Doze mães trabalham fora de casa, uma é falecida e três não trabalham fora de casa. Dos pais, um é aposentado, um é falecido e de outro não consta a informação se trabalha ou não. Os 13 restantes trabalham. (Bock, 2001, p.79)
>
> Quinze dos dezesseis orientandos residem em casas próprias. Doze alunos declaram sua renda familiar aproximada: encontram-se rendas que vão desde 30,9 salários mínimos até 123,5 salários mínimos por mês[1]. Deve-se considerar que estas declarações de renda podem estar super ou infra valorizadas, mas tais dados, mesmo que pouco precisos, ajudam a caracterizar o grupo que será avaliado: os sujeitos pertencem às camadas média e alta da sociedade brasileira, com alto nível de escolaridade dos pais, que exercem profissões reconhecidas como liberais ou que possibilitam a ocupação de altos cargos em empresas públicas ou particulares. (Bock, 2001, p.81)

[1] Na época, o salário mínimo equivalia a R$ 64,79 (sessenta e quatro reais e setenta e nove centavos)

Como se pode verificar pela descrição sucinta do grupo pesquisado, os sujeitos, em função de sua classe social e capital cultural acumulado, têm condições de participar e usufruir de um programa de orientação profissional como o proposto, alcançando os objetivos que o serviço de orientação pretende atingir.

As conclusões do estudo apontaram para a positividade não só do trabalho desenvolvido, como também comprovaram empiricamente a teoria que o sustenta. As principais conclusões ao final foram as seguintes:

- Na comparação da situação de entrada e saída do programa, observamos que os sujeitos construíram suas decisões levando em conta um maior número de determinações e com qualidade superior.

O trabalho de orientação profissional desenvolvido com o grupo propiciou um aumento no repertório analítico a respeito do processo de decisão profissional, isto é, o jovem passou a ter maiores condições de observar a realidade que o circunda, desde a mais ampla, como a econômica e social, bem como fazer uma avaliação de si próprio. Além disso, constatamos que fez um processo reflexivo sobre todos esses determinantes de forma mais profunda e complexa.

Afirmamos, por isso, que o programa de orientação profissional auxiliou na construção de escolhas profissionais mais consistentes e conscientes.

- Os sujeitos valorizam a reflexão que o programa propicia.

Os próprios sujeitos, ao avaliarem sua participação no programa de orientação profissional, ..., valorizam, antes de tudo, a reflexão que o programa propicia. As expressões utilizadas para se referir a isso são emblemáticas: "*parar para pensar*; *organizar ou centralizar as idéias; pôr as idéias em ordem*". Aqui se está valorizando muito mais o processo do que o resultado. *Parar para pensar* significa interromper a dinâmica do dia -a -dia para se apropriar reflexivamente daquilo que se viveu até aquele momento. Portanto, não há descobertas mirabolantes; não se está procurando aquilo que o sujeito desconhece para afirmar uma nova possibilidade. Retoma-se o que se viveu de forma organizada, e sobre isso há a possibilidade de realizar projetos.

Isso quer dizer que os sujeitos tomam em sua mão a responsabilidade da decisão profissional, descartando as idéias anacrônicas e cientificistas dos testes vocacionais que propõem resolver pelo sujeito, o caminho a seguir. O que é valorizado é o pensar e não a "resposta" ou devolutiva que um especialista, pautado numa visão tradicional, poderia dar.

- Os sujeitos percebem a historicidade de seu modo de ser.

De acordo com a perspectiva sócio-histórica em educação e psicologia, os jovens da já referida pesquisa, conseguiram avançar na análise de como os seres humanos se constituem, superando as visões naturalizantes de individuo e da sociedade. As habilidades, os interesses e as características de personalidade não foram mais

percebidos como aspectos inatos, mas frutos de apropriação, singularização do vivido em seu meio. As condições econômicas e sociais, igualmente, agora não são mais entendidas como naturais e perenes, mas como construções humanas.

- os sujeitos apropriam-se dos determinantes da escolha profissional e constroem projetos.A escolha profissional deixa de ser entendida como algo que resulta de

um desenvolvimento natural de ordem bio-psicológica. Significa, ao contrário do que postulam as pesquisas mais tradicionais, ruptura, conflito e dúvida, cuja resolução aponta para um projeto de intervenção no mundo e sobre si próprio. É uma possibilidade colocada historicamente, conseqüentemente não natural, resultado de processos contraditórios de construção.

Na ocasião da construção do trabalho de dissertação de mestrado, na Introdução, dizíamos que "... autor tem claro o limite das conclusões que porventura possam ser assumidas em virtude da origem social – classe média – do participante que usufrui o serviço oferecido e que foi investigado. Entretanto, acredita que possam contribuir para a construção de projetos específicos que atendam aos diversos grupos sócio-econômicos interessados na questão, bem como contribuir na esfera teórica da área". (Bock, 2001, p.2)

Na atual pesquisa, pretendemos aprofundar a compreensão de como as escolhas profissionais são construídas pela população que até o momento está excluída dos estudos críticos nesta área e que chamaremos de "classes pobres."

A prática da Orientação Profissional tem atingido com mais intensidade as camadas médias e altas da população brasileira, porque tradicionalmente são essas as classes que chegam ao ensino universitário desde a "democratização do acesso ao ensino superior", ocorrida a partir da segunda metade do século XX e, principalmente, durante a ditadura militar. Segundo Luiz Antonio Cunha (1973), essa democratização foi um prêmio para a referida classe social, que apoiou o golpe militar, e ao mesmo tempo constituiu-se em uma alternativa para a ascensão social, uma vez que o modelo de poupança e conseqüente incremento de negócios que utilizavam foram superados com a entrada do capital internacional. Em função da baixa escolaridade a que a maioria da população brasileira foi e é submetida, a orientação profissional se firmou como um fenômeno dos extratos mais privilegiados da população.

A história da política educacional e da formação de mão-de-obra no Brasil também mostra a exclusão das classes pobres da temática da escolha profissional. Às pessoas empobrecidas da nação brasileira restava o destino do trabalho precoce, e quando uma qualificação profissional era sequer cogitada, sempre aparecia como alternativa de segunda linha o aprendizado de habilidades para o desempenho de um ofício. A Consolidação das Leis do Trabalho, que o proíbe para menores de 16 anos, prevê a possibilidade deste para pessoas com menos idade (a partir dos 14 anos) quando se trata de um trabalho que vise à aprendizagem profissional (TRT, 2008). Não é necessária nenhuma pesquisa aprofundada para descobrir o perfil sócio-econômico de quem são os "beneficiados" desta ressalva da lei.

O campo de pesquisa da Orientação Profissional não se preocupou em estudar ou mesmo aprofundar o conhecimento do processo de decisão das populações mais empobrecidas. Mesmo hoje, observamos, dentro da postura neoliberal no que se refere à requalificação profissional, na maioria das vezes executada pelos sindicatos, um aligeirado processo de atualização ou requalificação profissional, sem um mínimo de reflexão anterior. Trata-se de atingir um grande número de pessoas sem a menor preocupação com questões como qual e por que a pessoa escolheu uma determinada área.

Os teóricos críticos da área de Orientação Profissional também contribuíram para a estagnação do estudo das escolhas profissionais das classes pobres, ao fazerem a crítica à atuação tradicional calcada na visão liberal. Como apontamos na dissertação do mestrado:

> A perspectiva crítica denuncia a ação puramente ideológica da orientação profissional tradicional. Esta intervenção tem a função de dissimulação da realidade, ao "esconder" os determinantes econômicos, políticos e sociais do fenômeno e isolar apenas o individual como essencial. Responsabiliza a pessoa pelo seu sucesso em direção à ascensão social, o que acaba por ser uma explicação e culpabilização pelo aparente "fracasso" a que a maioria está submetida. Ajusta o indivíduo à estrutura ocupacional pré-existente, onde a lógica do lucro impera, tendo sempre como pano de fundo a questão da maior produtividade, traduzida de forma perversa por aspectos psicológicos como felicidade e realização pessoal. Enfim, à Orientação Profissional, assim como à educação, cabe a função de reproduzir a ordem social vigente sem quaisquer questionamentos. (Bock, 2001, p. 35/36)

A perspectiva liberal joga nas mãos do individuo toda a responsabilidade pelo sucesso ou insucesso que pode alcançar. A escolha profissional é um dos mecanismos que contribui para isso, juntamente com a dedicação e esforço que despende para galgar os degraus escolares. Já na perspectiva crítica, é a estrutura da sociedade e a situação econômica do país que explica e justifica a posição do individuo na pirâmide social; o resto nada mais é que ideologia. O individuo, nessa abordagem, não é nem um pouco autônomo na definição de seu caminhar, e é entendido apenas como reflexo da sociedade.

Selma Garrido Pimenta denunciava que a

> ...orientação vocacional ao usar técnicas, advindas da psicologia, que acentuam a ênfase no indivíduo, cria neste a impressão de que é ele quem decide; com isso facilita o ajustamento dele à estrutura ocupacional. Imbuído de uma 'certeza' de que escolheu (a partir daquilo que era possível), o indivíduo tem maiores chances de vir a ser mais produtivo. Isto é, contribuir para o aumento da mais-valia da classe dominante, que é a que detém o controle da produção... .A liberdade de decidir é da classe dominante. Por isso, a classe a que o indivíduo pertence determina a sua escolha profissional. Portanto, aos orientadores vocacionais de pouco adianta trabalhar ao nível da decisão individual, se não for "*libertada a liberdade decidir"* (1979, p.124)

Se bem entendemos, para a autora só uma mudança estrutural da sociedade, por meio da eliminação das classes sociais, é que permitiria a escolha profissional realmente

livre, sem os determinantes das condições de classe. A decisão individual não teria o menor sentido para as classes subjugadas pela classe dominante.

Celso Ferretti atribuía outra função para a Orientação Profissional, que deve criar

> *...condições para que a pessoa a ela submetida reflita, sobre o processo e o ato de escolha profissional bem como sobre o ingresso em uma atividade profissional e no seu exercício no contexto mais geral da sociedade onde tais ações se processam.* Subsidiariamente espera-se que o indivíduo assim assistido ganhe condições de realizar escolhas profissionais *conscientes* (no sentido de escolhas que ocorrem a partir da *reflexão* sobre seus condicionamentos e não a partir de sua *aceitação*), quando e onde as oportunidades se apresentarem. (1988a, p.45)

O eixo do trabalho da Orientação Profissional deveria ser modificado. Ao invés de ter como preocupação central a escolha profissional dos sujeitos, deveria debruçar-se para que eles compreendessem a organização e a forma do trabalho na sociedade atual. Essa reflexão seria importante para que "..tanto os que optam como os que não o fazem, desenvolvam uma consciência crítica dessa atividade humana que, espera-se venha a influenciar o exercício de sua atividade profissional ". (Ferretti, 1988a, p.46)

Esses dois fundamentais autores da história recente da Orientação Profissional do Brasil denunciam, com grande rigor científico, as bases ideológicas e as práticas da orientação profissional, por terem como objetivos, que jamais são explicitados, os interesses da classe dominante, ajudando a manter o status quo sem nenhum questionamento. Mas, a

> ... crítica à Orientação Profissional tradicional coloca em xeque a concepção de que os indivíduos escolhem suas profissões. A escolha seria um fenômeno pertencente à classe dominante que, ideologicamente, é transposta para todas as classes sociais sem qualquer questionamento, acabando por tornar-se uma idéia que mais justifica as desigualdades e injustiças engendradas pelo modo de produção capitalista do que a explicação de como as pessoas posicionam-se na sociedade, tanto como atividade ocupacional quanto de poder e prestígio.
>
> A crítica à ideologia liberal e à concepção de indivíduo nela embutida, sem dúvida é um grande avanço na compreensão do funcionamento da sociedade capitalista. Entretanto, no desenvolvimento da análise, ao negar a existência da liberdade de escolha, acaba por também negar a existência do indivíduo. Ele passa a ser entendido como reflexo da organização social, não detendo nenhum grau de autonomia frente a tais determinações. A estrutura social tem um poder avassalador sobre o indivíduo, negando assim sua existência. Desta forma, ao criticar a concepção de indivíduo subjacente à ideologia liberal, nega também a existência do indivíduo propriamente dito. ... Se na ideologia liberal o indivíduo 'pode tudo', em sua crítica ele passa a "não poder nada". (Bock, 1989, p.16)"

A partir da crítica desenvolvida às ações tradicionais em orientação profissional, as pesquisas e intervenções com indivíduos de classes pobres, se já eram poucas, deixaram de existir. Afinal, a escolha profissional era entendida como um artefato de classe que servia para anestesiar consciências. Havia, na esfera educacional, intervenções mais urgentes e menos ideológicas.

A abordagem sócio-histórica, substrato teórico que tem dado contornos claros à nossa intervenção, tem se mostrado como importante ferramenta na superação de concepções críticas, que são imobilizantes. Na dissertação de mestrado (Bock, 2001), apontávamos que o desafio daquele trabalho era a construção de uma concepção na área da Orientação Profissional que apontasse para uma relação indivíduo- sociedade superando as visões simplificadoras que, ora o entendiam como totalmente autônomo em relação a ela, ora o colocavam como seu reflexo. Apoiamo-nos, então, em Vigostski[2], que investiga essa relação numa perspectiva dialética. O "... ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem." (Oliveira, 1992, p.24).

Sobre a gênese das funções psicológicas superiores, Vigostski considera que "Mesmo sendo, na personalidade, transformadas em processos psicológicos, elas permanecem 'quasi'-sociais. O individual, o pessoal – não é 'contra', mas uma forma superior de sociabilidade". (2000, p.27)

Para este autor, o que define o ser humano "... é a personalidade social = *o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo* (funções psicológicas, construídas pela estrutura social)..." (Vygotsky 2008).

A personalidade social resulta da internalização do social. Mediado pela linguagem, o que era inter-subjetivo passa a ser intra-subjetivo. Não há, portanto, conflito entre a sociedade e o indivíduo, e as análises passam a exigir que os aspectos dos sujeitos e os elementos e fatos sociais se relacionem de modo a produzir uma compreensão mais ampla e complexa das questões estudadas.

Mudanças importantes na política educacional brasileira têm alterado substantivamente a quantidade de pessoas que com acesso à escola, o que também modifica as circunstâncias da crítica à Orientação Profissional. A política educacional. que tem sido implementada nas últimas décadas no Brasil, tem priorizado a incorporação de populações anteriormente excluídas da escola. O discurso atualmente em voga dita que só os mais escolarizados terão a possibilidade de encontrar empregos.Implicitamente, ou até mesmo explicitamente, culpa-se o desempregado pelo seu próprio desemprego. Nesse discurso, a vítima se torna ré ao apontar que só a educação, cada vez mais ampla, poderá gerar postos de trabalho, quer sejam eles formais ou informais. O desemprego teria como causa a baixa escolaridade da população brasileira, o que explicaria a baixa produtividade do trabalhador e a pequena densidade na geração de empregos atualmente..

A fim de atingir metas ditadas pelos organismos internacionais com os quais o Brasil negocia seu equilíbrio econômico, as populações antes excluídas formalmente agora são instadas a manter seus filhos no aparato educacional. Essa aparente

[2] O nome deste autor aparece grafado de formas diversas nas traduções de suas obras. Ora é referido como Vigotski, na edição de suas obras escolhidas em espanhol aparece como Vygotski, e em outras ainda como Vygotsky. Quando nos referirmos ao autor, usaremos a grafia Vigotski, mas nas citações adotaremos a grafia de acordo com a indicação das obras de que foi retirada.

democratização do ensino, que amplia a possibilidade de escolarização de amplas camadas da sociedade, vem acompanhada da desqualificação do trabalho escolar. Hoje, vários estudos e avaliações têm evidenciado que as políticas implementadas geraram uma escola desqualificada, porque a política não veio acompanhada da necessária melhoria na condição de ensino.

Entretanto, como toda política é contraditória e gera contradições, a permanência das populações empobrecidas na escola acaba gerando uma demanda de ensino cada vez maior. A população que está alcançando universalidade no ensino fundamental clama por mais vagas no ensino médio e, por conseqüência, no ensino superior. A política educacional, no que se refere a vagas neste grau de ensino, tem priorizado a abertura e incremento de oportunidades no sistema privado.

A demanda pelo ensino universitário, portanto, vem crescendo continuamente. A população que antes estava excluída da escola, agora insiste em uma vaga no ensino universitário. Alguma instituições, estudantes universitários, juntamente com os egressos e estudantes do ensino médio de escolas públicas, vêm se organizando para montar cursinhos pré-universitários comunitários, a fim de lograr uma melhor preparação para enfrentar os vestibulares, e alguns deles também constituem grupos de pressão para discutir e exigir vagas e políticas adequadas às suas necessidades e reivindicações. Como exemplo, pode-se citar o trabalho desenvolvido pelo Educafro – Rede de Pré-Vestibulares Comunitários, que estimula alunos da periferia de várias cidades brasileiras a montarem o que denominam de núcleos, com apoio de igrejas, sindicatos e professores voluntários da mesma região (Educafro, 2008). Outro exemplo é o cursinho Psico USP, entidade criada e coordenada por alunos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

A política educacional implementada pelo governo atual (gestão 2007/2010) vem produzindo programas de inclusão social que são direcionados à população de baixa renda. Algumas dessas políticas vêm mudando o cenário do acesso de populações mais pobres à universidade. Um deles é o programa de ações afirmativas que são "...medidas especiais e temporárias tomadas pelo Estado, com o objetivo de eliminar desigualdades raciais, étnicas, religiosas, de gênero e outras - historicamente acumuladas, garantindo a igualdade de oportunidade e tratamento, bem como compensar perdas provocadas pela discriminação e marginalização" (MEC, 2008). Esse programa, mais conhecido por política de COTAS, propõe-se a melhorar o acesso de pobres e negros oriundos das escolas públicas no ensino superior público. Cada instituição universitária federal tem a liberdade de instituir ou não o programa e de estabelecer suas condições. Outro programa instituído é o PROUNI, que dá acesso a egressos das escolas públicas e de baixa renda às instituições privadas de ensino universitário, o "Programa Universidade Para Todos dispõe":

"**LEI Nº 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005.**

Conversão da MPv nº 213, de 2004 Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído, sob a gestão do Ministério da Educação, o Programa Universidade para Todos - PROUNI, destinado à concessão de bolsas de estudo integrais e bolsas de estudo parciais de 50% (cinqüenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) para estudantes de cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos.

§ 1º A bolsa de estudo integral será concedida a brasileiros não portadores de diploma de curso superior, cuja renda familiar mensal per capita não exceda o valor de até 1 (um) salário-mínimo e 1/2 (meio).

§ 2º As bolsas de estudo parciais de 50% (cinqüenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento), cujos critérios de distribuição serão definidos em regulamento pelo Ministério da Educação, serão concedidas a brasileiros não-portadores de diploma de curso superior, cuja renda familiar mensal per capita não exceda o valor de até 3 (três) salários-mínimos, mediante critérios definidos pelo Ministério da Educação." (MEC, 2008b).

Em troca, as instituições de ensino são beneficiadas com o abatimento ou suspensão de pagamentos de imposto e contribuições, como determina a Instrução Normativa SRF nº 456, de 5 de outubro de 2004 do MEC**:**

Art. 1º A instituição privada de ensino superior, com fins lucrativos ou sem fins lucrativos não beneficente, que aderir ao Programa Universidade para Todos (Prouni) nos termos dos arts. 5º da Medida Provisória nº 213, de 2004, ficará isenta, no período de vigência do termo de adesão, das seguintes contribuições e imposto:
I - Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins);
II - Contribuição para o PIS/Pasep;
III - Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL); e
IV - Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ) (MEC, 2008c)

Uma das metas do Plano Nacional de Educação prevê que, em 2010, pelo menos 30% da população de 18 a 24 anos esteja na educação superior, que hoje está restrita a 12%. (MEC, 2008a)

Tais avanços, conquistados, no sentido da ampliação do acesso das camadas pobres à universidade, trazem uma questão que em nenhum momento foi debatida. Como os beneficiados escolherão seus cursos universitários? Nenhuma política foi

pensada para ajudar esses jovens a refletirem a respeito do curso e profissão que irão seguir.

Nossa pesquisa estuda esse grupo de pessoas oriundas do sistema público de ensino básico e que almejam a continuidade dos estudos no ensino universitário. Pretendemos entender como essa população elabora seus projetos profissionais, como lida com os aspectos ideológicos contraditórios envolvidos na questão, e ainda, como relacionam trabalho, estudo e escolha profissional.

O Objetivo dessa pesquisa pode ser assim apresentado:

Pesquisar os sentidos e os significados que os jovens pobres atribuem às suas escolhas profissionais.

Compreender como sujeitos oriundos das classes pobres que, em virtude da ampliação da escolaridade formal, chegam ao ensino médio e constroem o seu projeto de futuro no que se refere ao seu caminhar profissional.

As conclusões desse estudo, acrescido das análises desenvolvidas em nosso trabalho de mestrado, permitirão a elaboração e sugestão de políticas públicas no que se refere a procedimentos e intervenções nas grandes áreas da profissionalização, na temática da relação educação e trabalho e na orientação profissional.

I) Globalização, Neoliberalismo e a Escolha Profissional

Neste capítulo, pretendemos estudar as relações entre a economia, a ideologia dos tempos mais recentes e suas conseqüências para a escolha profissional.

Para pensar a Orientação Profissional nos tempos de hoje, não se pode deixar de falar nas mudanças que vêm ocorrendo na esfera da produção. Se quisermos uma teoria e uma prática que não desconheça a história e não naturalize os fenômenos sociais e psicológicos, deveremos considerar, em termos econômicos, a globalização e, em termos ideológicos, o Neoliberalismo.

A Globalização da economia, ou a Planetarização, ou ainda como outros preferem, a Mundialização da Economia toma impulso na década de 1980. O modelo econômico anteriormente adotado no imediato Pós-Guerra (Keynesianismo) entra em colapso, e seu fim é representado, segundo Paiva (1991), pela primeira crise do Petróleo em 1973 e pela queda do Muro de Berlim em 1989.

Friedrich Hayek, citado por Anderson (1995), vê suas idéias anti o Welfare State, lançadas em 1944, serem retomadas. Ele apontava que a ideologia do bem-estar-social trazia limitações importantes à liberdade não só econômica mas também política. As concepções de igualdade, contidas no keynesianismo, ameaçavam a liberdade dos indivíduos e a força mobilizadora da concorrência, que para ele era o fundamento da prosperidade. A desigualdade como valor positivo, entretanto, só foi ganhar repercussão vinte anos depois.

Tais idéias eram expressamente contrárias às políticas do Welfare State, em implementação naquele momento, pois o

> ...estado de bem-estar incorpora critérios outros que aqueles de mercado (isto é, critérios sobre a utilidade social de certos bens, a necessidade de padrões mínimos de saúde e educação) em suas decisões relativas à produção, alocação e consumo de bens; isso corrói a difusão de critérios de mercado nestas democracias industriais avançadas. Há alicerces sociais importantes do estado de bem-estar que refletem seu valor percebido para a comunidade, sendo este um meio adequado de atender a certas necessidades, individuais ou coletivas. Também se percebe que critérios que não são os de mercado são apropriados para decisões relativas à produção e alocação de bens para satisfazer tais necessidades. (King, 1988, p54)

Segundo Draibe (1997), o Estado de Bem-Estar-Social foi pensado para economias em crescimento. As inversões em rubricas sociais eram elevadas em função da alta produtividade, e quando a economia entra em crise, essas políticas não podem mais ser sustentadas.

As idéias liberais, então, são retomadas e atualizadas com a crise do capitalismo, e a receita proposta é a diminuição dos gastos sociais e o enfraquecimento do poder dos sindicatos. A estabilidade monetária é o fim a ser alcançado para qualquer nação. Segundo Anderson (1995, p.11), "... seria necessária uma disciplina orçamentária, com

a contenção de gastos com o bem-estar e a restauração da taxa 'natural' de desemprego, ou seja, a criação de um exército de reserva de trabalhadores para quebrar os sindicatos," bem como a redução de impostos sobre o capital. A desigualdade dinamizaria a economia, e o crescimento econômico seria retomado.

Segundo Heloani (2003), o liberalismo propriamente dito está ligado às revoluções antiabsolutistas, dos séculos XVII e XVIII na Europa e ao processo de independência norte-americano. Essa doutrina defende o "direito à propriedade, à livre iniciativa e à concorrência, a ampla liberdade individual e a democracia representativa, com a devida independência dos poderes legislativo, judiciário e executivo" (p. 100). O neoliberalismo é uma doutrina do pós-guerra, que indica estabilidade monetária como meta (alcançado pela diminuição das inversões sociais), reformas fiscais (diminuição de impostos) e um Estado capaz de sanear as finanças e controlar os sindicatos.

O Banco Mundial estabelece, em função da crise de endividamento, "condicionalidades" para empréstimos a países participantes, determinando reajustes estruturais na economia dos países em desenvolvimento.

Essas condicionalidades impõem um amplo conjunto de reformas "... liberal, privatista, de abertura ao comércio exterior e ortodoxa do ponto de vista monetário..." (Soares, 1998, p23). Tais políticas, que responderam aos interesses do capital internacional em rápido processo de globalização, levaram o nome de "Consenso de Washington", que tem como eixos principais:

> 1. equilíbrio orçamentário, sobretudo mediante a redução de gastos públicos;
> 2. abertura comercial, pela redução das tarifas de importação e eliminação de barreiras não-tarifárias;
> 3. liberalização financeira, por meio da reformulação das normas que restringem o ingresso de capital estrangeiro;
> 4. desregulamentação dos mercados domésticos, pela eliminação dos instrumentos de intervenção do Estado, como controle de preços, incentivos etc.;
> 5. privatização das empresas e dos serviços públicos. (Soares, 1995, p.23)

A ideologia do Estado do Bem-Estar-Social responde de forma funcional à economia de recuperação no período após a 2ª. Guerra Mundial, além de ser um instrumento de combate à expansão da influência da União Soviética pelo mundo. Numa economia em crescimento, a meta do pleno emprego preconizado pelo keynesianismo é amplamente acolhida na esfera produtiva pela exacerbação da divisão técnica de trabalho proposta pela metodologia taylorista/fordista no chão da fábrica. O cálculo de tempos e métodos e a redução das atividades a um mínimo de ações por trabalhador possibilitam a ampliação de postos de trabalho e o conseqüente aumento de lucratividade do capital.

O pleno emprego não significa apenas que a maioria dos cidadãos estão empregados mas também que o capital explora ao máximo a capacidade instalada de produção.

Por isso, uma expressiva quantidade de trabalhadores é incorporada no setor industrial, já que não são exigidos conhecimentos complexos e habilidades muito específicas para o exercício das atividades laborativas.

No final da década de 1960, o mundo conhece uma reação (primeiramente não organizada) ao sistema extremamente repetitivo e monótono do trabalho na base taylorista/fordista: o enorme absenteísmo e a exagerada rotatividade de mão-de-obra (turnover).

Heloani (2003, p.92) indica que, em 1972, a taxa de *turnover* de uma fábrica de manufatura eletrônica francesa atingiu o pico de 27% entre os operários. Em Bancos norte-americanos e franceses, as taxas de *turnover* se inscrevem entre 20, 40 e até 80% em função do desinteresse provocado pelo trabalho taylorizado, isto é, fragmentado parcelarizado.

Nesta época, também se aventa o problema de excesso de formação educacional, que qualifica em demasia o trabalhador em função dos baixos requisitos necessários para o exercício das ocupações. O profissional tenderia para a insatisfação, o que traria desmotivação e baixa produtividade em decorrência do não-aproveitamento de todas as suas capacidades. As conseqüências, segundo Carnoy & Levin, seriam o aumento da taxa de rotatividade dos empregados, alcoolismo, absenteísmo, sabotagem e drogadicção. (1987, p. 199)

Segundo Heloani (2003, p.105)

> Os altos índices de absenteísmo e turnover, características da crise do *modo de regulação fordista* do trabalho, fizeram com que o capital necessitasse criar mecanismos para atrair a adesão dos trabalhadores. Outros elementos que contribuiram para essa mudança foram os limites do fordismo-fayolismo, ou seja, a cisão dogmática entre elaboração e execução, a fragmentação e conseqüente especialização extremadas (gerando insatisfação e alienação), a tendência ao crescimento desmesurado do capital fixo (economicamente inviável) e a rigidez no sistema de produção de massa para uma demanda cada vez mais diversificada e exigente. (Heloani, 2003, p.105)

Pode-se concluir que o capitalismo tem dois motivos importantes para alterar o modo da realização do trabalho, tanto no chão da fábrica quanto nos escritórios. O primeiro, a crise econômica e o segundo, a desmotivação do trabalhador frente a um trabalho desgastante e monótono, provocado pela rotinização e fragmentação das atividades nas linhas de montagem.

A esfera produtiva, então, se realinha mais ainda para enfrentar a nova competição provocada pela Globalização da Economia. A produção flexível e novos modelos de gestão dos recursos humanos são implementados.

O novo momento exige outros padrões de produtividade. O denominado modelo toyotista ou japonês ganha repercussão. alterando a forma de produzir bens e serviços. Para Ricardo Antunes, os novos "processos de trabalho emergem onde o cronômetro e a produção em série e de massa são 'substituídos' pela flexibilização da produção, pela

‘especialização flexível’, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado”. (Antunes, 1995, p.16).

Para esse autor, a desproletarização do trabalho industrial, a expansão do trabalho assalariado no setor de serviços, a heterogeneizização do trabalho pela incorporação do contingente feminino no mundo operário e a expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, terceirizado são as conseqüências das metamorfoses do mundo do trabalho. (Antunes, 1995)

Como diz Heloani (2003), o processo de flexibilização neoliberal, também chamado de pós-fordismo, assume vários significados, indicando que o próprio conceito é flexível. O autor cita Salerno (1985), que localiza 5 formas de compreensão do fenômeno: 1) relativo ao postos de trabalho, apontando a necessidade da polivalência do trabalhador; 2) relativo à organização da produção, que tem como objetivo, via automação eletrônica, adequar os instrumentos de trabalho à demanda; 3) relativo à diminuição de encargos, relacionada à contratação de mão-de-obra por meio de nova legislação do trabalho e diminuição da carga fiscal; 4) relativo ao salários, que passariam a variar de acordo com a produtividade e desemprego; 5) relativo aos contratos de trabalho, que levariam à variação do emprego, jornada e local de trabalho.

Como conseqüência, observamos a expansão do desemprego estrutural, que é acompanhado pela diminuição do operariado tradicional, o que traz alterações qualitativas importantes na forma de ser do trabalho nas indústrias. Ocorrem dois fenômenos contraditórios nos requisitos necessários para o exercício do trabalho: por um lado, temos a intelectualização de uma parte da classe trabalhadora e por outro, uma grande desqualificação introduzida pelo trabalho multifuncional. Segundo Antunes, isso significa um “ataque ao saber profissional dos operários qualificados a fim de diminuir seu poder sobre a produção e aumentar a intensidade de trabalho”. (1995, p.53)

No entanto, é importante fazer notar que o modelo flexível de acumulação e produção não é introduzido de maneira universal em toda a cadeia produtiva. As empresas que usam tecnologias de ponta e sistemas organizacionais enxutos e modernos, têm como política terceirizar parte dos processos industriais (algumas chegam a terceirizar todo o processo produtivo) como estratégia de diminuição de custos, contratando empresas que se organizam nos moldes anteriores de gestão de mão-de-obra e no uso de tecnologias mais atrasadas. Portanto, há a necessidade de prudência ao se analisar o modelo de produção. Não corresponde à realidade que todas as empresas já estejam submetidas ao modelo toyotista e que todos os trabalhadores, sem distinção, tenham funções flexíveis no exercício do trabalho. Como diz Antunes,

> No estágio atual do capitalismo brasileiro, enormes enxugamentos da força de trabalho combinam-se com mutações sóciotécnicas no processo produtivo e na organização do controle social do trabalho. A flexibilização e a desregulamentação dos direitos sociais, bem como a terceirização e as novas formas de gestão da força de trabalho implantadas no espaço produtivo, estão em curso acentuado e presentes em grande intensidade, coexistindo com o fordismo, que parece ainda preservado em vários ramos produtivos e de serviços, ... Mas quando se olha o conjunto da estrutura produtiva, pode-se também constatar que o

> fordismo periférico e subordinado, que foi aqui estruturado, cada vez mais se mescla fortemente com novos processos produtivos, em grande expansão, conseqüência da liofilização organizacional, dos mecanismos próprios oriundos da acumulação flexível e das práticas toyotistas que foram e estão sendo assimiladas com vigor pelo setor produtivo brasileiro. (2006, p. 19)

A habitação, a saúde e a previdência social foram os setores de atenção do período do Welfare State, como estratégia de reconstrução dos países atingidos pela 2ª. Grande Guerra. À educação se destinava o papel de "gerar antídotos ideológicos para os fatores subjetivos que conduziram ao fascismo e à guerra, e não foi irrelevante naquele momento a crença no papel da educação como instrumento de formação para a democracia." (Paiva, 1991, p.184)

Os anos de 1940 e 1950 marcam a expansão da escolaridade nos Estados que comungam a ideologia do bem-estar-social, principalmente a educação secundária, uma vez que a educação básica já havia atingido a universalidade em tempos anteriores. A década de 1960 assiste à expansão do ensino universitário.

A discussão da relação entre educação e trabalho tem longa data e marca o embate ideológico entre visões liberais e materialistas históricas.

Para Paiva, "... a conexão entre a questão educacional e a da cidadania e do bem-estar, da estabilidade social e das formas de combate ao pauperismo é inquestionável. Se a educação avança em conexão com o nível de riqueza social, não apenas ela contribui para gerá-la como também sua tematização sempre esteve vinculada aos problemas levantados pelo binômio afluência/privação, ainda quando a preocupação fundamental muito freqüentemente se tenha situado no disciplinamento dos pobres e em seu correlato, ou seja, a sua incorporação à ordem ou, dito de forma mais moderna, à geração entre eles de um desejo de 'proletarização ativa' espontânea." (Paiva, 1991, p.184)

Entretanto, a posição defendida por Paiva não é consensual. Offe, por exemplo, faz críticas tanto a liberais quanto a marxistas quando eles consideram, ao se referirem ao planejamento educacional e à economia da educação, haver uma exigência cada vez maior da qualificação abrangente da força de trabalho. O pressuposto daquela posição é que na nova economia as atividades laborais são mais complexas em função da substituição das tarefas repetitivas e das novas formas de regulação do trabalho. Tal visão se apóia em duas suposições, baseadas na empíria: 1º. "...determinadas transformações da demanda do sistema ocupacional são subordinadas ao tipo e à quantidade das exigências feitas à força de trabalho...", 2º. '...o processo de educação formal realmente conduz à produção daquelas qualificações." (Offe, 1990, p.15 e 16).

Caso as duas suposições estejam corretas, ter-se-ia de aceitar a idéia da função adaptativa do sistema educacional. Mas, para Offe, "...não existe uma diferença tão clara entre o nível de qualificação médio dos trabalhadores nos diversos setores, especialmente entre os do setor secundário e os do terciário, que ofereça motivo

suficiente para afirmar um deslocamento qualitativo em favor do terciário ou uma elevação qualitativa do nível de qualificação exigido da força de trabalho em seu conjunto". (Offe, 1990, p.17)

Existem pistas para afirmar que ocorre exatamente o contrário. Com o aumento da qualificação da força de trabalho, há um aumento dos requisitos na contratação dos trabalhadores, sem que isso seja realmente necessário. Dito de outra forma:

> o sistema educacional se expande, o sistema ocupacional pode se permitir tornar-se "seletivo" em suas relações de demanda e elevar seus critérios de aceitação para tarefas que, de forma alguma, se tornaram mais exigentes, sem precisar – nesta compra de qualificação supérflua – confrontar-se com preços mais altos que devam ser pagos à força de trabalho. À medida em que os níveis educacionais se elevam, os empregadores tendem, quando podem, a subir os requisitos educacionais para os empregos. (Offe, 1990, p.18)

Manfredi corrobora com a posição, ao afirmar que investigações "...recentes que têm por objetivo o estudo dos processos de trabalho nos setores mais dinâmicos da economia capitalista mostram sinais de intensificação do ritmo de trabalho, e não de incorporação de conteúdos mais elaborados e de maior autonomia. (Manfredi, 1992, p.46)

Paiva aponta ainda que a intensificação no uso da microeletrônica, na produção flexível, tende tornar superada a "velha" divisão técnica do trabalho pela exigência de habilidades abstratas dos trabalhadores manuais e de habilidades técnicas dos trabalhadores intelectuais. "Por isso mesmo, a nova era exige a elevação geral da qualificação média da população não apenas para atender ao trabalho industrial mas também para a incorporação ao terciário (para o qual deslocou-se a maior parte da força de trabalho podendo-se prever o final de sua capacidade de expansão) e também para o consumo de bens duráveis que exigem conhecimentos e mesmo raciocínio abstrato em sua manipulação." (Paiva, 1991, p.191) Além disso, a autora afirma que os desempregados denominados por ela, não por acaso, de "excluídos do mercado formal de emprego", estariam procurando outros modos de sobrevivência como, por exemplo, as alternativas mais solidárias, tais como o "auto-emprego" que, por si só, exigiria níveis elevados de educação.

No modo taylorista/fordista de produção, as habilidades e conhecimentos para o exercício do trabalho eram denominados de "qualificação". A grosso modo, entendia-se a busca de qualificação como o aprendizado de conteúdos e técnicas para o desempenho de uma função. Na produção flexível, passa-se a utilizar o conceito de "competência", que seria o preparo para o desenvolvimento de atividades distintas, com predisposição, em termos atitudinais, para a resolução dos problemas que podem surgir na nova forma de produção, exigindo a capacidade de aprender a todo o momento e a capacidade de interseção com os outros trabalhadores. Como diz Offe, "... passa a ser exigida de forma crescente, não os conhecimentos e capacitação talhados para determinados empregos e profissões, mas a 'meta-capacitação' – ou seja, o poder ajustar-se ao ritmo da transformação técnica, organizatória e econômica

e suas correspondentes exigências concretas (e em rápida transformação) no plano de trabalho, que passa a solicitar sempre novos conhecimentos. A dominância de uma exigência deste tipo, que freqüentemente é discutida sob as siglas de 'mobilidade', 'disponibilidade', 'educação permanente', suprimiria a separação temporal e institucional entre a demanda e a utilização das qualificações, entre a aprendizagem e o trabalho". (Offe, 1990, p.21)

O desemprego é a temática fundamental neste novo momento. As empresas enxutas em termos organizacionais e tecnologicamente avançadas precisam um número menor de trabalhadores. O sistema educacional então teria como missão não só "assegurar o atendimento à demanda do sistema ocupacional com força de trabalho qualificada (...) mas de (...) colocar a força de trabalho ocupada, tanto quanto possível, de forma duradoura, em condições de suportar as transformações na estrutura qualitativa e quantitativa do sistema ocupacional e poder, desta forma, obter um salário contínuo."(Offe, 1990, p.31)

O próprio sistema educacional acaba por ser utilizado também como regulador do mercado de trabalho, ao retirar parcelas de trabalhadores para a devida requalificação ou para a instalação de novas competências.

A mobilidade social sempre foi aliada, no liberalismo, à educação. Conseguiam alcançar ascensão social aqueles que fossem mais escolarizados. A ascensão nos degraus da escala social estariam condicionalmente determinados pela quantidade de tempo passado na escola e, por conseqüência, de diplomas conquistados.

O discurso recorrente da causa da alta taxa de desemprego quase sempre aponta para a baixa qualificação do trabalhador e nunca para o modelo de descarte de mão-de-obra, modelo este que, na atualidade, usa intensamente a tecnologia para a substituição maciça de trabalhadores.

Apesar de ser responsabilizada pelas taxas de desemprego, a educação não sofre grandes modificações como política de Estado. Paiva (1991) afirma que, desde a revolução industrial, o sistema público de ensino, no mundo, vem atendendo, cada vez mais, a grandes parcelas da população. Nos países capitalistas avançados, já atingiu a universalidade de atendimento nos níveis fundamentais e médios e tende a conquistar isso também no nível superior. A Educação, como política pública, foi estatal antes, durante e depois do Estado de Bem-Estar-Social. Mesmo em tempos neoliberais, com sua política de Estado Mínimo, a educação não saiu da esfera de ação pública.

No Brasil, pode-se observar o mesmo fenômeno. A educação continua pública para a maior parcela da população e vem aumentando suas taxas de cobertura. Praticamente, já se alcançou a cobertura total de atendimento no ensino fundamental, apesar da baixa qualidade do serviço. Há um esforço em aumentar a taxa de abrangência no nível médio, o que já foi conquistado há algum tempo nas sociedades avançadas. Logicamente, isso traz como conseqüência uma maior demanda pelo

acesso ao nível superior de populações que antes não atingiam esse estágio em função da baixa escolaridade.

"O trabalho continua, apesar de alguns vislumbrarem uma sociedade sem trabalho, como categoria central de análise, de produção e reprodução da vida. Mesmo para aqueles sem trabalho, tal atividade é a que norteia a construção de valores e o sentido da existência. A educação faz parte deste mundo – o que não é a construção da cidadania, numa economia capitalista, senão a participação na sociedade como membro ativo, isto é, trabalhador, sujeito de direitos e possibilidade de consumir?" (Bock, 2003, p. 375)

No atual discurso neoliberal, a escola aparece como a grande redentora dos problemas estruturais do capitalismo no que se refere ao desemprego. Por meio da qualificação promovida por ela, os desempregados adquiririam condições de disputar um mercado de trabalho profundamente congestionado e intencionalmente contido.

A ideologia, como entendida por Chauí (1980), que se realiza por meio de um discurso que contém lacunas, faz-se aqui exemplarmente presente. Se há uma verdade na afirmação do parágrafo anterior, de que num mercado saturado consegue emprego o individuo mais qualificado, desde que não haja esquemas de proteção na seleção, há também uma inverdade (oculta) que propõe que se acredite que por si só a maior qualificação pretendida para a maioria da população acarretaria uma maior oferta de empregos.

As populações pobres do Brasil, que estão ampliando sua participação nos degraus escolares em função de políticas públicas que ampliam a oferta de vagas no ensino básico público e no ensino universitário privado e de um discurso que reputa a escolarização como escada para a ascensão social, ainda não têm assegurada a discussão a respeito de suas escolhas profissionais. A idéia de que o encaminhar profissional é natural e espontâneo ainda prevalece, acrescido daquela de que, para populações empobrecidas, a escolha profissional não teria o menor sentido em função das necessidades econômicas prementes dessa população.

II) O Sentido e o Significado na Escolha Profissional

Vigostski debateu, em sua obra, a importância do estudo da pensamento e da linguagem para a compreensão da natureza da consciência humana.

> Pesquisas eficazes mostram, a cada passo, que a palavra desempenha o papel central na consciência e não funções isoladas. ... Ela [a palavra] é a expressão mais direta da natureza histórica da consciência humana.
>
> A consciência se reflete na palavra como o sol em uma gota de água. A palavra está para a consciência como o pequeno mundo está para o grande mundo, como a célula viva está para o organismo, como o átomo para o cosmo. Ela é o pequeno mundo da consciência. A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana. (Vigotski, 2001, p.486)

O autor indicou, em seus estudos, o significado da palavra como uma unidade de análise, na medida que reflete a unidade do pensamento e da linguagem. Afirmou que o significado da palavra é um fenômeno do discurso e do pensamento. " É um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a *unidade* da palavra com o pensamento". (2001, p. 398) O autor indicou, ainda, nos estudos sobre pensamento e palavra, que os significados desta se desenvolvem, e com isso inaugurou um novo pensamento e um novo método para lidar com a questão psicológica.

Ao lado da noção de significado, introduziu a de sentido, diferenciando esses termos (a partir da noção de Paulham), reforçando a idéia de que o sentido " ... é a soma de todos os fatos psicológicos que ela [a palavra] desperta em nossa consciência". (2001, p.465)

Pensamento, palavra e linguagem apresentaram-se, a partir da obra de Vigostski, em uma relação indissociável, superando as leituras que fragmentavam ou tomavam esses processos de forma separada. O autor criticou todas as iniciativas científicas que decompunham essa totalidade nos seus elementos constituintes, pensamento e linguagem, e que com isso perdiam as propriedades da totalidade, fechando o caminho para a explicação.

"Nós assemelhamos o pesquisador que aplicava esse método a uma pessoa que, ao tentar explicar por que a água apaga o fogo iria tentar decompor a água em oxigênio e hidrogênio e ficaria surpresa ao perceber que o oxigênio mantém a combustão enquanto o hidrogênio é inflamável." (Vigotski, 2001, p. 396/397).

A linguagem ocupou, assim, lugar importante na produção vigotskiana e de seus seguidores, pois constituiu-se e constitui-se um fator essencial na formação da consciência. Permitiu ao homem, no seu desenvolvimento como espécie, desligar-se da experiência direta e garantir o surgimento do que chamamos de imaginação, base da criatividade.

Todo processo de construção subjetiva humana tem sua base a partir de Vigostski e de seus seguidores, na relação da atividade do homem como uma atividade significada, isto é, objetividade e subjetividade aparecem como âmbitos de um processo de relação do homem com o mundo material, relação essa que os modifica

O homem atua transformando o mundo a partir de sua atividade, mas não internaliza os objetos, nem os seus gestos, mas a sua significação. "Os significados são, portanto, produções históricas e sociais, são eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências... referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades". (Aguiar e Ozella, 2006, p.226)

No campo vigotskiano, a discussão do sentido e significado vem ganhando cada vez maior relevância. Talvez porque seja na diferença dos dois conceitos que se situa mais claramente a distinção da abordagem sociológica e psicológica de um fenômeno humano. Explicando melhor: quando os estudiosos mais críticos da Psicologia empreenderam sua crítica à visão naturalizante, liberal, estática, autonomista e positivista do ser humano, na qual a Psicologia tradicional se pautava, aproximaram-se, para compreender o sujeito como fruto de multi-determinações, de visões econômicas e sociológicas. Não havia referenciais conhecidos para outra abordagem, e as produções ainda estavam sob um fundamento dicotômico, no qual sujeito e mundo social, mundo social e mundo psicológico eram tomados como estanques e polarizados, o que obrigava o teórico a escolher se sua visão se aproximava mais de um pólo ou de outro. Assim, a busca por uma posição menos internista e fechada no sujeito levou a posições que se apoiavam na ciência econômica e na sociologia.

Gonçalves e Bock (2003) apontam que a impossibilidade metodológica de abordar a relação indivíduo e sociedade de maneira dialética fez com que, desde os primórdios da Psicologia, se mantivesse uma visão dicotômica dessa relação, entendendo o individuo e sociedade como independentes um do outro. Rompida a relação, vamos assistir ao desenvolvimento de

> ...visões naturalizantes e a-históricas, dominantes na Psicologia, que nos levam a acreditar que somos o que a natureza humana contida em nós determina. Assim, criamos, no âmbito da Psicologia, uma noção de verdadeiro eu, que nos leva a desvalorizar as influências sociais, tomadas como pressões que nos impedem de sermos o que 'naturalmente' e 'verdadeiramente' devemos ser. Quantas vezes nos perguntamos se o que somos tem a ver com o que os outros querem que sejamos, com o que os outros esperam; quantas vezes nos perguntamos se eu sou 'eu mesmo' ou outra coisa que é determinada pelo social, demonstrando claramente essa visão. (Gonçalves e Bock, 2003, p.43)

Na orientação profissional, a busca desse "verdadeiro eu" está muito presente. A pessoa que procura um serviço traz como demanda, quase sempre, a idéia de que precisa de uma ajuda para discriminar quem ela é de fato, diferente do que se tornou a partir das influências quase sempre negativas do meio. A noção de vocação compreendida como chamamento interno ou divino reforça a visão de que há um ser puro e portanto, mais

verdadeiro do que aquele que se apresenta obscurecido e muitas vezes falso, resultado da relações sociais estabelecidas.

A perspectiva dicotômica também está presente quando se faz a crítica, na orientação profissional, ao caráter alienado presente nas teorias tradicionais fundamentadas na visão liberal de homem

Buscando uma visão totalizante e mais crítica da escolha profissional, procurou-se, na Economia e na Sociologia, os referências para a denúncia da ação tradicional (leia-se positivista). Com a denominação de Teorias Críticas, como nomeado em nossa dissertação de mestrado, mostramos que as ações e teorias anteriores estavam impregnadas da ideologia liberal sem, no entanto, declararem-se claramente como tal. Apontou-se, naquele trabalho, que as teorias críticas foram um grande avanço no campo da Orientação, mas que continham uma contradição não explicitada – não discutiam e nem procuravam entender o que ocorria no âmbito subjetivo do individuo. Com maior ou menor intensidade, os dois principais autores dessa abordagem, Ferretti (1988a) e Pimenta (1979), estavam mais preocupados em entender e denunciar a sociedade autoritária e opressiva que inculcava de forma até violenta seus ideais, crenças e objetivos e se valia da orientação profissional como um trunfo para tal. No que se refere à escolha profissional, indicavam que a realidade econômica não permitiria qualquer esboço de escolha para as camadas empobrecidas da sociedade brasileira, retirando a importância da presença do sujeito na teorização.

Naquela dissertação, indicamos que os autores das teorias críticas em orientação, motivados até pelo contexto social, econômico e político da época em que elaboraram seus trabalhos, avançaram na superação da dicotomia, mas, neste esforço, pode-se dizer que não dedicaram atenção à existência do individuo diferenciado da sociedade ou do grupo/extrato social a que pertencia. Vivia-se o tempo da visão reprodutivista, que considerava a educação como aparelho ideológico do Estado. Não se considerava a categoria da contradição nem no âmbito da instituição, nem na esfera do individuo. Era como se todos se comportassem e pensassem da mesma forma, desconsiderando a singularidade de cada um, portanto reféns de uma ideologia totalizante, que não permitiria dissensões. Realmente, a ditadura militar, com sua censura e perseguição política, esperava que isso acontecesse. Mas, aceitar que de fato ocorreu no nível do individuo e dos grupos sociais, seria aceitar que a história teria parado e que os cidadãos teriam se transformado em meros autômatos, robôs sem nenhum grau de autonomia. Sem dúvida, não podemos deixar de considerar que era o que se pensava à época, pois a ditadura fora tão longa que se acreditava não mais se poder viver em outra situação, ou seja, as condições sociais e políticas do período incentivavam produções teóricas desta natureza.

Elis Regina cantava "Aos nossos Filhos" que, apesar de esperançosa de uma mudança, relegava à próxima geração tal vivência, já que não via possibilidade disso acontecer num prazo próximo.

Aos nossos filhos

Ivan Lins e Vitor Martins

Perdoem a cara amarrada
Perdoem a falta de abraço
Perdoem a falta de espaço
Os dias eram assim

Perdoem por tantos perigos
Perdoem a falta de abrigo
Perdoem a falta de amigos
Os dias eram assim

Perdoem a falta de folhas
Perdoem a falta de ar
Perdoem a falta de escolha
Os dias eram assim

E quando passarem a limpo
E quando cortarem os laços
E quando soltarem os cintos
Façam a festa por mim

Quando lavarem a mágoa
Quando lavarem a alma
Quando lavarem a água
Lavem os olhos por mim

Quando brotarem as flores
Quando crescerem as matas
Quando colherem os frutos
Digam o gosto pra mim

Em nossa dissertação, apontávamos que a "...abordagem sócio-histórica, da mesma maneira que a perspectiva crítica, questiona a forma de aproximação dos indivíduos com as ocupações através do modelo de perfis, não por negar o indivíduo, mas por negar a **concepção liberal** de indivíduo . Por isso se faz necessário construir outras formulações que expliquem essa aproximação". (Bock, 2001, p.42)

Afirmávamos, assim, que era necessário resgatar a noção de sujeito, a noção de indivíduo, diferentemente da construção positivista e liberal predominante.

Ainda na mesmo trabalho citado afirmávamos:

> Em 1989, o autor desta pesquisa, afirmava que o indivíduo '... é e não é ao mesmo tempo reflexo da sociedade, da mesma forma ele é e não é ao mesmo tempo autônomo em relação a ela. Relativamente à questão da escolha, também poderíamos dizer que o indivíduo escolhe e não escolhe (sua profissão ou ocupação) ao mesmo tempo". (Bock, S., 1989, p.16). Mas, hoje, compreende que há uma certa incorreção na afirmação, por manter de forma ainda dissociada a sociedade e o indivíduo. Mas, mesmo assim, para fins didáticos, manter-se-á a afirmação, porque provoca a reflexão e assinala claramente a diferença dessa abordagem com as teorias tradicionais e críticas. Quando se diz que o indivíduo escolhe e não escolhe sua profissão ao mesmo tempo, está se tratando da questão da liberdade de escolha. De acordo com a classe social de origem do indivíduo, ele tem mais ou menos liberdade para decidir, mas que, no entanto, sempre será multideterminada.
>
> Assim, para as pessoas das classes mais privilegiadas, há determinação social: portanto, não se trata de liberdade absoluta. Da mesma forma, para os indivíduos das classes subalternas, há possibilidade de intervenção sobre sua trajetória: portanto, não há determinação social absoluta. Na perspectiva sócio-histórica não se reconhece como meramente ideológica a possibilidade de escolha das classes subalternas. Ao contrário, entende-se que nisto reside a possibilidade de mudança, de alteração histórica, ao reconhecer que os indivíduos podem, de certo modo, intervir sobre as condições sociais, através

> de ações pessoais e/ou coletivas. Não se pretende, com isto, resgatar a concepção liberal de homem; da mesma forma, não se assume que se superarão todos os obstáculos colocados pela realidade por mera vontade pessoal, mas que as pessoas podem lutar para mudar as condições em que vivem, tanto individual quanto coletivamente." (Bock, 2001, p.43)

A categoria de "sentido" nos ajuda a avançar para a superação da dicotomia de sociedade e indivíduo e a superar a afirmação de que o "individuo escolhe e não escolhe ao mesmo tempo sua profissão". Ao final deste capítulo, retomaremos essa discussão.

Para González Rey, a categoria sentido faz parte da constituição da subjetividade e permite romper com as dicotomias que marcam o conhecimento da Psicologia: consciente/inconsciente; social/individual; cognitivo/afetivo, "pois o sentido se produz de forma simultânea na integração dessas dimensões". (González Rey, 2004, 52)

A respeito disso, González Rey afirma: "A produção individual de sentido tem sua gênese no encontro singular de um sujeito com uma experiência social concreta. Esse encontro se produz em várias dimensões: o sujeito vivencia e se representa em nível consciente vários elementos da experiência e associados a ela, sobre os quais nos pode falar, elementos que podem ou não ser portadores de sentido. Por sua vez, o sujeito experimenta emoções que não consegue explicar e sobre as quais, às vezes, nem tem consciência. Ambos os níveis de expressão de sentido subjetivo da experiência integram em um unidade indissolúvel a história do sujeito e o contexto social da experiência subjetivada, provocando formas diferentes de conduta, emoções e representações que acompanham a posição do sujeito diante da situação. Todo comportamento nessas condições representa um processo de produção de sentidos que, definido dentro de um sistema de sentidos, atua sobre ele, produzindo novos sentidos. Os recursos psicológicos que se expressam nesses comportamentos dependerão não só do sentido da situação, mas também do repertório do sujeito. (González Rey, 2004, p.51)

Vigostski afirma que a diferença entre sentido e significado introduzida por Paulham presta um grande serviço para a análise psicológica da palavra. O "...sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. ... Tomada isoladamente no léxico, a palavra tem apenas um significado. Mas este não é mais que uma potencia que se realiza no discurso vivo, no qual o significado é apenas uma pedra no edifício do sentido". (Vigotski, 2001, p.465)

Assim, o sentido que os jovens dão às escolha profissionais e às suas trajetórias pessoais devem ser estudados, como já apontado nos objetivos deste trabalho. O discurso dominante pode ser considerado como tendo um significado, mas, como diz Vigostski, é apenas uma das zonas de sentido que o sujeito tem para compreender e se relacionar com a realidade. Os sujeitos constroem sentidos a partir de suas vivências, do significado do discurso, da ideologia dominante e de suas necessidades. . O sentido é irredutivelmente pessoal, único, mas carrega consigo os elementos da vida social, coletiva. É 100% social, mas é também 100% individual. Compreendê-lo, permite dar visibilidade aos modos de construção das escolhas individuais. Permite compreender a relação da ideologia, que vigora e domina na sociedade, e as suas formas individuais de ser, como sentido.

Portanto, a categoria sentido reafirma o sujeito, coloca-o como ativo, participante no processo de compreensão, vivência e intervenção na realidade; ele não é nem reflexo do mundo social e nem psicologicamente autônomo. Constrói sentidos e não faz isso de forma descolada da realidade, mas o faz exatamente porque se insere em uma realidade como sujeito ativo, com todo seu conjunto de vivências, conhecimentos e emoções.

É o sentido que permite a compreensão do mundo social não como algo externo aos indivíduos. Para González Rey, o social é "um outro momento de produção de sentidos associada a condições objetivas e de relação que transcendem os espaços e tempos do individual, e dentro dos quais se produz o desenvolvimento da subjetividade individual." (2004, p.53) O sentido é o que representa a conversão do objetivo em psicológico. Assim, nessa perspectiva que estamos aqui defendendo, sujeito e mundo social são âmbitos de um mesmo processo e se constituem na relação que mantêm um com o outro. Constituem-se mutuamente sem se confundirem e estão em relação exatamente porque o sujeito é ativo e está permanentemente atuando sobre o mundo de forma transformadora. É nesse processo que sujeito e sociedade aparecem. O sentido é categoria que dá visibilidade ao âmbito psicológico, individual desse processo.

Avançando na compreensão dos sentidos, González Rey afirma que são as emoções que regulam a produção de sentidos e para dar conta dessa relação, o conceito de "necessidade" é introduzido.

"A necessidade, em nível subjetivo, representa verdadeiramente um estado emocional que aparece como resultado de um espaço de relação social. À diferença da necessidade primária, que está na base de regulação dos processos biológicos, as necessidades subjetivas aparecem a partir da ativação do sujeito diante de uma situação social da qual participa. A necessidade legitima o caráter social e específico das emoções humanas". (González Rey, 2004, 54)

É importante realçar que o conceito de necessidade aqui introduzido nada tem a ver com a teoria desenvolvida por Maslow no final da década de 40 do século recém-terminado. A teoria da hierarquia das necessidades é muito utilizada ainda nas áreas da orientação profissional, psicologia organizacional, administração e marketing. Num levantamento rápido na parte brasileira do portal de buscas "Google", encontramos

18.500 referências a respeito do autor, só para apontarmos a influência de seu pensamento.

Maslow compreendia as motivações humanas a partir de uma escala de necessidades. Hierarquizada a partir das necessidades fisiológicas, organiza-se em seguida por necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidade de auto-estima e necessidade de auto-realização. Para o pensador, só se passa a uma necessidade superior quando a anterior estiver relativamente satisfeita.

1. ***Necessidades fisiológicas*:** constituem o nível mais baixo de todas as necessidades humanas, mas de vital importância. Neste nível estão as necessidades de alimentação, de repouso, de abrigo, de sexo etc.
   As necessidades fisiológicas estão relacionadas com a sobrevivência do indivíduo e com a preservação da espécie. São necessidades instintivas, que já nascem com o indivíduo. São as mais prementes de todas as necessidades humanas: quando alguma dessas necessidades não está satisfeita, ela determina fortemente a estrutura comportamental do homem.

2. ***Necessidades de segurança*:** constituem o segundo nível das necessidades humanas. São as necessidades de segurança ou de estabilidade, a busca de proteção contra a ameaça ou privação, a fuga ao perigo.

   3.Necessidades sociais: surgem no comportamento, quando as necessidades inferiores (fisiológicas e de segurança) encontram-se relativamente satisfeitas. Entre outras, as necessidades sociais estão relacionadas às necessidades de associação, de participação, de aceitação por parte dos companheiros, de troca de amizade, de afeto e amor.

4. ***Necessidades de auto-estima***: são as necessidades relacionadas com a maneira pela qual o indivíduo se vê e se avalia. Envolvem a auto-apreciação, a autoconfiança, a necessidade de aprovação social e de respeito, de status, prestígio e consideração, de confiança perante o mundo, independência e autonomia. A satisfação dessas necessidades conduz a sentimentos de autoconfiança, de valor, força, prestígio, poder, capacidade e utilidade.

5. ***Necessidades de auto-realização*:** são as necessidades humanas mais elevadas e que estão no topo da hierarquia. São as que permitem a cada pessoa identificar o seu próprio potencial e autodesenvolver-se continuamente. Essa tendência geralmente se expressa através do impulso de a pessoa tomar-se sempre mais do que é e de vir a ser tudo o que pode ser.

Enfim, essas necessidades tomam formas e expressões que variam enormemente de pessoa para pessoa. Sua intensidade e manifestação também são extremamente variadas, obedecendo às diferenças individuais entre as pessoas.

A teoria da hierarquia de necessidades de Maslow pressupõe os seguintes aspectos:

a) Somente quando um nível inferior de necessidades está satisfeito ou adequadamente atendido é que o nível imediatamente mais elevado surge como determinante do comportamento.

Em outros termos, quando uma necessidade de nível mais baixo é atendida, ela deixa de ser motivadora, dando oportunidade para que um nível mais elevado possa se desenvolver.

b) Nem todas as pessoas conseguem chegar ao topo da pirâmide de necessidades.

Algumas pessoas - devido às circunstâncias de vida - chegam a se preocupar fortemente com necessidades de auto-realização; outras estacionam nas necessidades de auto-estima; outras ainda nas necessidades sociais, enquanto muitas outras ficam ocupadas exclusivamente com necessidades de segurança e fisiológicas, sem conseguir satisfazê-las adequadamente. São os chamados "excluídos".

c) Quando as necessidades mais baixas estão razoavelmente satisfeitas, as necessidades localizadas nos níveis mais elevados começam a dominar o comportamento.

Contudo, quando alguma necessidade de nível mais baixo deixa de ser satisfeita, ela volta a ser fator predominante no comportamento, enquanto continuar a gerar tensão no organismo. A necessidade mais importante ou mais premente monopoliza o indivíduo automaticamente a organizar a mobilização das diversas faculdades do organismo para atendê-la. (Pisandelli, 2008)

Não são dessa forma que as necessidades são pensadas no campo vigotskiano. A hierarquia de Maslow pretende explicar a motivação universal do homem. São categorias básicas independentes do sistema econômico em que se vive, do padrão de consumo de um dado país ou região, independentes da cultura, independentes das relações sociais vividas pelo ser humano e ainda independentes de suas próprias emoções. A hierarquia se apresenta a-histórica e, como já dissemos, universal.

"As necessidade são entendidas como um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vistas a sua satistação, dependendo de suas condições de existência" (Aguiar e Ozella, 2006, p.228).

As necessidades são configuradas a partir das relações sociais estabelecidas e podem ou não ser intencionais, isto é, o individuo nem sempre tem controle e consciência da necessidade.Entretanto, não são as necessidades que dão direção ao comportamento. O "... processo de ação do sujeito no mundo a partir de suas necessidades, só vai completar-se quando o sujeito significar algo do mundo social como possível de realizar suas necessidades. Aí sim, esse objeto/fato/pessoa vai ser vivido como algo que impulsiona/direciona, que motiva o sujeito para a ação no sentido da satisfação de suas necessidades. ... Afirmamos, assim que a necessidade não conhece seu objeto de satisfação, ela completa sua função quando o 'descobre' na realidade social." (Aguiar e Ozella, 2006, 228).

Quando a necessidade encontra o objeto de sua satisfação na realidade, pode-se chamá-la de "motivo", que é o que verdadeiramente regula o comportamento e que gera a atividade. Ao compreender como os motivos se configuram, entende-se como os sentidos se constituem.

É necessario reafirmar que o sentido não é algo do mundo interno do individuo, isolado do mundo externo. “A categoria de sentido une inseparavelmente a produção subjetiva a uma história e a um contexto sociais (sic)”. (González Rey, 2004, p.56)

> “O sentido expressa a forma singular e psicológica pela qual se manifesta uma história social, com as sutilezas e desdobramentos que essa situação vai tendo dentro da história única de produção de sentidos que caracteriza uma pessoa ou grupo social. Da mesma forma como ocorre com as pessoas, cada família, bairro, instituição e país têm formas próprias de produção de sentido que afetam de uma maneira ou de outra os sujeitos individuais que os constituem. Em todos esses casos, a relação entre a subjetividade social e a individual é uma relação diferenciada, que tem nos sentidos produzidos a forma concreta que essa relação adotou em nível psicológico. O sentido nunca é uma pegada automática deixada pela influencia sobre um sujeito ou espaço social. O sentido é uma verdadeira produção psicológica de caráter diferenciado. Dessa forma o social deixa de ser uma influencia externa objetiva que define o interno subjetivo e passa a ser um sistema complexo de natureza subjetiva, dentro do qual se desenvolve de forma simultanea seu próprio tecido humano e os sujeitos que o configuram, que são constituintes desse tecido na mesma medida em que se constituem dentro dele.” (González Rey, 2004, p.57)

Agora já se tem condições de retomar a afirmação a respeito da possibilidade de escolha por parte dos sujeitos. Como já referido, nas teorias tradicionais, calcadas na ideologia liberal, é assumido que qualquer individuo sempre escolhe a sua profissão. A escolha é um fenômeno natural e ocorre a partir de caracteristicas pessoais inatas ou adquiridas ao longo da vida. Nessa perspectiva, como apontado em nossa dissertação de mestrado, o individuo pode tudo: o seu lugar na sociedade (status, prestígio), a sua possibilidade de consumo e seu poder são decorrentes das escolhas (inclusive e principalmente profissionais) que realiza. Em síntese, o“... individuo pode tudo”, a escolha sempre existe e o sujeito, independente da economia e das condições sociais que vive, sempre escolhe.

Já na perspectiva crítica, que denuncia que as teorias tradicionais se pautam na ideologia liberal (sem que assumam isso de forma explicita), o indivíduo é submetido e subjugado pelas estrutura da sociedade capitalista. O sujeito não tem alternativas, e a orientação profissional não tem função, uma vez que só serve para divulgar e inculcar a ideologia da classe dominante em seus orientandos. “O individuo não pode nada”, não escolhe nada e, o pior de tudo, nem se apercebe disso.

Na perspectiva “para além da crítica”, aponta-se que a denúncia feita pelos teoricos da perspectiva crítica sobre a perspectiva tradicional está correta, mas despreza a idéia de sujeito, como já apontado neste trabalho. Nesse sentido, reputamos como um avanço trabalhar e fortalecer a idéia da existência do sujeito. Apesar de já se tecer uma pequena crítica, considerava-se, na nossa dissertação de mestrado, didático manter a afirmação de que o “individuo escolhe e não escolhe sua profissão ao mesmo tempo”, que ele é e não é ao mesmo tempo autônomo em relação à sociedade. Hoje, já se tem bastante claro que essa afirmação ainda mantém como entes separados a sociedade e o indivíduo, devendo ser superada.

Sobre a questão das escolhas, Vigostski afirma que "...Lo que más caracteriza el dominio de la conducta própria es la elección". (1995, 285) A liberdade humana, defende o autor, consiste exatamente no que o individuo pensa quando toma consciência da situação. "...El libre albedrío no consiste en estar libre de los motivos, sino que consiste que el niño toma conciencia de la situación, toma conciencia de la necesidad de elegir, que el motivo se lo impone y que su libertad en el caso dado,…., es una necesidad gnoseológica" (1995, p.289)

Nessa perspectiva, afirmamos hoje que todos os seres humanos, ao se defrontarem com a questão profissional, "escolhem". Reiteramos que não estamos recuperando nem aceitando a concepção de homem e sociedade da ideologia liberal. Cada individuo constrói sentidos a partir de suas vivências, e esses sentidos, que são sempre singulares, envolvem emoções que geram motivos.

Essas vivências abrangem tanto o objetivo, como os significados construídos, assim como os sentidos produzidos no espaço social que são perpetuados pelo grupo e/ou sociedade. A isso González Rey chama de subjetividade social, que é definida como "...resultado de processos de significação e sentido que caracterizam todos os cenários de constituição da vida social, e que delimitam e sustentam os espaços sociais em que vivem os individuos, por meio da própria perpetuação dos significados e sentidos que os caracterizam dentro do sistema de relações em que eles atuam e se desenvolvem". (2003, p.205)

Para esse autor, o momento atual do capitalismo produz sentidos supérfluos na população, sempre associados à aparência e ao consumo como objeto de desejo. As pessoas acreditam que suas atividades são fruto de sua vontade mas, "...na verdade, estão governadas pela produção supra-individual de recuros simbólicos que controlam e automatizam a produção de sentidos de pessoas e espaços sociais diversos. Isso faz com que surjam espaços universais que negem as especificidades culturais, nos quais impera aquilo que poderíamos chamar de totalitarismo da média e das formas que respondem aos interesses ideológicos dos grupos econômicos que regem o mundo atual. (González Rey, 2004, P. 56)

A produção de sentidos mantém relações com a qualidade do social, isto é, o ambiente cultural determina o sentido produzido, assim como este sentido determina o ambiente cultural. O "... sentido não representa uma omissão do objetivo e sim uma forma de se representar o processo através do qual o objetivo se converte em psicológico. Assim, os sentidos estão sempre comprometidos com a qualidade do social, seja em uma dimensão téorica ou presente". (González Rey, 2004, p.52)

Se, por exemplo, a escola consegue ser mais reflexiva, profunda e crítica em seu trabalho, possibilitará que seus alunos produzam sentidos certamente diferentes de uma escola, digamos, superficial e acrítica. Tais alunos, em suas ações, promoverão igualmente ambientes culturais mais ricos. Claro está que não será em apenas um único espaço social "rico" que se gerará sentidos mais amplos e profundos, enquanto os outros se manterão pobres. Mas um sentido altera também a compreensão e a ação em outro

ambiente social e talvez entendamos por aí porque vale a pena também trabalhar num plano de alcance aparentemente pequeno, como num grupo de rap ou de funk ou de outro gênero musical, numa luta marcial, numa psicoterapia, num clube de futebol, na escola e em qualquer outro lugar ou espaço e também numa orientação profissional.

Quando usamos o termo "rico" para qualificar um ambiente ou sentido, estamos simbolizando experiências abertas, contraditórias, sempre em movimento e ativas.

Procurando esclarecer o que consideramos a superação da idéia de que o indivíduo escolhe e não escolhe ao mesmo tempo, podemos concluir que, ao formularmos essa primeira idéia, buscávamos dar conta de resgatar a importância do sujeito que escolhe (o sujeito escolhe), sem negar as condições sociais que são importantes determinantes das escolhas (o sujeitos não escolhe). Percebíamos que, nessa concepção, a dicotomia entre sujeito e sociedade, objetividade e subjetividade estava mantida. A superação foi permitida pelas noções de subjetividade social, significado e sentido subjetivo. O sujeito escolhe e essa escolha é um momento de seu processo pessoal de construção de sentidos. Mas essa construção utiliza como recurso ou matéria prima não só a irredutível existência singular dos sujeitos, suas experiências e os afetos que dedica a cada momento vivido, mas o conjunto de significações e de formas de relacionamento e produção social em que acontecem e que circunscrevem as experiências vividas pelo sujeito. A vida social, na qual estão os determinantes importantes das escolhas profissionais, como a ideologia dominante, as formas de trabalho, o funcionamento do mercado, o papel da educação, os valores, os grupos de pertencimento, não é algo externo ao indivíduo. Ao construir sentidos subjetivos sobre a escolha ou sobre o futuro profissional, o sujeito estará também, e ao mesmo tempo, internalizando a vida social e contribuindo para a construção da subjetividade, que é coletiva. Sujeito e sociedade são âmbitos de um mesmo processo. O sujeito escolhe e, para compreender o seu processo de escolha, é preciso estudar seu movimento pessoal (seus sentidos) e o conjunto de significações e condições objetivas e sociais no qual está inserido.

Trabalhar com "sentidos" em Orientação Profissional nos permite, numa direção, compreender a trajetória pessoal e profissional de um sujeito, isto é, entender por que ele fez um determinado caminho e não outro. O estudo de Mansano (2003) é um exemplo desta maneira de pensar. Baseado em Foucault, a autora faz uma interessante investigação para descrever e entender a trajetória profissional de dois sujeitos. A cartografia das trajetórias profissionais serviria "... para acompanhar as mudanças que se operam cotidianamente na realidade social. O meio social, assim como a subjetividade, caracteriza-se por seus processos de transformação e inacabamento. O tabalho do cartógrafo consistiria em acompanhar as alterações que se introduzem na paisagem social por meio desses movimentos subjetivos". (Mansano, 2003, p.76)

Em outra direção, a orientação profissional, como ambiente cultural, crítico e reflexivo, permitirá a discussão dos significados a respeito dos temas envolvidos na escolha profissional, possilitando a construção de sentidos mais profundos e amplos em

direção ao que Agnes Heller (1985) chama de "elevação ao humano-genérico". Para a autora, a vida cotidiana, heterogênea que é, solicita todas as capacidades humanas em várias direções, mas nenhuma com intensidade especial. Ao contrário, a homogeneização possibilita a intervenção na "cotidianeidade"; seria um momento em que toda a atenção está concentrada sobre uma única questão, quando se suspende qualquer outra atividade, quando se emprega toda a "... individualidade humana na resolução desta tarefa" (Helller, 1985, p. 27). Para a autora, só a arte e a ciência alcançam essa homogeneização.

O processo em direção ao "humano-genérico", a homogeneização é um processo que "não se pode realizar arbitrariamente, mas tão-somente de modo tal que nossa particularidade individual se dissipe na atividade humanogenérica que escolhemos consciente e autonomamente, isto é, enquanto indivíduos". (Heller, 1985, p. 27).

Acreditamos que a posição de Heller se aproxima à de González Rey, que dá o nome de "consciência" a esse processo. A "... consciência é a organização pessoal processual, na qual o sujeito participa intencionalmente nos processos de sua vida, o que implica a organização de sua própria linguagem, na reflexão, na elaboração de projetos e no momento construtivo de suas filosofias de vida, de suas crenças e suas representações." (González Rey, 2003, p. 226)

A discussão desenvolvida a respeito de "sentido e significado" traz duas decorrências para este trabalho. Uma dá o contorno metodológico para a análise das falas e escritos do sujeito, isto é, de como os dados obtidos serão trabalhados. A outra está relacionada aos objetivos dessa tese, que se propõe estudar a configuração dos sentidos e significados relativos à escolha profissional de um grupo de ascendência pobre da sociedade brasileira.

III) Alguns estudos em Orientação Profissional com populações de baixa renda

Desde 2001, época em que defendemos a dissertação de mestrado até hoje, ocorreu uma mudança no panorama bibliográfico na área da orientação profissional. Vários títulos foram publicados, o que demonstra o fortalecimento da área e sua abrangência tornou-se mais robusta.

Como demonstrado na tabela 1 abaixo, localizamos 21 publicações específicas que discutem a escolha profissional. Não estamos considerando eventuais artigos relacionados à área publicados em livros e revistas que abordam outras temas e de outras áreas.

Para efeito de verificação sobre o conteúdo destas publicações, classificamos os textos em: 1) Fundamentação Teórica; 2) Relato de Pesquisa; 3) Destinado ao Orientando; 4) Divulgação de programas/técnicas; 5) Relato de experiência. (Uma mesma publicação pode aparecer em vários os itens).

tabela 1 - **publicações mais recentes na área da orientação profissional**						
Obra/autor/ano de publicação		**teórica**	**Relato de Pesquisa**	**Destinado ao orientando**	**divulgação de programas/ técnicas**	**relato de experiência**
1	Adolescências Construídas: A Visão da Psicologia Sócio-Histórica, Sergio Ozella (org.), 2003	1	1			
2	A Escolha Profissional: do jovem ao adulto, Dulce Helena Penna Soares, 2002	1			1	
3	Adolescência e Escolha Profissional no mundo do Trabalho Atual, Caioá Geraiges de Lemos, 2001	1	1			
4	Arquitetura de uma ocupação-orientação profissional: teoria e prática – org. Lucy Leal Melo-Silva...[et al], 2003	1	1		1	1
5	Construindo Caminhos, experiências técnicas em orientação profissional, Inalda Deubeux Oliviera, org., 2000	1			1	1
6	Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (Emep): manual, Kathia Carmem Costa Neiva, 1999				1	
7	Escolha e Inserção Profissionais – desafios para indivíduos, famílias e instituições: orientação profissional: teoria e técnica, v.3, Delba Teixeira Rodrigues Barros, [et AL], 2007.	1				1
8	Escolha Profissional: consciente e/ou inconsciente? Antonio Geraldo de Abreu Filho, 2006	1	1			
9	Escolha Profissional: Projeto de Vida e de Carreira, Silvio Serafim da Luz Filho, 2002.			1		
10	Guia Prático do amadurescente – da escola para a vida adulta – 110 dúvidas, Leo Fraiman, s/d			1		
11	Guias do Estudante, produção anual da Editora Abril			1		
12	Intervenção e Compromisso Social - orientação profissional: teoria e técnica, v. 2 – org. Carmem Célia Pacheco Lassance... [et al], 2005	1				1
13	Intervenção em Orientação Vocacional/Profissional: avaliando resultados e processos, Lucy Leal Melo e André Jacquemin, 2001	1	1			
14	Mitos Familiares e Escolha Profissional: a visão sistêmica, Karina Filomeno, 1997	1			1	1
15	Orientação Profissional em ação: Formação e prática de orientadores, org. Marilu Diez Lisboa e Dulce Penna Soares, 2000	1				1
16	Orientação profissional sob o enfoque da Análise de comportamento de Cynthia Borges de Moura, 2004	1	1		1	1
17	Orientação Vocacional: alguns aspectos teóricos técnicos e práticos, Zandre Barbosa de Vasconcelos e Inalda Dubuex Oliveira, orgs.., 2004	1			1	1
18	Revista da Abop	1	1		1	1
19	Seu emprego no futuro: você é esperto, ágil, flexível? Está empregado, Carmem Nascimento, 2006.			1		
20	Vida e Profissão: cartografando trajetórias, Sonia Regina Vargas Mansano, 2003	1				
21	Orientação Profissional: a abordagem sócio-histórica, Silvio Duarte Bock, 2002	1	1		1	
	Total	16	8	4	9	9
	Total em porcentagem (sobre o total de publicações)	76%	38%	19%	43%	43%

Oito dessas edições estão em formato de coletâneas, representando 38% das publicações, e dentro delas há um grande número de artigos de inúmeros autores, com abordagens diferentes, relatos de experiência em profusão etc., o que demonstra o fortalecimento da área.

Algumas dessas publicações esforçam-se por clarear teorias gerais de explicação do fenômeno da escolha profissional, além da já consagrada vertente denominada Abordagem Clínica, capitaneada por Rodolfo Bohoslavsky (1977 e 1983) e que gerou inúmero artigos e experiências. Afora essa, destacamos a abordagem Psicossocial, que faz uma leitura da escolha profissional, aliando Bourdieu a Bohoslavsky, proposta por Laura Belluzo de Campos Silva(1996); a Orientação Profissional sob enfoque da Análise do Comportamento, proposta por Cynthia Borges de Moura; a abordagem foucaultiana, proposta por Sonia Regina Vargas Mansano (2004) e a Abordagem Sócio-histórica, sistematizada por Silvio Bock (2006).

Acreditamos que hoje, no Brasil, já se tem uma plataforma razoável para a fundamentação dos trabalhos de intervenção, permitindo que os orientadores possam se filiar às vertentes que consideram melhor para explicar o fenômeno da escolha profissional.

Segundo a tabela 1 acima, temos que 76% das publicações abordam questões teóricas o que, a princípio, indica que a necessidade de fundamentação das intervenções já começa a ser respondida.43% das publicações propõem-se a relatar experiências. Igualmente 43% delas divulgam técnicas e programas de intervenção.19% das publicações têm como alvo o próprio orientando trazendo informações e propondo reflexões a respeito da escolha. Por fim, encontramos 43% de publicações que relatam pesquisas científicas na área. Tal dado indica que ainda se investiga pouco neste campo, talvez porque inexistam programas de Pós-Graduação stricto-sensu que aceitem pesquisar temas nesta área, ou ainda por preconceitos ainda existentes sob a temática ou a curta visão de que a orientação profissional se constitui apenas como prática, reduzida a um amontoado eclético de técnicas.

Não faz parte dos objetivos deste trabalho analisar a qualidade dessas publicações. O pequeno levantamento foi realizado com o intuito de localizar as que pesquisam, analisam ou relatam experiências com um público de baixa renda. Nesse sentido, encontramos ainda um número menor de itens, o que demonstra que esse grupo social ainda não se encontra presente nos estudos e nas ações dos orientadores profissionais.

Citaremos todos os que encontramos neste campo, mas iniciaremos com um estudo que não está presente no quadro, por ter sido produzido antes da época que ele abrange, mas, pela sua importância, merece ser destacado. No final do capítulo, apresentaremos pesquisa realizada na Argentina, e por ser obra estrangeira, também não aparece no quadro.

Em 1988, Celso Ferretti publica seu livro “Opção trabalho”: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas, baseado em sua tese de doutorado. Seu objetivo era “identificar e analisar as determinações ...[das trajetórias ocupacionais] desse processo no contexto sócio-econômico onde ocorreu”. (p. 2) Com este estudo, o autor buscava articular o conhecimento obtido a partir da pesquisa com as proposições que vinha fazendo, no sentido de mudar os rumos da Orientação

Profissional, já contido em seu livro "Uma nova proposta de orientação profissional", e em outras publicações. (Ferretti, 1988b).

Ferretti entrevista, em 1983, dez trabalhadores selecionados a partir de rigorosos critérios, que definem a condição de classe do sujeito; a época de inserção na população economicamente ativa (PEA) e os setores em que ocorreram tais inserções. Público diferente do presente estudo, que pesquisa jovens de baixa renda recém-concluintes do ensino médio. A pesquisa de Ferretti (1988b) investiga a trajetória ocupacional de adultos engajados no mercado de trabalho. Seus entrevistados tinham idades que variavam entre 24 e 51 anos, totalizando uma média de 37,6 anos.

Nosso grupo de pesquisados nasceu na segunda metade da década de 1980, e não seria absurdo imaginar que os sujeitos de Ferretti representem a geração de seus pais.

Os entrevistados da pesquisa de Ferretti se iniciam muito precocemente no trabalho, todos entre os 8 e 13 anos de idade. Relativamente à escolaridade, apenas um chega a terminar o ensino médio.O preparo profissional é obtido por um processo que Ferretti denomina de "cavação", isto é, na "curiosidade, na iniciativa, ... na vontade e esforço". (2008b, p.100) Para essas pessoas, a ascensão profissional não se apóia em cursos profissionalizantes, nem em cursos de formação geral. Entretanto, a expectativa em relação a seus filhos é que não só freqüentem a escola mas também que nela permaneçam. Esse projeto para os filhos vislumbra ascensão social para a família, por meio da ocupação de postos "mais altos" na hierarquia do trabalho.

Ferreti conclui sua pesquisa, afirmando que as carreiras de seus informantes

> São entretecidas por escolhas e não-escolhas, num movimento que obedece, em última instância, às determinações econômicas, mas que não se reduz a mero reflexo destas. Se é verdade, que, à exceção de Durval e Silvio, os quais de alguma forma, 'planejaram' preparar-se para ocupações definidas, os trabalhadores entrevistados não escolheram as ocupações que exerciam quando foram abordados, não é menos verdade que alterações sofridas por suas carreiras podem ser creditadas, pelos menos em alguns momentos, a opções que fizeram entre diferentes cursos de ação, e, principalmente que lhes permitissem situar-se no mercado urbano-industrial e serem nele reconhecidos como profissionais.(1988, p.152).

A partir dessas conclusões, podemos nos indagar se os nossos sujeitos farão um percurso profissional semelhante aos informantes da pesquisa de Ferretti, apesar da maior escolaridade que alcançaram, e ainda se a orientação profissional teria algum papel importante nesse processo.

***

Dulce Whitaker, junto com Silvana Onofre (2003), publicam o que classificam como "ensaio", numa coletânea de textos organizada por Lucy Leal e outros, em nome da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP), denominada "Orientação Para o Vestibular: Ensaio sobre uma experiência realizada com jovens rurais". (Whitaker; Onofre, 2003).

Para as autoras, os jovens pobres que vivem em áreas urbanas, quando talentosos, podem chegar à Universidade, caso não disputem os cursos mais concorridos (como os de licenciatura), mesmo sem fazer cursinho. Para os jovens de baixa renda do meio rural, o acesso a uma orientação para o vestibular já seria um grande ganho, uma vez que seria improvável pensar numa orientação profissional para as camadas, denominada pelas autoras de, fortemente exploradas pela sociedade. Seria "... um ganho, uma vez que sua família, destituída do capital financeiro, tem menos oportunidade de acumular o Capital Cultural necessário à compreensão dos processos envolvidos" (Whitaker; Onofre, 2003). As autoras entendem que os jovens do meio rural têm dificuldades de obter informações sobre o vestibular e as profissões, diferentemente dos jovens pobres dos meios urbanos que as conseguem com colegas e parentes que já freqüentam o ensino superior, ou até no seu próprio emprego.

As autoras consideram que a política de criação de cursinhos populares no meio urbano, por meio de ONGs, constitui-se medida afirmativa interessante para lidar com a situação.

A experiência que as autoras relatam ocorre com jovens de um assentamento da reforma agrária e que participam de um cursinho preparatório comunitário. O objetivo da intervenção era oferecer palestras sobre os vestibulares e assistência pessoal para traduzir os códigos envolvidos na seleção.

Para as autoras, a baixa estima dos envolvidos fazia com que não acreditassem que poderiam atingir o nível superior de ensino. As palestras mostravam que existe, sim, "um efeito cursinho" na aprovação do vestibular, mas que também atinge jovens de classe média não sendo, portanto, um fenômeno que prejudique somente eles. Para a surpresa das investigadoras, o grupo se mostrou bastante crítico e indignado quanto à globalização e à ideologia neoliberal, mas cético quanto à possibilidade de ser aprovado no vestibular.

As autoras recebem, em salas da Universidade em que trabalham, os jovens (em dupla) para submetê-los a entrevistas semi-diretivas. Elas advertem que não farão orientação profissional e nem estarão produzindo uma pesquisa formal. Os jovens têm pais que são agricultores e as mães, apesar de serem nominadas donas de casa, também ajudam nas tarefas da roça e às vezes fazem trabalho de faxineiras na cidade mais próxima. Logicamente, todos os pesquisados terminaram o ensino médio.

As autoras destacam a determinação de gênero na vida e na escolha dos sujeitos, e apontam que esse tema não pode ficar ausente em programas de orientação profissional. Nas entrevistas, percebem que o jovem precisa de

> ...orientação específica para o vestibular, e de que mais do que conhecer um campo profissional, ele necessita entrar em contato com suas possibilidades imediatas e as estratégias para alcançá-las. ... o argumento desta exposição é de que precisam saber mais sobre as brechas que podem alargar para chegar à Universidade e as táticas que podem utilizar para vencer as barreiras que consideram intransponíveis. (Whitaker; Onofre, 2003, p. 301)

As brechas e táticas mencionadas se referem a modos de obter a formação superior, prestando "vestibular para um curso de baixa procura que mais se aproxime, não do seu sonho, mas da sua moradia." (Whitaker; Onofre, 2003, p.302). Para as autoras, desses cursos de baixa demanda têm saído muitos profissionais de grande competência para funções diversas. A outra orientação seria informar os alunos de que não se obtém aprovação logo no primeiro vestibular e que devem prestar vestibulares seguidos para conseguirem entrar numa Universidade Pública.

Entendemos a especificidade da intervenção das autoras, que pesquisam jovens de um assentamento rural, que querem e precisam entrar numa universidade pública da redondeza do local de moradia, mas não podemos concordar com as indicações que fazem. A estratégia de ensinar a buscar brechas para essa aprovação, parece-nos ser uma saída mágica, além de meramente pragmática. Não coloca em questão o formato do vestibular, não discute o número reduzido de vagas na universidade pública e nem a política educacional que privilegia o ensino privado nesse grau de ensino.

Sabemos também que, na época do contato com o grupo de jovens, as políticas de inclusão promovidas pelo governo ainda não estavam em vigor, mas perguntaríamos se as mesmas indicações seriam feitas se soubessem delas. Seria melhor fazer o curso superior almejado numa instituição universitária privada, por meio do programa PROUNI ou prestar outro curso com baixa concorrência, para conseguir aprovação num curso em uma instituição pública.

Discordamos também a respeito da impossibilidade de desenvolver programas de orientação profissional junto a esse público, e nos parece uma atitude reducionista promover apenas informações sobre vestibulares. Logicamente, no interior desses programas, estariam inseridas a discussão e informações a respeito dos modos de acesso ao ensino superior.

Como já afirmamos em nosso trabalho de mestrado, defendemos a oferta de programas de orientação profissional para todos, programa entendido como uma oportunidade de síntese de processo educacional, em que cada pessoa possa pensar em si, nas profissões, no mundo em que vive e sobre isso fazer projetos. Defendemos, ainda, que a oferta de serviços como esse não deve se restringir ao sistema educacional, reconhecendo como espaço privilegiado para esta ação, mas também em outros locais, como no postos de intermediação de mão-de-obra públicos, assim como nas instâncias regionais do Ministério do Trabalho, que lidam com a questão do emprego/desemprego para o público que já deixou os bancos escolares.

***

Garbulho, Lunardelli e Schut relatam pesquisa denominada "Orientação Profissional: A Construção de Caminhos e Autonomia com Adolescentes de Classes Populares", numa outra coletânea em nome da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP).A intervenção realizada junto a alunos do ensino médio noturno de uma escola na periferia de Bauru, tinha como objetivo "discutir o sentido e o

significado do trabalho na vida de adolescentes de classes populares" (Garbulho et al, 2005, p.204)

Para as autoras, a orientação profissional com jovens pobres, na perspectiva sócio-histórica, não teria como fim último contribuir para uma escolha profissional. Ao contrário disso, deveria instrumentar esses jovens a se apropriarem de conhecimentos técnicos e científicos para que sua autonomia, enquanto seres políticos, fosse desenvolvida.

Não discordamos que tais objetivos sejam fundamentais, mas consideramos que num trabalho denominado orientação profissional, a idéia de ajudar o jovem a construir projetos profissionais deve ser o fio condutor e o objetivo final do trabalho.

As preocupações que as autoras expressam para planejar o trabalho fazem todo o sentido numa intervenção que se pretenda crítica. 1) "Como discutir possibilidades de escolha com adolescentes que compreendem a exclusão como sendo natural, seja por vontade divina ou má sorte?"; 2) "Como mostrar a estes jovens a contradição existente na sociedade como um todo e não somente dentro do contexto onde vivem?"3) "Como falar em compromisso social (aspecto fundamental do conceito de trabalho) quando a motivação é a sobrevivência?" 4) Como discutir reais possibilidades de escolha numa situação de exclusão?". (Garbulho et al, 2005, p.209)

São excelentes perguntas para iniciar um trabalho e, acreditamos, não seriam apenas questões para direcioná-lo com esse público. A preocupação demonstra uma mudança de olhar sobre a questão da escolha profissional como um todo. Não são temas que seriam objeto de reflexão, nem questionamento numa abordagem acrítica, tradicional, liberal.

O grupo atendido pela intervenção era composto por 12 jovens com idades entre 16 e 21 anos, que cursavam a 2ª. ou 3ª. série do ensino médio no período noturno. A maioria deles trabalhava na época da pesquisa.

Como na nossa pesquisa, os autores constatam, nos sujeitos, a precariedade no uso da linguagem, apresentando dificuldades na interpretação de textos, em escrever textos sem erros de ortografia e concordância e dificuldades de abstrair e generalizar os conteúdos discutidos.

Também, de forma semelhante em, nossa pesquisa, como veremos à frente, as autoras constatam que, na maioria dos casos, os jovens iniciaram as atividades com uma determinada escolha e terminaram o processo sem alterá-la. Alertamos que situações semelhantes ocorrem com outros grupos sociais. No caso da dissertação de mestrado, que se debruçou sobre um público de classe média, apesar do discurso inicial indicando a dificuldade de decisão, constatamos que, ao final do programa, a maioria dos jovens apontava como opção uma das profissões que já haviam aventado antes de entrar no programa. (Bock, 2001, p.135)

O que precisamos entender é por que esses jovens se mostram tão mais determinados no que se refere à sua escolha profissional do que seus pares de classes mais privilegiadas. Além disso, necessitamos verificar a qualidade dessa decisão, isto é, quais elementos os sujeitos consideram para apontar este seu caminho específico no início e no final do trabalho. As autoras constatam, na avaliação do trabalho, fazendo as mesmas perguntas que fizeram no seu início, que os argumentos utilizados agora são mais consistentes e elaborados.

***

A parte IV do livro Adolescências Construídas (Ozella, 2003) está dedicada às questões do trabalho e da escolha profissional. Dos 5 capítulos, quatro tratam de questões relacionadas à escolha profissional de jovens das camadas populares.

O capitulo "Quem eu quero ser quando crescer" (Bock e Liebesny, 2003), investiga o que jovens de escolas particulares e de escolas públicas procuram, o que valorizam, e que identidade querem ter .Referente aos estudantes de escola pública, concluem: o estudo tem presença pequena no seu projeto de futuro.

A "...falta de continuidade nos estudos do 3º. Grau é explicativa do insucesso, já que o estudo é fonte de realização no sentido de vencer na vida, emprego, remuneração..." (p.217)

Tanto para os alunos de escola pública quanto privada, os "... projetos de vida aparecem centrados nos indivíduos. Não se encontram projetos que pensem o futuro considerando a coletividade social. Além disso, buscam adaptação à realidade que está dada. Não se percebem como agentes de transformação ou mudança". (p.217)

O "trabalho aparece como realização ou satisfação e tem, em geral, sua fonte no próprio indivíduo; as fontes nunca estarão no outro, ou seja, naquele beneficiado pela atividade do sujeito". (p.216)

Os projetos são "...pouco arrojados, pouco pretensiosos, nada revolucionários ou rebeldes". (p.218)

Como conclusão final, o estudo indica que o jovem quer ser um adulto igual a todos que estão ao seu redor.

O capítulo de Ana Gabriela Andriani estuda o significado da escolha profissional para jovens negros, a partir de intervenções em escolas públicas. A autora, estudando a condição do negro no sistema educacional, aponta, baseada em outros autores, que "...os poucos negros que chegam ao terceiro grau acabem optando por carreiras de menor prestígio social". (Andriani, 2003, p. 231)

A pesquisa indica que os jovens tomam a realidade social "...como impeditiva, castradora, cruel, uma vez que atua no sentido de impossibilitar e restringir a

atualização das liberdades e tendências inatas que levarão à felicidade". (Andriani, 2003, p. 241)

No tocante ao autoconhecimento, a pesquisador usou o mesmo instrumento usado na nossa pesquisa para levantar os valores dos sujeitos a partir da identificação de pessoas. Os familiares são citados por praticamente todos os negros pesquisados, "... como representantes de pessoas de sucesso, honestas, bonitas, humanas, de prestígio, batalhadoras etc." (Andriani, 2003, p. 245) Em comparação, a autora indica que entre os sujeitos brancos, há menções a familiares, mas a grande maioria das respostas cita personagens famosos presentes na mídia.

Em nossa pesquisa, ocorre o mesmo fenômeno. Entretanto, não indicamos a questão só pelo recorte de raça/etnia, mas também pelo recorte de classe social.

O capítulo de Aguiar e Ozella (2003) apresenta estudo bastante semelhante ao que realizamos, investigando o sentido subjetivo atribuído à escolha profissional entre jovens de camadas populares. Utilizam instrumentos e trabalham em suas análises de forma semelhante ao presente estudo.

Destacam nos resultados que a maioria dos sujeitos (35 de seus 55 sujeitos) acredita que o homem é livre para escolher a profissão que deseja e nasce com tendências que indicam para determinadas profissões. Essas posições aparecem no estudo como "... algo inquestionável, poderíamos dizer quase como uma virtude humana, que não pode ser questionada, mas que também não é explicada. A crença nestes dois princípios nos aponta para uma concepção naturalizante de homem, fundada numa visão liberal, que vê o homem como autônomo, livre e capaz de se autor determinar". (Aguiar e Ozella 2003, p.266)

Dentre os sujeitos que discordaram que o homem é livre (20 sujeitos), as justificativas concentraram-se na categoria liberdade comprometida. "Aqui é importante compreender que este núcleo expressa um tipo de resposta que considera o social como um limite, como algo que vem comprometer uma liberdade que seria natural, impedindo que os desejos se realizem...". (Aguiar e Ozella 2003, p.266, 267)

Aguiar e Ozella apontam em seu estudo indicadores que foram entendidos pelos sujeitos como influência na escolha. O aspecto financeiro e o esforço pessoal são os mais freqüentes nas respostas dos sujeitos. Os outros aparecem com baixa freqüência, são eles: o estudo, a realização pessoal, o mercado.

Nas conclusões do estudo, um aspecto nos parece importante: "...o movimento que revelam ao significarem a sua escolha profissional é, por um lado, o de apreender o peso das dificuldades econômicas, entendendo-as como impedimento, por outro, o de buscar uma saída salvadora, o esforço pessoal, que aparentemente os liberta desta armadilha, dessa situação quase sem saída." (Aguiar e Ozella 2003, p.273)

***

Nas coletâneas feita em nome da Abop, localizamos mais dois artigos que discorrem sobre intervenções com públicos próximos ao que estamos estudando, mas pouco acrescentam em relação aos estudos já apresentados. O primeiro deles é realizado com adolescentes institucionalizados na cidade de Bauru (Lima e Strazzieri, 2007, p.195). O segundo, tem o nome de Orientação Profissional para Profissões não-Universitárias, cujo pré-requisito para a escolha dos participantes era que não tivessem pretensões de fazer um curso superior.(Ivatiuk e Amaral, 2007, p. 211).

Em 2005, Sérgio Eduardo Rascovan, psicólogo argentino, lança um livro com questionamentos bastante próximos aos que fazemos. Nessa obra, há um relato de pesquisa que desenvolve com estudantes do ensino médio de Buenos Aires.

O autor retoma e critica Bohoslavsky (1977), porque tanto a abordagem clínica por ele introduzida como modalidade atuarial por ele criticada, apesar das evidentes diferenças, compartem "...el mismo supuesto ideológico basado en recortar lo individual de la trama em la que se inscribe la vida subjetiva y en considerar el contexto como algo estable". (Rascovan, 2005, p.28)

A pesquisa desenvolvida pelo autor tinha o propósito de conhecer o que pensavam fazer os jovens escolarizados dos setores mais vulneráveis da população da cidade de Buenos Ayres, ao finalizarem a escola de nível médio. (p.28)

"El objetivo fundamental de la investigación consistió, pues, en analizar las características principales de las elecciones vocacionales que efectúan los estudiantes que están cursando el último año de escolaridad media de este sector social particularmente castigado por la situación de crisis socioeconómica. " (Rascovan, 2005, p.29)

A Argentina passava por uma crise econômica de severas dimensões na época da investigação. A questão do desemprego e a busca da sobrevivência eram os problemas centrais da população naquele tempo.

O grupo estudado tinha em média 19 anos e era composto por 38% de mulheres e 62% de homens; 46% dos jovens estudavam em escolas técnicas; 40% faziam seus cursos no período vespertino ou noturno; 73% dos jovens só estudavam e 27% trabalhavam como operários ou no setor publico, privado ou doméstico. A jornada média de trabalho era de 7 horas.

A maioria dos estudantes apresentava vontade de estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Para Rascovan, o trabalho não aparecia como atividade realizada para adquirir experiência, nem mesmo se apresentava relacionada ao que estavam estudando, mas basicamente para garantir as condições que lhes permitissem continuar estudando. (2005, p.29)

No entanto, é sabido que a metade dos alunos inscritos no ensino superior abandonam a escola no primeiro ano e 80% dos que começam esse nível de ensino não se formam na carreira em que iniciaram seus estudos. O acesso ao nível superior na Argentina é diferente do Brasil: lá, todos os que querem podem se matricular, mas a dificuldade é acompanhar os estudos, o que determina o grau elevado de evasão. Neste país, existe, ainda, uma modalidade de ensino pós-médio denominado de "terciário", mais voltado para o mercado de trabalho. Essa modalidade tem pouca adesão por ser desvalorizada quando comparada à formação universitária. Para o autor, tal desvalorização tem a ver com a herança cultural argentina, que privilegiou a universidade como instituição promotora de ascensão social. (p.87)

No que se refere à escolha profissional, os dados indicam que os jovens escolhem profissões de forma diferente da média. Enquanto as carreiras mais procuradas na Universidade de Buenos Ayres são, em ordem, Medicina, Advocacia, Psicologia, Contador Público e Administração, os sujeitos da pesquisa escolhem Arquitetura, Engenharia em Informática, Engenharia Eletrônica, Educação Física e Medicina.

A hipótese do autor para explicar tal fato aponta para a diferença do ensino médio que os sujeitos freqüentam. De fato, quase a metade dos investigados fazem cursos técnicos na área da "ciência aplicada", o que explicaria a escolha tão forte por Arquitetura e Engenharias.

No caso de nossa pesquisa, como se verificará mais à frente, os sujeitos escolhem diferentemente da média, mas a hipótese para explicar o fato não pode ser a mesma. Nenhum deles freqüentava cursos técnicos de nível médio.

***

No levantamento de teses e dissertações realizado no Banco de Teses da Capes, localizamos, sob a chave "Orientação Profissional", 111 títulos entre teses e dissertações: sob a chave "Orientação Vocacional, 35, e sob "Escolha Profissional", encontramos 185. Esses números expressam, também, como no caso de livros e revistas, um fortalecimento da área, embora os números encontrados possam se sobrepor em mais de uma chave. No caso da chave "Orientação Profissional", aparecem títulos que nada têm a ver com o que procuramos, tratando de teses específicas que fazem indicações para o trabalho de uma dada profissão.Apesar desses números promissores, encontramos pouquíssimos títulos que investigavam a escolha profissional de pessoas de baixa renda.

Fabiano Fonseca da Silva (2003) é um dos que estuda, em sua dissertação de mestrado, a questão da escolha profissional, considerando as diferenças que as populações da escola pública e da privada apresentam nesse processo. É interessante a observação de Silva de que os alunos da escola particular indicam em seus projetos o ingresso na universidade, enquanto os alunos da escola pública falam do ingresso no mercado de trabalho. Como em outros estudos já aqui indicados, o sonho da

universidade é distante. Cabe ainda destacar, nesse estudo, a conclusão sobre a importância de que as teorias no campo da Orientação Profissional não têm considerado a escola como um lugar para a construção de projetos, e o distanciamento dessas teorias em relação ao trabalho com jovens da escola pública.

Raquel Alfredo (2006), ao estudar os sentidos e significados constituídos em espaços ou situações de escolha na escola, indica conclusão semelhante, ressaltando que há pouca reflexão sobre a escolha profissional mesmo nas escolas em que existem espaços favoráveis à atividade da escolha. A ausência de reflexão apontada pela autora caracteriza-se fundamentalmente pelo fato de que o trabalho e os múltiplos determinantes sócio-econômicos que mobilizam as atividades humanas estão ausentes, levando à abordagem da profissão de forma descontextualizada, o que a autora chama de "profissão coisa." A autora ainda indica como conseqüência desse processo a falta de apropriação pelos sujeitos de todo o seu processo e história como sujeito que escolhe.

IV) Sobre o Método

1. Princípios Teóricos-Metodológicos da Pesquisa

A abordagem sócio-histórica em educação e psicologia que fundamenta a visão de homem e sociedade de nossa intervenção em orientação profissional, também dá o contorno do método de pesquisa utilizado neste estudo. Assim, os princípios básicos da teoria Sócio-Histórica são também orientadores do método.

Um dos primeiros e mais importantes princípios é o da historicidade. Ele contrapõe as construções sócio-históricas a todas aquelas que, ao explicarem os fenômenos, naturalizam-nos. Pensar a realidade pelo princípio da historicidade implica tomar a realidade a partir da idéia de movimento constante, que tem por base a contradição. Por isso, não se busca a universalidade ou a regularidade dos fatos, mas seu processo de construção, seu movimento. Além disso, considera-se que as leis que regem esse processo não são naturais mas históricas, isto é, são resultantes das ações humanas sobre o mundo.

Esse princípio permite que se procure, com a pesquisa, compreender e acompanhar o movimento da realidade, um movimento de construção da própria realidade. É nas ações de cada sujeito e nas suas expressões que vamos buscar as explicações.

Dessa forma, consideramos os procedimentos escolhidos para o trabalho descrito a seguir como privilegiados, pois nos permitiram acompanhar os sujeitos em seu movimento de escolha com a clareza de que esse movimento não acontece apenas nos momentos do grupo que foi realizado, mas acreditando-se que o momento do grupo permitiu visibilidade adequada a todo o processo.

Outro aspecto que merece destaque é a questão da subjetividade. A Teoria Sócio-Histórica é também um esforço de superação da dicotomia objetividade- subjetividade. O homem, em permanente ação transformadora sobre o mundo, modifica-o e, ao fazer isso, transforma a si próprio. Esse movimento tem, portanto, dois âmbitos: um que chamamos de objetividade e outro, de subjetividade. Compreender a realidade exige que conheçamos esses âmbitos. Aliamos, assim, em nosso trabalho, a análise da realidade sócio-econômica, na qual a escolha dos sujeitos de nossa pesquisa acontece, e o movimento subjetivo que vai sendo produzido ao estarem, os sujeitos, interagindo de forma ativa nessa realidade. Dar conta desta tarefa exige que se traga para o campo da produção de conhecimentos categorias de análise que permitam dar visibilidade ao âmbito da subjetividade. As categorias de sentido e significado, às quais dedicamos o capítulo II desta tese, acompanham-nos, então, como recursos metodológicos.

Como afirma Maria da Graça M. Gonçalves:

> A psicologia social sócio-histórica, de base marxista, enfoca também o produto da relação indivíduo-sociedade. Mas não privilegia a descrição do discurso (ou representações) e sim sua produção, a partir da gênese histórica da atividade social do indivíduo que se apropriou dos significados sociais, atribuindo-lhes sentidos pessoais. (Gonçalves, 2005, p. 103)

A linguagem expressa os registros sociais que são produzidos historicamente na sociedade, que são denominados "significados". A linguagem também expressa afetos, conhecimentos e ações do próprio indivíduo (igualmente construídos historicamente), fenômeno nomeado "sentido". A subjetividade é constituída a partir da atividade do sujeito, tendo como mediação a linguagem e as relações sociais. Para a compreensão da relação indivíduo-sociedade, coloca-se o discurso como foco na busca de seus significados e sentidos.

Outro aspecto importante da teorização que tem decorrência no método é o lugar da linguagem e do discurso dos sujeitos. No movimento do sujeito na construção de si e do mundo, a linguagem é que permite a internalização de uma operação externa.

"O homem, ao internalizar alguns aspectos da estrutura da atividade, internaliza não apenas uma atividade, mas uma atividade com significado, como um processo social que, como tal, é mediatizado semioticamente ao ser internalizado. O desenvolvimento das funções psíquicas superiores processa-se pela internalização dos sistemas de signos produzidos socialmente, o que nos leva concluir que as mudanças individuais têm origem na sociedade, na cultura, mediada pela linguagem". (Aguiar, 2001, p.102)

O discurso será o foco de análise desta pesquisa, na busca da compreensão dos sentidos e significados envolvidos na escolha profissional dos sujeitos.

"Os discursos como sistemas semióticos de natureza social são importantes, não como um fim em si mesmo, mas como via que nos permite a construção de dimensões ocultas do social... o emprego das palavras é uma expressão simbólica, que além de mostrar um ou vários sistemas discursivos, significa também a história única de quem fala, o que diferencia as emoções associadas do emprego das palavras, dando lugar a seu sentido" (González Rey, 2003, p 213)

Usaremos o recurso de analisar as palavras escritas pelo sujeito. Temos consciência de que o fato de ter que escrever traz, de um lado, um prejuízo para a pesquisa, pois se perde a fluência que se poderia obter, por exemplo, numa entrevista, o que revelaria as contradições e as emoções do sujeito. Por outro, leva o sujeito a organizar seu pensamento, objetivando sua reflexão.

Nossa pesquisa utilizou vários instrumentos de produção de dados (descritos abaixo). Compartilhamos com González Rey a idéia de que um instrumento de pesquisa é "...toda situação ou recurso que permite ao outro expressar-se no contexto de relação

que caracteriza a pesquisa... o instrumento representa apenas o meio pelo qual vamos provocar a expressão do outro...facilitar a expressão aberta e comprometida deste outro, usando, para isso, os estímulos e as situações que o pesquisador julgue mais convenientes. O instrumento privilegiará a expressão do outro como processo, estimulando a produção de tecidos de informação, e não de respostas pontuais". (2005, p. 42/43)

Esta pesquisa apresenta uma peculiaridade na forma de seu desenvolvimento. Não foram construídos questionários, nem utilizados roteiros de entrevista. Da mesma forma, não se determinou um momento especial em que algum instrumento seria aplicado.Na realidade, os dados foram obtidos numa atividade regular de orientação profissional. Os sujeitos, apesar de saberem que estariam fornecendo dados para uma pesquisa, em nenhum momento se comportaram como pessoas que respondiam a questões de uma entrevista ou que, objetivamente, forneceriam respostas a perguntas previamente elaboradas. Nem mesmo o pesquisador se comportava como tal.

O que será analisado neste estudo serão os discursos elaborados pelos participantes do grupo durante o transcorrer do trabalho de orientação, registrados de forma escrita pelos próprios sujeitos e pelas anotações do coordenador/pesquisador. Em cada sessão do programa, cada sujeito produziu por escrito suas reflexões, que ora foram realizadas como preparatórias para os debates, ora após as discussões, como registros de síntese da atividade vivenciada. Busca-se, então, a partir dos dados, construir "zonas de sentido".

González Rey define zonas de sentido como "...espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica". (González Rey, 2005, p.6)

Portanto, uma das finalidades importantes desse trabalho é, exatamente, dar visibilidade ao processo de escolha de jovens egressos do ensino médio e que pertencem à camada pobre da população. Essa reflexão foi feita a partir dos discursos desses jovens durante processo de orientação profissional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Um caso particular é estudado para a construção de conhecimento que González Rey afirma ter um caráter construtivo-interpretativo. Para esse autor, nada garante, "de forma imediata no processo de pesquisa, se nossas construções atuais são as mais adequadas para dar conta do problema que estamos estudando. A única tranqüilidade de que o pesquisador pode ter nesse sentido se refere ao fato de suas construções lhe permitirem novas construções e novas articulações entre elas capazes de aumentar a sensibilidade do modelo teórico em desenvolvimento para avançar na criação de novos momentos de inteligibilidade sobre o estudado." (González Rey, 2005, p.7)

Os registros escritos dos sujeitos foram tabulados e, em seguida, procedidas leituras rigorosas, foram categorizados segundo indicadores extraídos dos próprios registros. O mesmo foi feito com as anotações do coordenador/pesquisador.

As categorizações nos remeterão para a organização dos "núcleos de significação", que se constituem como a "... articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios, que ocorrem no processo de construção dos sentidos e significados, o que possibilitará uma análise mais consistente, que nos permita ir além do aparente e considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas." (Aguiar & Ozella, 2006, p.231)

Como último princípio de nosso pensamento metodológico, destacamos o papel ativo do pesquisador. Ele também se coloca como sujeito da pesquisa e não pode ser entendido como apenas um agente que coleta dados. No caso específico desta pesquisa, o investigador participa como sujeito mais ainda, porque é o condutor do trabalho de orientação profissional. Conhece, por isso, seus sujeitos e não está imune às relações estabelecidas no grupo, isto é, vive suas tensões, participa de suas brincadeiras, conhece os sub-grupos, além de ter um papel ativo reconhecido por todos os sujeitos (não como pesquisador, mas como "expert" em escolha profissional). Na etapa de análise, busca um certo distanciamento para poder olhar os dados além do que a situação empírica permite, procurando produzir conhecimento que vá além da aparência.

2. Procedimentos da Pesquisa

2.1) A Escolha dos sujeitos da pesquisa

A escolha dos sujeitos desta pesquisa respondeu aos seguintes critérios.

a) Deveriam ser alunos que estivessem cursando ou tivessem concluído o ensino médio.

b) Deveriam ter, necessariamente, freqüentando escolas públicas no ensino fundamental e médio.

c) Deveriam ter origem sócio-econômica nas camadas pobres da sociedade brasileira.

d) Deveriam ser participantes e alunos dos chamados cursinhos pré-vestibulares comunitários.

Foram selecionados 12 jovens (número atualmente atendido nos grupos regulares montados pelo autor em seu trabalho de orientação profissional regular).

Não foi tão fácil encontrar um grupo de pessoas que se dispusesse a participar desta pesquisa, pela grande carga horária que exigia. No início, pretendíamos formar um grupo de pessoas que, satisfazendo os requisitos determinados, tivessem origens diversas, o que não nos foi possível conseguir. Por isso, entramos em contato com a coordenação de uma ONG com a qual já havíamos desenvolvido algumas atividades parceiras anteriormente, e que desenvolve suas ações justamente com o público por nós escolhido..

A ONG se apresenta em seu sítio na internet da seguinte forma:

"Em 2005 [ONG], instigada por pesquisas de instituições públicas e privadas sobre a exclusão educacional no Brasil, criou o "Programa Acreditar ", de Bolsas de Estudo para estudantes pré-universitários e universitários, como parte de suas ações concretas voltadas à promoção da igualdade social e à erradicação da discriminação racial."

"Pesquisas recentes ... confirmam a desigualdade de condições em que os jovens de famílias de baixa renda e vindos do ensino público disputam vagas nas universidades públicas. Para interferir de imediato numa possível diminuição dessa desigualdade, sem ignorar que o problema do ensino público no Brasil só será resolvido com a adoção de medidas profundas no âmbito das políticas públicas de educação, o Programa Acreditar tomou para si a tarefa de desenvolver uma ação em favor desses estudantes: oferecer bolsas de estudo em cursos pré-vestibulares. A freqüência nesses cursos tem se provado a única forma de ampliar a chance de acesso desses jovens ao ensino superior público." (Acreditar, 2008)

"Objetivos do Programa

• Defender a inclusão social no âmbito da educação ao apoiar estudantes selecionados em escolas públicas do ensino médio localizadas em áreas de altos índices de pobreza e violência da cidade de São Paulo.

• Incentivar o acesso de jovens de grupos socialmente desfavorecidos, em especial da população afro-descendente, ao ensino superior e ao ensino técnico públicos.
Gerar condições para que os selecionados possam concluir sua formação no ensino superior público ou em escolas técnicas de nível médio.

• Apoiar políticas públicas de fortalecimento do ensino gratuito de qualidade para todos".
(Acreditar, 2008)

Nesta ONG, em função de seus objetivos e ações, localizamos os sujeitos que estávamos querendo pesquisar: jovens pobres, com ensino médio completo ou incompleto, para tentarmos entender como eles elaboram/trabalham suas escolhas profissionais.

2.2) Caracterização do grupo pesquisado.

Abaixo apresentamos os dados de caracterização dos sujeitos.[3]

A família dos sujeitos

quadro 1 – **situação ocupacional, escolar e estado civil dos familiares**

Sujeito	Trabalho do Pai	Escolaridade do Pai*	Trabalho da Mãe	Escolaridade da Mãe*	Estado Civil*	Padrasto
Paulo	Autônomo – Jardineiro	Primário – I	Diarista	primário - I	Casados	-
Francisco	Nunca morou com ele	Nd	Ajudante de cozinha	ginásio I	Nd	Traba-lha
Ana	Pedreiro	Ensino médio - I	Produção (laboratório)	e. médio C	Nd	-
José	Ajudante de cozinha	Primário – C	Empregada doméstica	primário - C	Casado	-
Cristina	Patrão - vende coisas do Ceasa	Primário – C	Do lar	primário - C	Amigado	cobrador
Olga	Eletricista (falecido)	Nd	Bordadeira - trabalha em casa	ginásio I	Viúva	-
Mariana	Não conhece	Primário – C	Manicure	primário - C	Separada	funileiro
Carmem	Autônomo	Pimário – I	Do lar	primário - C	Casados	-
Fernanda	Pedreiro	Primário – C	Dona de casa	primário - C	Casados	-
Antonio	Não conhece	-	Diarista	e. médio I	Solteira	-
Miriam	Operador de retro-escavadeira	Primário – I	Dona de casa	primário - I	Nd	-
Renata	Auxiliar de Produção	Ginásio- C	empregada doméstica	primário - I	Casado	-

*C= completo e I = incompleto, Nd = não declarado

Todos os sujeitos da pesquisa moram com algum familiar (isto é, com a mãe e pai, só com a mãe, com mãe e padrasto e um caso apenas que mora com a avó).

Cinco sujeitos declararam que seus pais eram casados, um declarou que sua mãe era amigada, um que a mãe era viúva, um que era solteira, um que era separada e três não declararam o estado civil dos pais.

Dois sujeitos declararam que não conheciam seu pai, um declarou que nunca morou com o pai e um era falecido.

Três pais não completaram o primário, quatro tinham primário completo, um completou o antigo ginásio, um não completou o ensino médio e três não declararam a situação escolar do pai.

Quanto à profissão declarada do pai ou padrasto, observamos que dois sujeitos desconheciam a profissão do pai e todos os outros se encontravam, segundo a escala de prestígio ocupacional de Hutchinson (apud Magrone, 2008, p. 109) nos dois últimos níveis: nível 6, ocupações manuais especializadas e nível 7, ocupações manuais não-especializadas.

Quatro sujeitos declararam que suas mães eram "do lar" ou "dona de casa". Uma mãe trabalhava como bordadeira em casa; três mães trabalhavam como empregadas

[3] Os nomes dos sujeitos são fictícios

domésticas (uma delas é diarista); quatro mães trabalhavam no setor industrial ou de serviço nos graus mais baixos da escala de prestigio ocupacional de Hutchinson.

A renda média declarada (quadro 2) era de R$ 621,09, o que representava 1,63 salários mínimos. A renda mais baixa representava 0,92 s/m e a mais alta era de 3,25 salários mínimos. Tais dados indicaram que os sujeitos estavam incluídos nas camadas mais baixas da população brasileira no que se referia à renda.

quadro 2 – **renda familiar**		
Sujeito	renda familiar	renda em s/m (R$ 380,00)
Paulo	R$ 600,00	1,58
Francisco	R$ 1.234,04	3,25
Ana	R$ 550,00	1,45
José	R$ 800,00	2,11
Cristina	R$ 400,00	1,05
Olga	R$ 380,00	1,00
Mariana	R$ 600,00	1,58
Carmem	R$ 600,00	1,58
Fernanda	R$ 450,00	1,18
Antonio	R$ 350,00	0,92
Miriam	R$ 709,00	1,87
Renata	R$ 780,00	2,05
Média	R$ 621,09	1,63

Comparando com os dados da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios do IBGE de 2006 (tabela 2), temos que um sujeito situa-se dentre os 21% da população brasileira que tem renda familiar de até um salário mínimo, oito estão situados entre os 30% que ganham de um a dois s/m e três que se situam dentre os 11% de dois a três s/m. Todos os sujeitos, em termos de salários, encontram-se entre os 71% da população brasileira com menor rendimento mensal, como se pode verificar pela tabela 2 abaixo.

tabela 2 - **pessoas ocupadas por classe de rendimento**			
Classe de rendimento	Total	%	Somatória
Até 1/2 salário mínimo	8 754	10%	10%
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	18 822	21%	31%
Mais de 1 a 2 salários mínimos	26 421	30%	60%
Mais de 2 a 3 salários mínimos	9 454	11%	71%
Mais de 3 a 5 salários mínimos	6 636	7%	78%
Mais de 5 a 10 salários mínimos	5 665	6%	85%
Mais de 10 a 20 salários mínimos	1 943	2%	87%
Mais de 20 salários mínimos	699	1%	88%
Sem rendimento (2)	9 681	11%	99%
Sem declaração	1 243	1%	100%
Total	**89 318**		

fonte - IBGE - PNAD 2006

O quadro 3 apresenta dados básicos dos sujeitos pesquisados.

quadro 3 - **caracterização do sujeito**						
sujeito	idade	Escolaridade básica	Ano do termino do e. médio	trabalha?	reprovação ensino básico	já prestou vestibular? Em qual carreira?
1) Paulo	19	esc.public.	2005	Não	Não	Sim - Geografia
2) Francisco	18	esc.public.	2005	Não	Nd	Sim - Ciência da Computação
3) Ana	21	esc.public.	2004	Não	Não	Sim - Enfermagem
4) José	19	esc.public.	Nd.	Não	Não	Sim - Educação Física
5) Cristina	18	esc.public.	2005	Não	Não	Sim - Enfermagem
6) Olga	21	esc.public.	2005	Não	Não	Sim -Enfermagem
7) Mariana	20	esc.public.	2005	Não	Não	Sim - Nd
8) Carmem	18	esc.public.	2005	Não	Não	Sim - Psicologia / Ciência da Computação / Terapia Ocupacional
9) Fernanda	19	esc.public.	2005.	Não	Não	Sim - Enfermagem
10) Antonio	18	esc.public.	2005	Não	Não	Sim –Psicologia
11) Miriam	20	esc.public.	2005	Não	2o. do ens. fund.	Sim - Enfermagem
12) Renata	18	esc.public.	2005	Não	Não	Sim – Pedagogia

Os sujeitos tinham entre 18 e 21 anos de idade, perfazendo uma média de 19 anos. Todos com escolaridade básica completa, os estudos concluídos em 2005, com exceção de Ana, que o terminou em 2004 e José, que não declarou a data. Portanto, todos os sujeitos tinham terminado o ensino médio há pelos menos um ano e meio, quando participaram do programa de orientação vocacional.

Todos os sujeitos estudaram em escolas públicas tanto no ensino fundamental quanto no médio.Apenas um sujeito declarou uma reprovação no ensino fundamental, com a alegação de falta de vagas nas escolas da região, para cujo bairro se mudou. Nenhum dos sujeitos trabalhava na época da pesquisa. Todos já haviam prestado vestibular anteriormente.

Por informações prestadas pela ONG, este era o segundo ano de participação dos sujeitos em seus projetos. Todos já haviam freqüentado um cursinho preparatório aos vestibulares, subvencionados pela ONG. Esta primeira experiência (em 2006) foi realizada num cursinho tradicional e bastante conhecido na cidade de São Paulo. A segunda experiência (2007) estava sendo feita num cursinho denominado popular, oferecido por estudantes universitários de uma faculdade pública de São Paulo.

2.3) Procedimento de coleta de dados

Uma exposição a respeito desta pesquisa foi feita para o conjunto de participantes da ONG. Nesta ocasião, deixamos bem claro o que estávamos propondo: oferecíamos nosso trabalho regular de orientação profissional, e em troca permitir-nos-iam utilizar os materiais produzidos por eles, além das anotações colhidas pelo coordenador como fonte de dados para a nossa pesquisa de doutorado. Isso para firmarmos com clareza que não se tratava de um trabalho de benemerência e nem uma pesquisa que apenas utilizaria os dados por eles fornecidos. Estaríamos prestando um serviço de Orientação Profissional igual aos cento e poucos grupos já desenvolvidos

pelo autor, de forma comercial, em troca dos dados fornecidos por eles para o nosso estudo.

A princípio, o trabalho seria desenvolvido nas instalações do "cursinho" que os alunos estavam freqüentando, mas questões administrativas na relação entre o "cursinho" e a instituição que o abrigava, impediram que isto acontecesse. Decidimos, então, que o curso seria desenvolvido no local em que normalmente o pesquisador deste trabalho exerce suas funções profissionais. Este local, por coincidência, ficava no trajeto entre a casa dos sujeitos e as dependências do cursinho. Combinamos, então, que os jovens viriam de suas casas, participariam do programa de orientação e depois seguiriam para o cursinho. O pesquisador pagaria uma condução e forneceria cinco reais para um lanche (a condução de ida e volta já era subvencionada pela ONG).

A ONG controlou a inscrição dos interessados. Ficou combinado que os doze primeiros inscritos que demonstrassem interesse e condições de participar do projeto seriam contemplados com as vagas.

O número de participantes do grupo foi determinado pela prática do orientador/pesquisador que, normalmente, atende este número de pessoas em seus grupos de atendimento regulares. A quantidade de sujeitos possibilita a participação de todos na discussão, o aprofundamento e o acompanhamento individualizado.

O trabalho de grupo/campo foi desenvolvido entre 27 de Junho e 05 de agosto de 2007. A proposta inicial era de que as sessões, de duas horas cada, fossem desenvolvidas diariamente, com uma interrupção a partir da 11ª. sessão para as férias. As últimas quatro sessões aconteceriam sucessivamente a partir de 30 de Julho. No entanto, no retorno das férias, quatro sujeitos faltaram. Seus colegas explicaram que eles não participariam mais porque iniciariam seus cursos técnicos de nível médio para os quais tinham sido aprovados em exame de seleção.

Consideramos que essas faltas prejudicariam todo o trabalho de coleta de dados, inviabilizando a pesquisa, e por isso sugerimos uma alteração substancial no horário das reuniões. Faríamos um domingo concentrado, para desenvolver as sessões restantes. No dia 05 de agosto de 2007 a 13ª. sessão foi realizada no horário das 10 às 12 horas, a 14ª. das 13h00 às 15h00 e a 15ª. das 15h00 às 17h00. Assim , cumprimos todas as etapas previstas no contrato estabelecido no início do trabalho. Dessa forma, pudemos contar com todos os sujeitos nas atividades que faltavam.

Com exceção das faltas motivadas pela coincidência dos horários do grupo com o curso técnico como referido acima, podemos dizer que praticamente não aconteceram faltas, ficaram restritas a apenas uma participante (Carmem) que faltou na 5ª, 6ª. e 10 sessão. As duas primeiras por motivo de saúde, e a terceira por motivos particulares.

2.4) Sobre o programa de orientação profissional vivido pelos sujeitos.

O programa de orientação profissional vivenciado pelos sujeitos da pesquisa guarda grande semelhança com o programa descrito em nossa dissertação de mestrado, apresentado em 2001 na Faculdade de Educação na Unicamp. (Bock, 2001, p. 55 a75).

Desenvolvido em 15 sessões de duas horas, o programa é divido em três módulos. O primeiro é denominado de "O significado da Escolha Profissional", o segundo de "O Trabalho" e o terceiro de "Autoconhecimento e Informação Profissional".

O primeiro módulo, O SIGNIFIACADO DA ESCOLHA PROFISSIONAL, é desenvolvido em três sessões. A primeira é dedicada à apresentação do programa, ao estabelecimento do contrato, isto é, estabelecimento de horários e dias das sessões, compromisso de participação, assinatura do termo de autorização de livre consentimento de participação na pesquisa (ver anexo 1) e apresentação da situação de escolha profissional de cada participante.

A segunda sessão é dedicada à discussão de três temas: 1) mercado de trabalho; 2) a influência dos meios de comunicação de massa na escolha 3) o vestibular.

A terceira sessão aprofunda as questões de gênero relacionadas à escolha profissional e a relação entre o desempenho e interesse pelas disciplinas do ensino médio com a escolha profissional. Nessa sessão, a partir desse último tema, discute-se o que significa e como se escolhe algo. São discutidos os principais mitos relacionados à escolha, a saber: a) o mito do "estalo", idéia que se tem quando a profissão da pessoa surge do nada, como se fosse uma revelação; b) o mito da maturidade, que apregoa que, se a pessoa tem um "desenvolvimento normal", a profissão se revela como algo natural, fruto normal desse desenvolvimento. Ao contrário, apontamos que a escolha profissional (como qualquer escolha que o ser humano realiza) se constitui como ruptura e sempre se apresenta como conflito. É a resolução desse conflito, por meio de reflexão dos determinantes dessa decisão que levarão à opção que necessariamente envolve um ato de coragem, perda e ganho de algo.[4]

O segundo Módulo, tem como tema "O TRABALHO", e o terceiro "AUTOCONHECIMENTO E INFORMAÇÃO PROFISSIONAL, com sessões intercaladas. Talvez a grande diferença do programa de orientação profissional desenvolvido atualmente como o do grupo da pesquisa que foi desenvolvido com o grupo de alunos no mestrado é que se decidiu em tempos mais recentes intercalar mais as sessões, em nome de maior dinamicidade do processo.

Na quarta sessão, inicia-se o trabalho de informação profissional. Os sujeitos são divididos em grupo de três e recebem um maço de cartões com o nome e uma descrição

[4] Para aprofundamento da técnica utilizada para o desenvolvimento da discussão da escolha, remetemos o leitor a uma descrição mais pormenorizada do que denominamos "o procedimento do sorvete", na nossa dissertação de mestrado . (Bock, 2001, p.58 a p. 65).

sucinta das atividades de 110 profissões (de formação de nível médio, tecnológico, licenciatura e bacharelado). A atividade consiste em classificar as profissões em grupos, segundo critério previamente apresentado pelo orientador.

Na quinta sessão, os jovens "montam" empresas para que se possa, em seguida, discutir desde o conceito de trabalho até como ele se configura nos dias atuais. Nessa sessão, projeta-se o vídeo "Ilha da Flores", que traz interessantes questões para o debate.

Na sexta sessão, os sujeitos concluem a tarefa iniciada na quinta sessão. A partir da análise do trabalho desenvolvido, cada participante registra numa folha de papel os grupos que os jovens consideram que o atraem. Em seguida, explicam os motivos dessa atração e destacam as profissões que lhes interessam dentro de cada grupo. Ao final, cada sujeito expõe para todos os participantes quais grupos e profissões foram selecionados por ele.

Nesta sessão, cada sujeito é estimulado a obter informações a respeito das profissões selecionadas por meio de leitura de Guias de Informação Profissional. Para facilitar, os participantes recebem, a título de empréstimo, um exemplar que podem levar para casa.

A sétima sessão retoma o debate sobre o trabalho. A discussão, neste dia, é destinada à reflexão do que vem acontecendo na organização do trabalho nos dias de hoje. Essa reflexão é alcançada por estímulo de um vídeo projetado, que discute a questão do desemprego/emprego causado pela incorporação de novas tecnologias na produção e pelas novas formas de gestão de mão-de-obra introduzidas em tempos neoliberais. Na segunda metade dessa sessão, introduz-se a discussão a respeito do tema vocação, dons, nascer com tendências, com a apresentação dialogada da posição do pesquisador quanto a esta questão: "A VOCAÇÃO DO SER HUMANO É EXATAMENTE NÃO TER OUTRAS VOCAÇÕES".[5]

A oitava sessão é totalmente dedicada ao autoconhecimento. Inicialmente, cada sujeito preenche um formulário denominado "Quem Sou Eu", no qual se avalia quanto a interesses, habilidades e características de personalidade. Em seguida, o grupo vivencia uma atividade não-verbal denominada "Atividade da Lã", com o objetivo de discutir o modo de participação de cada sujeito e as relações estabelecidas dentro do grupo. Ao final, o sujeito retoma o formulário inicial e verifica se as características assinaladas no início da atividade foram ou não confirmadas na atividade.

A nona sessão é iniciada com um "aquecimento" desenvolvido em dupla, no qual cada membro deve verbalizar para o outro respostas às perguntas feitas pelo coordenador. Alternadamente na dupla, cada sujeito responde às seguintes questões: "eu quero", "eu tenho que" e "eu tenho medo". Após uma breve reflexão a respeito da atividade, os sujeitos dedicam o resto da sessão para, de forma individual, aprofundar

[5] Para aprofundamento da posição do pesquisador sobre a temática da vocações, remetemos o leitor para nossa dissertação de mestrado, na qual apresentamos com mais profundidade este tema. (Bock, 2001, p.47)

informações a respeito das profissões que desejam. Todos os materiais informativos disponíveis são colocados a disposição: outros guias informativos, materiais de divulgação de cursos e profissões (manuais do candidato de várias faculdades), livros e folhetos, a hemeroteca da instituição com que o coordenador do grupo exerce sua atividade profissional, além de computadores conectados à internet para busca de outras informações de interesse. O coordenador acompanha todos os participantes, indicando matérias de aprofundamento, verificando e sanando as dúvidas.

A décima sessão novamente é dedicada ao autoconhecimento. Agora procura-se a reflexão sobre si a partir da imagem que o outro tem do sujeito. Inicialmente, pequenos papéis são sorteados entre os membros do grupo com o nome de cada participante. Na primeira rodada, pede-se aos jovens que dêem um presente para o "dono do papel", um presente que a pessoa ache que tenha a ver com ela. Uma segunda rodada é desenvolvida, e agora cada sujeito deve identificar seus colegas do grupo por meio de um "bicho" (o coordenador alerta que a identificação não deve ser física, mas no "jeito" de ela ser). Na terceira rodada, cada sujeito escreve uma "carta" para outro membro do grupo, cujo nome foi sorteado entre todos. Nesta carta, o sujeito deve expressar a imagem que tem da pessoa que lhe foi incumbida.

Em seguida, em roda com todos os participantes, todas as imagens são lidas, discutidas e confirmadas ou não pelo grupo. O sujeito manifesta se concorda ou não com as imagens verbalizadas no grupo.

A décima primeira sessão retoma a discussão a respeito das profissões. Por meio da atividade denominada "Tribunal das Profissões", objetiva-se verificar o grau de informações obtido pelo sujeito durante as atividades de informação profissional, além de se constituir numa primeira atividade de síntese. Inicialmente, os jovens são solicitados a escrever sobre sua situação de escolha naquele momento. Em seguida, os membros do grupo são divididos em dois grupos. Cada grupo será o corpo de juízes do outro. De forma alternada, cada sujeito defende a profissão que pretende seguir, verbalizando seus motivos, demonstrando que conhece a profissão e sua função social. Ao final de todas as solicitações cada grupo, discute e em seguida apresenta a deliberação, isto é, se cada sujeito está autorizado ou não a seguir a profissão defendida, apresentando os argumentos que justificam a decisão.

A décima segunda sessão alterna uma atividade de autoconhecimento com atividade sobre profissões. A de autoconhecimento, denominada de "jogos das identificações", solicita que o sujeito escreva o nome de pessoas que conhece ou não, relacionando-as às características ditadas pelo coordenador. Em seguida, explicita o sentido que atribuiu a essa característica quando pensou naquela determinada pessoa. Cada sujeito apresenta o seu trabalho para todos do grupo. Como fechamento, busca-se entender o significado desta atividade relacionada à escolha profissional.

A atividade relacionada a profissões solicita ao sujeito que se posicione quanto a uma forma diferente de classificação das profissões que primeiramente as organiza em

quatro grandes grupos e depois as subdivide em outros tantos subgrupos. Em seguida são discutidos os resultados obtido.

A décima terceira sessão é a primeira atividade de síntese assim denominada. Utilizando recurso visual e de áudio, inicia-se a reunião com um trabalho de concentração que desemboca numa revisão da história de vida de cada um. A síntese relacionada às profissões parte da organização de uma festa, cujos convidados são escolhidos dentre o maço de cartões com o nome e a descrição das atividades dos profissionais já utilizado anteriormente. Com a festa em "andamento", os sujeitos montam uma foto com profissionais selecionados entre os convidados. Nesta foto, devem aparecer, além do próprio sujeito (identificado ou não com uma profissão) aqueles profissionais que considera importantes para si.[6]

A décima quarta sessão é totalmente dedicada à elaboração de sínteses parciais e conclusão.

Na décima quinta sessão do programa, o sujeito preenche o instrumento "Declaração à Sociedade". Em seguida, esse instrumento é redistribuído entre os participantes que já receberam anteriormente o instrumento "conclusão" elaborado na sessão anterior. Cada participante lê para o grupo a "conclusão" e a "declaração à Sociedade" e tece comentários a respeito das decisões apontadas. Abre-se para o restante do grupo a palavra para que opinem, comentem, reforcem ou critiquem tanto os escritos nos documentos quanto o conteúdo verbalizado pelo comentarista. O coordenador também tece comentários. Como última atividade, os sujeitos preenchem o formulário de avaliação do trabalho realizado.

2.5) Sistematização e Análise dos dados

As informações obtidas nos documentos escritos pelos sujeitos foram organizados em quadros e tabelas . O primeiro conjunto se refere às opções profissionais dos sujeitos para onde trouxemos os dados da primeira sessão sobre as profissões citadas, da ficha pessoal, da atividade de classificação das profissões, da atividade do tribunal das profissões, das conclusão e da declaração à sociedade. Os dados destacam nominalmente as profissões citadas e os argumentos para a escolha dessas profissões.

O segundo conjunto se refere à aspirações e expectativas dos sujeitos em relação ao futuro.

O terceiro conjunto é sobre Mercado de Trabalho. Como os sujeitos percebem o mercado e quais os sentidos atribuídos a esse aspecto.

O quarto conjunto faz a mesma sistematização com o Vestibular.

---

[6] A "festa e a fotografia" é parte de atividade descrita por Rodolfo Bohoslavsky como R-O. (Bohoslavsky, 1977, p.167)

O quinto traz as posições dos sujeitos sobre a questão de gênero na escolha e no exercício da profissão.

O sexto sistematiza a visão da experiência escolar e a relação que os sujeitos constroem entre as disciplinas e sua escolha profissional.

O sétimo conjunto traz a posição expressa pelos sujeitos, e talvez a mais polêmica de todo o debate sobre vocação, dom e talento inato.

O oitavo organiza alguns valores pessoais contidos em várias atividades.

O nono conjunto traz informações obtidas apenas nos momentos finais do programa, num exercício de todo o processo. Três grandes categoria orientaram a organização dos dados, a saber: A Caracterização do Meio, Características Pessoais e Valores e Interesses Profissionais

Os nove conjuntos de dados permitiram conclusões a respeito dos significados da escolha profissional pelos sujeitos da pesquisa, a partir das expressões de sentido.

Com esse cenário de significações em mãos, optamos por realizar um estudo de caso. Escolhemos um dos sujeitos e trabalhamos na sistematização e análise de suas informações particulares. O sentido pessoal atribuído à escolha profissional e o processo de decisão permitiram maior visibilidade às significações do grupo e puderam demonstrar a centralidade e importância que essas significações possuem na construção pessoal.

No estudo de caso, construímos seis núcleos de significação, a saber: Concepção de Si; Concepção do Mundo; A Cara da Profissão; A Escola/O Vestibular/O Cursinho; A Família/Amigos e a Caminhada.

A síntese dos dados reuniu as informações e análises desses dois conjuntos de procedimentos.

V) Apresentação dos Dados

a) Dados Gerais

Primeiramente, apresentaremos os dados relativos ao percurso profissional dos sujeitos desde antes da entrada do programa até os resultados finais, para depois aglutinar os dados relativos a valores e autoconhecimento.

1. Sobre as opções profissionais dos sujeitos

O quadro 4 apresenta, para que se tenha uma visão geral, todas as profissões citadas pelos sujeitos nos diversos momentos do programa de orientação profissional em que isso foi solicitado. Em seguida, cada um destes momentos será analisado em separado.

SOBRE AS OPÇÕES PROFISSIONAIS DO SUJEITO, DA SITUAÇÃO DE ENTRADA AO FINAL DO PROGAMA

quadro 4 – **sobre as opções profissionais do sujeito, da situação de entrada ao final do programa**

Sujeito	profissões citadas1a. Sessão	Ficha pessoal	prepar.tribunal	Tribunal	conclusão	Declaração
1.Paulo	jogador de futebol, Matemático, Geógrafo	jogador de futebol; carteiro; prof. de geografia	geografia, técnico em eletrônica; eng.de controle e automação	professor de geografia	técnico em eletrônica e professor de geografia	Geógrafo
2.Francisco	jogador de futebol, Ciência da Computação, Eng. Da Computação	ciência da computação	ciência da computação; técnico em eletrônica	ciência da computação	cientista da computação	cientista da computação
3.Ana	sempre quis algo da saúde, psicologia	área da saúde, psicologia	psicóloga, t.o.; as.social, fisio	Faltou	psicóloga	psicologia
4.José	educação física porque quer ser jogador do time são Paulo	jogador de futebol; professor de educação física; fisioterapueta	educ.física; esporte; fisiot.	educação física	educação física	educação física
5.Cristina	med. Veterinária, enfermagem	med. veterinária; professora; enfermagem	enfermagem; t.o.	enfermagem	enfermagem	enfermagem
6.Olga	pedagogia, nutrição	professora	nutrição; pedagogia;biologia; museologia, a. social	pedagogia	pedagogia	pedagogia
7.Mariana	administração, nutrição	Nutrição	nutricionista	nutrição	nutricionista	nutricionista
8.Carmem	ciência da computação, psicologia, terapia ocupacional, nutrição	psicologia; terapia ocupacional; ciência da computação; nutrição	t.o.; fono.	terapia ocupacional	terapia ocupacional e futuramente psicologia	terapia ocupacional
9.Fernanda	pediatria, medicina, enfermagem, nutrição, fonoaudiologia	pediatria; fisioterapeuta; enfermagem; fonoaudiologia	fisio; t.o.; nutricionista	nutrição	nutrição	nutrição e dietética
10.Antonio	jogador de futebol, psicologia, música	veterinária; musica; eletroeletrônica	musica; eletroeletrônica; projetor de jogos	músico	músico começando por fazer um curso técnico de eletrônica para arrumar emprego e depois curso de instrumentalização	Músico
11.Miriam	veterinária, pediatria, enfermagem	veterinária; pediatria; enfermagem	enfermagem;fisio.	enfermagem	enfermagem	Enfermagem
12.Renata	pedagogia, ciência da computação	pedagogia	pedagogia, design. multimídia	pedagogia	designer de multimídia/pedagogia	Pedagogia

1.1) Profissões Citadas na Primeira Sessão

Na primeira sessão, dedicada à apresentação dos participantes, quebra-gelo e exposição dos objetivos do trabalho de orientação profissional, pede-se que cada participante explicite as profissões que lhe passaram pela cabeça nos últimos tempos.

quadro 5 - **profissões citadas na primeira sessão – sexo feminino**

Sujeito	Pedago-gia	Ciências da Computa-ção	Veteri-nária	Pedia-tria	Medi-cina	Enferma-gem	Nutri-ção	Pisco-logia	Ter. ocupa-cional	Admi-nistra-ção
1.Ana								1	1	
2.Cristina			1			1				
3.Olga	1						1			
4.Mariana							1			1
5.Carmem		1					1	1	1	
6.Fernanda				1	1	1	1			
7.Miriam			1	1		1				
8.Renata	1	1								
total	2	2	2	2	1	3	4	2	2	1

Segundo o quadro 5, os oito sujeitos do sexo feminino mencionam 11 profissões. Aparentemente[7], todas de nível superior. Há uma alta concentração de citações de profissões na área de biológicas (17), três citações de profissões na área de humanas e uma na área de Exatas. Chama a atenção que metade das moças (4) citam a mesma profissão (nutricionista) como possibilidade profissional.

Em média, cada sujeito do sexo feminino cita 2,75 profissões na primeira sessão.

quadro 6- **Profissões citadas na primeira sessão – sexo masculino**

Sujeito	Jogador	Ciência. Comput	Eng Computação.	Ed. Fisica	Psicologia	Música	Geógrafo	Matemá-tico
1.Paulo	1						1	1
2.Francisco	1	1	1		1			
3.José	1			1				
4.Antonio	1				1	1		
Total	4	1	1	1	1	1	1	1

Em média, cada sujeito do sexo masculino cita 2,75 profissões na primeira sessão como indicado no quadro 6.

Todo os sujeitos do sexo masculino aventaram a possibilidade de se tornarem jogadores de futebol em algum momento de suas vidas.

Excetuando, portanto, a profissão de jogador de futebol, cada sujeito do sexo masculino cita profissões diferentes um do outro, isto é, não há sequer uma profissão repetida. Três profissões citadas são da área de Exatas, uma de Biológicas e três de Humanas (considerando Psicologia como profissão da área de Humanas).

[7] Aparentemente porque, no decorrer do desenvolvimento do grupo, percebemos que a menção à profissão de enfermagem não necessariamente queria dizer uma opção de nível superior, mas também de nível técnico (ensino médio) e até de auxiliar.

1.2) Profissões Citadas na Ficha Pessoal

Na ficha pessoal, documento preenchido fora da situação de grupo, há uma pergunta que pede aos sujeitos que relacionem as profissões que já foram consideradas como possibilidades de escolha, desde criança até hoje.

quadro 7 - **profissões citadas na ficha pessoal - sexo feminino**

sujeito	Pedagogia	cientista da computação	Veterinária	Pediatria	Enfermagem	Nutrição	Fonoaudiologia	Psicologia	Terapia ocup	Professor
1.Ana								1		
2.Cristina				1						1
3.Olga										1
4.Mariana						1				
5.Carmem		1				1		1	1	
6.Fernanda				1						
7.Miriam			1	1	1					
8.Renata	1									
Total	1	1	1	3	1	2	0	2	1	2

quadro 8 - **profissões citadas na ficha pessoal - sexo masculino**

sujeito	Jogador	cientista computação	Ed. Fisica	Música	Carteiro	Geografia (prof.)	Fisioterapeuta	Eletroeletrônica
1.Paulo		1					1	1
2.Francisco		1						
3.José	1		1				1	
4.Antonio				1				1
Total	2	1	1	1	1	1	1	1

Segundo os quadros 7 e 8, os sujeitos do sexo feminino, na ficha pessoal, citam 10 profissões e os rapazes, oito. 70% dos sujeitos do sexo feminino mencionam as mesmas profissões declinadas na 1ª. sessão; o mesmo ocorre com 80% dos rapazes, exceto Antonio, que cita 3 profissões apenas na ficha pessoal, uma apenas na ficha e uma nas duas situações. Portanto, podemos afirmar que praticamente não há alterações entre as profissões citadas nestas duas situações (inclusive porque foram desenvolvidas em momentos muito próximos).

1.3) Profissões Citadas na Atividade de Classificação das Profissões

Após a primeira sessão de informação profissional, os jovens destacam um número significativamente maior de profissões que lhes interessam. Essa situação ocorre após a atividade em que os participantes classificam as profissões segundo critério das "atividades básicas". Como já descrito anteriormente, a partir de fichas que contêm uma breve descrição de 110 profissões, grupos de 3 participantes alocam cada uma nos 8 blocos apresentados. Terminada a tarefa do grupo de três participantes, solicita-se que cada sujeito: "Registre o(s) grupo(s) que mais o atrai (em), explique a razão e anote as profissões pelas quais mais se interessa neste(s) grupo(s)."

De acordo com o quadro 9, os sujeitos do sexo feminino citam 47 profissões diferentes. Cada um deles cita, em média, 5,9 profissões.

Nutrição e Fotografia, com 6 menções; Terapia Ocupacional, com 5; Serviço Social e Engenharia Ambiental, com 4; Pedagogia, Psicologia, Gastronomia, Fisioterapia e Enfermagem, com 3;são as profissões que mais chamam a atenção dos sujeitos de sexo feminino.

quadro 9 - **profissões que mais atraem após a atividade de classificação das profissões- sexo feminino**

	Profissões	**Ana**	**Cristina**	**Olga**	**Mariana**	**Carmem**	**Fernanda**	**Miriam**	**Renata**	**total**
1	Arqueologia			1				1		1
2	Arquiteto		1	1						2
3	Artes Plásticas		1	1						2
4	Assistente Social	1	1	1	1					4
5	Astrônomo		1	1						2
6	Atriz							1		1
7	Biologia						1			1
8	Ciências Social			1		1				2
9	Cientista da Computação					1				1
10	Cientista. Biomédico		1							1
11	Dança			1						1
12	Decorador		1	1						2
13	Designer de Multimídia								1	1
14	Enfermagem		1				1	1		3
15	Eng. Ambiental		1		1		1	1		4
16	Eng. Florestal		1				1			2
17	Eng. Pesa		1							1
18	Eng. Sanitário			1						1
19	Farmácia		1							1
20	Filosofia							1		1
21	Fisioterapia	1		1		1				3
22	Fonoaudiologia					1	1			2
23	Fotógrafo		1	1	1	1	1	1		6
24	Gastronomia			1		1	1			3
25	Geografia			1			1			2
26	Geólogo						1			1
27	Historiador	1					1			2
28	Jornalista	1								1
29	Letras			1						1
30	Lingüística			1						1
31	Museologia			1						1
32	Música			1						1
33	Naturologia			1						1
34	Nutrição			1	1	1	1	1	1	6
35	Oceanografia			1			1			2

36	Pedagogia		1	1					1	3
37	Produtor.Cultural			1						1
38	Professor								1	1
39	Psicologia	1				1	1			3
40	Publicitário		1							1
41	Químico		1		1					2
42	Relações Internacionais			1	1					2
43	Secretaria				1					1
44	Secretário Executivo				1					1
45	Terapia Ocupacional	1		1		1	1	1		5
46	Turismo			1						1
47	Veterinária		1					1		2
	Total	6	16	25	8	9	14	9	4	91

No caso dos sujeitos do sexo masculino (quadro 10), a atração pelas profissões é mais pulverizada - não há concentração significativa. Apenas duas profissões iguais são citadas por dois rapazes (eletroeletrônica e técnico em eletrônica). Eles citam 26 profissões diferentes, resultando numa média de 6,5 profissões por sujeito.

quadro 10 - **profissões que mais atraem após a atividade de classificação das profissões - sexo masculino**

	Profissões	**Paulo**	**Francisco**	**José**	**Antonio**	**total**
1	Administrador		1			1
2	Analista Sistema		1	1		2
3	Arquiteto		1			1
4	Artes Plásticas	1			1	2
5	Assistente. Social	1				1
6	Cineasta				1	1
7	Desenho Industrial	1			1	2
8	Design Multimídia				1	1
9	Ecólogo	1				1
10	Educação Física	1		1		2
11	Eletroeletrônica	1				1
12	Eng Computação		1			1
13	Eng. Eletrônico		1			1
14	Eng. Eletrotécnico		1			1
15	Eng. Mecânico		1			1
16	Esporte		1	1		2
17	Jornalista		1			1
18	Música				1	1
19	Oceanografia	1				1
20	Pedagogia	1				1
21	Professor de Ensino Fund.	1				1
22	Psicologia				1	1
23	rádio TV		1			1
24	Técnico em Eletrônica	1			1	2

25	Turismo		1			1
26	Veterinária	1	1			1
	total	11	12	3	7	33

Pode-se verificar pelos dados acima, que as atividades de informação profissional ampliaram significativamente as profissões que chamam a atenção dos sujeitos.

1.4) Profissões Citadas na Atividade do Tribunal das Profissões

A atividade denominada "tribunal" ocorre após um intenso trabalho de aquisição e de informação sobre as profissões. Com a listagem das profissões elencada ao final da atividade de classificação das profissões, o jovem é instado a aprofundar informações a respeito das profissões selecionadas. Para isso, oferece-se todo o material disponível, tais como manuais de faculdades e universidades, guias informativos vendidos em bancas de revista, livros e artigos de jornais da hemeroteca montada pelo nace, além do acesso a páginas de internet que oferecem informações sobre as profissões.

A preparação da atividade solicita ao sujeito que "coloque a abaixo como você se encontra frente à sua escolha profissional. Liste as profissões e explique." O quadro 11 apresenta as profissões elencadas.

PROFISSÕES CITADAS NA PREPARAÇÃO DA ATIVIDADE DO TRIBUNAL

quadro 11 – **profissões citadas na preparação da atividade do tribunal – sexo feminino**								
Profissões	Cristina	Olga	Mariana	Carmem	Fernanda	Miriam	Renata	Total
Assistente Social		1						1
Biologia		1						1
Design.de Multimídia							1	1
Enfermagem	1					1		2
Fisioterapia					1	1		2
Fonoaudiologia				1				1
Museologia		1						1
Nutrição		1	1		1			3
Pedagogia		1					1	2
Terapia Ocupacional	1			1	1			3
Total	2	5	1	2	3	2	2	17

Os sujeitos do sexo feminino, neste momento, restringem suas possibilidades para 2,1 profissões em média.

quadro 12 -– **profissões citadas na preparação da atividade do tribunal – sexo masculino**					
Profissões	**Paulo**	**Francisco**	**José**	**Antonio**	**Total**
Ciências da Computação		1			1
Educação Física			1		1
Eletroeletrônica				1	1
Eng de controle e automação	1				1
Esporte			1		1
Fisioterapeuta			1		1
Geografia (Professor)	1				1
Música				1	1
Projetor de Games				1	1
Técnico em Eletrônica	1	1			2
total	3	2	3	3	11

Os sujeitos do sexo masculino, igualmente, restringem significativamente suas possibilidades – cada sujeito aponta 2,75 opções em média (quadro 12).

A atividade do tribunal, propriamente dita, solicita que o participante do programa escolha uma das profissões listadas na preparação da atividade e defenda, perante juízes, a autorização para mudar de profissão para a escolhida. Para isso, cada participante deve convencer os juízes de que está preparado em todos os sentidos para essa mudança. Os juízes são os próprios participantes que alternam funções.

Chama a atenção que nenhum dos sujeitos defenda uma profissão diferente das já mencionadas na primeira sessão do programa ou na ficha pessoal, isto é, as profissões agregadas nas atividades de informação foram desprezadas na hora da defesa. (quadro 13)

quadro 13 – **Profissões defendidas na atividade do tribunal**

Sujeito		**Profissão defendida**	**Deliberação**
1	Ana	Faltou	Faltou
2	Antonio	Músico	Autorizado
3	Carmem	Terapia ocupacional	Autorizada
4	Cristina	Enfermagem	Autorizada
5	Fernanda	Nutrição	Autorizada
6	Francisco	Ciência da computação	Autorizado
7	José	educação física	Não autorizado
8	Mariana	Nutrição	Não autorizado
9	Miriam	Enfermagem	Autorizada
10	Olga	Pedagogia	Autorizada
11	Paulo	professor de geografia	Autorizado
12	Renata	Pedagogia	Não autorizado

Os argumentos de defesa e a deliberação dos juízes:

1) Ana - faltou

2) Antonio – Músico

- Eu já faço música – toco vários instrumentos, tenho banda.
- quero me aprofundar. Quero conhecer a história da música.
- comecei a fazer algumas músicas.
- se não fizer sucesso...nem sempre vai dar certo logo de cara.
- a minha banda é de estilo metal core...não é modinha.

E o salário – sobrevivência – pensa em subir de classe? Quero continuar e me esforçar. -

- O salário é de R$ 12,00 a hora.
- Onde trabalha? Pontão/Credicard.
- pretendo me dedicar somente a música.
- se não for músico, serei eletroeletrônico.
- meus amigos já tocam há muito tempo.
- conheço músicos que ganham bastante dinheiro.
- para fazer trilha sonora de novela e filmes precisa de Faculdade.
- A pessoa faz sucesso quando gosta.
- não sei ler partitura.

Os juízes autorizaram a mudança, dizendo que o candidato gosta mesmo da profissão e tem habilidade

3) Carmem – Terapia Ocupacional

- ajuda na inserção na sociedade por motivo de doença, drogados e deficientes.
- vou tentar estimular o deficiente naquilo que ele não tem.
- o mercado é alto. Salário R$ 1.200,00.
- penso em fazer Psicologia depois, um está relacionado ao outro.
- atua em hospitais, pode ter clínica, hospitais de deficientes, asilos.
- não tenho medo de lidar com deficientes.

Os juízes autorizaram a mudança

4) Cristina – Enfermagem

- trabalha na emergência, na pediatria, ajuda em partos, obstetrícia e em berçário.
- quer ser enfermeira mesmo, lidando diretamente com o paciente.
- não tenho nojo...não tenho problemas com sangue.
- a faculdade é mais para quem quer ser enfermeira chefe, eu quero ser técnica...enfermeira mesmo.
- não pretendo fazer faculdade.
- é uma área que eu gosto e vou desempenhar bem.
- a enfermagem lida... está em todas as áreas auxiliando o médico.
- medicina seria muita responsabilidade.

Os juízes autorizam a mudança

5) Fernanda – Nutrição

- quero trabalhar em creche.
- ajuda não só a emagrecer. Ajuda também a engordar e ter boa saúde.
- tenho paciência com criança e gosto muito de lidar com elas.
- toda creche tem uma nutricionista que ajuda a fazer o balanceamento da refeição, desde o café da manhã até o jantar.
- a Merendeira, na creche, prepara a comida, a nutricionista faz o cardápio.

Os juízes autorizaram, dizendo que a candidata defendeu bem a profissão

6) Francisco – Cientista da Computação

- cria softwares/hardware; instala programas; mexe com computador.
- o mercado de trabalho está em alta. Salário de R$ 2.200,00.
- Eu sempre gostei de mexer com computador.
- pretendo fazer curso técnico, vou usar cálculos, pretendo fazer faculdade também.
- um cientista da computação vira professor, trabalha em empresa.
- eu tive influência de amigos.
- se não der para fazer ciência da computação, faria análise de sistemas.
-o cientista da computação pode juntar as peças, pode consertar, faz cálculos e cria programas.

Os juízes autorizaram a mudança

7) José – Educação Física

- sempre gostei de esportes. Tive o sonho de ser jogador de futebol.
- vou poder ajudar outras pessoas em esportes.
- acho a carreira de jogador difícil – tenho amigos e vejo isto.
- por ser de classe baixa é mais difícil ainda.
- o educador físico tem vários lugares para trabalhar.
- quero dar aulas pra crianças.
- um professor ganha R$ 1.200,00.
- para dar aula a pessoa tem quer ter licenciatura em Educação Física.
- depois quero seguir outra carreira. Talvez jogador de futebol.
- O professor de Educação Física estuda Biologia e História.
- pretendo ser professor de escola pública e para isto tem que prestar concurso.
- quero dar aula teórica e prática.
-com educação física vai ser mais fácil jogar futebol.
- não pretendo trabalhar em academia – quero trabalhar com alunos – quero trabalhar com o pessoal do ensino fundamental.

Os juízes não autorizaram a mudança, dizendo que o candidato não sabe o que faz o profissional.

8) Mariana – Nutrição

- vou me sair bem porque gosto.
-tenho vontade de aprender o que é fibra e proteína.
- quero aprender a cuidar...ajudar pessoas hipertensas e obesas.
- quero trabalhar em hospital.

- tenho curiosidade em aprender – quero ver o progresso.
- eu tenho paciência.
- se não der certo, escolheria engenharia de alimentos. Gosto de saber os poderes dos alimentos.
O que faz? – regulariza o intestino, ajuda na alimentação/higiene.
- é necessário fazer nutrição pra aprender a ler rótulo.
- não sei sobre o mercado de trabalho da profissão. O salário inicial é de R$ 800,00.
- O nutricionista no hospital ajuda obesos e pacientes de pressão alta. Ela faz uma receita e passa.

Os juízes não autorizam a mudança de profissão da candidata, dizendo que ela se enrolou e que defendeu apenas com o conhecimento de si própria.

9) Miriam – Enfermagem

- quero ser enfermeira e, quem sabe, fazer faculdade para ser chefe.
- pretendo fazer curso técnico.
- acho que não tive influência de ninguém nesta escolha.
- quero trabalhar na parte pediátrica – eu teria paciência.
- a enfermeira aplica injeção, tira sangue e mede pressão.
- se uma criança morrer na minha mão, encararei como algo que faz parte do processo.
- eu não sei o salário, mas é médio.
- por que não Medicina? Eu gosto da parte de enfermagem...andar pelos corredores...

Os juízes autorizaram a mudança

10) Olga – Pedagogia

- o pedagogo trabalha com criança- quero fazer trabalho social.
- eu já trabalhei nesta área.
- antes eu não tinha paciência, agora aprendi a conviver com as crianças.
- eu vou tentar administrar uma creche.
- cuida da pauta dos professores e organiza a aula dos professores.
- o que mais me influenciou? Trabalhar diretamente com crianças.
- para virar diretora – isto seria com o passar do tempo, no início dá aulas, depois vira auxiliar de diretora e depois diretora.
- se não fizesse pedagogia, faria nutrição.
- o mercado não é favorável...existem muitos pedagogos. Se não conseguir emprego, faria nutrição.

- vi que o salário de estágio de pedagogia é de R$ 850,00. O salário médio do Pedagogo é de R$ 1500,00.
- com o curso de Pedagogia, a pessoa pode dar aula e cuidar da parte administrativa.

Os juízes autorizaram a mudança da candidata

11) Paulo – Professor de Geografia

- Tenho facilidade em ensinar.
- Já tive contato com crianças. Tenho paciência – tenho dois irmãos.
- Eu sempre quis ser professor.
- Se eu der aula boa, motivar o aluno, eles não terão motivo para agredir.
- Por que Geografia? Porque é uma matéria que os professores não desenvolvem tão bem.
- Quero dar aula em escola pública.
- Não quero ser Geógrafo, não nasci para isto. Meu talento é ensinar. Quero passar isto para o aluno.
- Eu gosto de Geografia – tenho facilidade em aprender. Tenho interesse por clima, que na escola pública é fraca – eu quero tentar mudar isso.
- Para ser professor, tem que ter curso universitário, tem que ter licenciatura. Pretendo só fazer licenciatura [numa faculdade particular específica].
- Ganha por volta de R$ 1.500,00 inicial e é melhor do que muitas outras profissões. Não usa a força física.

Os juízes autorizam a mudança, dizendo que o candidato soube se defender.

12) Renata - Pedagogia

- o pedagogo não precisa dar aula, pode administrar.
- deve estar ligado às noticias e tecnologia.
- deve ir a exposições.
- desde criança é minha vontade ser pedagoga.
- quero dar aula e administrar.
- quero trabalhar com crianças no pré e de 1ª. a 4ª.
- não tenho vontade de fazer curso técnico.
- o mercado de trabalho não é agradável. Existem muitos pedagogos.
- o mercado depende de concurso.
- o salário médio é de R$ 1.500,00.

Os juízes não autorizaram a mudança, com o argumento de que a candidata é muito nervosa e não teria paciência para atender crianças.

Obs: os juízes utilizaram conhecimentos de fora da atividade para julgar a candidata e nada disseram a respeito da qualidade da defesa. A candidata, com razão, ficou aborrecida e ficou de cara fechada no restante das sessões, principalmente para o sujeito que verbalizou a sentença.

É nesta atividade do tribunal que fica claro as duas moças pensarem em enfermagem buscando uma formação de ensino profissionalizante de nível médio – como técnicas de enfermagem. Elas pretendem, como afirmam, tratar diretamente com os pacientes e não ser "chefes de enfermagem", posto ocupado pelas profissionais com formação universitária (uma delas admite que mais tarde até pode fazer um curso universitário).

Classificamos as respostas em núcleos para melhor analisar as respostas dos sujeitos, a saber: "Objetivos com a Profissão/Justificativa da Escolha"; "O que o profissional faz", "Salário", "Características Individuais que favorecem a escolha", "Formação necessária e pretendida para a aquisição da profissão", "Experiência anterior", "E se não der certo?", "Sempre pensei nesta profissão", "Enfrentamento dos problemas que podem surgir no desempenho da profissão", "Por que não outra profissão?", "Sucesso".

quadro 14 – **argumentos quanto aos objetivos com a profissão/justificativa da Escolha**	
1.Paulo - Prof. Geografia	por que Geografia? Porque é uma matéria que os professores não desenvolvem tão bem.
	quero dar aula em escola pública.
2.José - Educ. Física	vou poder ajudar outras pessoas em esportes.
	quero dar aulas pra crianças.
	depois quero seguir outra carreira. Talvez jogador de futebol.
3.Cristina – Enfermagem	quer ser enfermeira mesmo, lidando diretamente com o paciente.
4.Olga – Pedagogia	eu vou tentar administrar uma creche.
	para virar diretora – isto seria com o passar do tempo, no início dá aulas, depois vira auxiliar de diretora e depois diretora.
	quero fazer trabalho social.
5.Mariana – Nutrição	tenho vontade de aprender o que é fibra e proteína.
	quero aprender a cuidar...ajudar pessoas hipertensas e obesas.
	tenho curiosidade em aprender – quero ver o progresso.
6.Carmem – Terapia Ocupacional	vou tentar estimular o deficiente naquilo que ele não tem.
	penso em fazer Psicologia depois, um está relacionado ao outro.
7.Antonio – Músico	quero me aprofundar. Quero conhecer a história da música.
	pretendo me dedicar somente à musica.
8.Miriam – Enfermagem	quero ser enfermeira e quem sabe fazer faculdade para ser chefe.
	quero trabalhar na parte pediátrica .
9.Renata – Pedagogia	quero dar aula e administrar.
	quero trabalhar com crianças no pré e de 1ª. a 4ª.
	não tenho vontade de fazer curso técnico.

Os nove sujeitos que explicitam seus objetivos com a profissão (quadro 14) demonstram congruência entre o que pretendem e as profissões defendidas. Cristina e

Miriam demonstram conhecer a diferença entre o trabalho do técnico em Enfermagem e do Enfermeiro, apesar de nomearem ambas as atividades de "Enfermeira", coisa normal no senso comum, porém incorreto frente à legislação profissional.

Chama a atenção que as profissões apontadas pelos sujeitos se relacionem ao ensino de crianças e jovens de um lado e ao cuidado (ajuda) em relação à saúde do outro; de fato, quatro sujeitos dizem que seu objetivo é ensinar e quatro de ajudar outros em relação à sua saúde. Apenas Antonio não faz referência a esses dois aspectos.

quadro 15 **–argumentos quanto ao conhecimento das atividades do profissional**	
1.Francisco – Ciência da Computação	cria softwares/hardware; instala programas; mexe com computador.
	o cientista da computação pode juntar as peças, pode consertar, faz cálculos e cria programas.
2.José - Educ. Física	quero dar aula teórica e prática.
3.Cristina – Enfermagem	a enfermagem lida... está em todas as áreas auxiliando o médico.
4.Olga – Pedagogia	o pedagogo trabalha com criança.
	cuida da pauta dos professores e organiza a aula dos professores.
	com o curso de Pedagogia a pessoa pode dar aula e cuidar da parte administrativa.
5.Mariana – Nutrição	o que faz? – regulariza o intestino, ajuda na alimentação/higiene.
	é necessário fazer nutrição pra aprender a ler rótulo.
	o nutricionista no hospital ajuda obesos e pacientes de pressão alta. Ela faz uma receita e passa.
6.Carmem – Terapia Ocupacional.	ajuda na inserção na sociedade por motivo de doença, drogados e deficientes.
7.Fernanda – Nutrição	ajuda não só a emagrecer. Ajuda também a engordar e ter boa saúde.
	ajuda a fazer o balanceamento da refeição desde o café da manhã até o jantar.
	a Merendeira, na creche, prepara a comida, a nutricionista faz o cardápio.
8.Miriam – Enfermagem	a enfermeira aplica injeção, tira sangue e mede pressão.
9.Renata – Pedagogia	o pedagogo não precisa dar aula, pode administrar.

A partir do quadro 15, podemos afirmar que a maioria dos sujeitos parece conhecer o trabalho do profissional que escolheu para defender no tribunal.

Mariana diz que é necessário fazer o curso de nutricionista para aprender a ler rótulo de alimentos industrializados, o que é incorreto. No caso dessa profissão, Fernanda demonstra maior conhecimento e visão mais global do trabalho do nutricionista, quando comparado com o que Mariana diz.

Miriam deixa claro o que pretende como "enfermeira". Fazer o trabalho operacional no trato com o doente, o que entende ser um trabalho de um profissional de nível médio nesta área.

quadro 16 **– argumentos sobre o conhecimento do salário percebido pelo profissional**	
1.Paulo - Prof. Geografia	ganha por volta de R$ 1.500,00 inicial e é melhor do que muitas outras profissões. Não usa a força física.
2.Francisco - C. Computação	o mercado de trabalho está em alta. Salário de R$ 2.200,00.
3.José - Educ. Física	um professor ganha R$ 1.200,00.
4.Olga – Pedagogia	o mercado não favorável...existem muitos pedagogos.
	vi que o salário de estágio de pedagogia é de R$ 850,00. O salário médio do Pedagogo é de R$ 1500,00..
5.Mariana – Nutrição	não sei sobre o mercado de trabalho da profissão. O salário inicial é de R$ 800,00.
6.Carmem - T.Ocup.	o mercado é alto. Salário R$ 1.200,00.
7.Antonio – Músico	*E o salário – sobrevivência – pensa em subir de classe?* Quero continuar e me esforçar. - - O salário é de R$ 12,00 a hora.
	conheço músicos que ganham bastante dinheiro.
8.Miriam – Enfermagem	eu não sei o salário, mas é médio.
9.Renata – Pedagogia	o mercado de trabalho não é agradável. Existem muitos pedagogos.
	o mercado depende de concurso.
	o salário médio é de R$ 1.500,00.

Dos nove sujeitos que fazem referência a salários recebidos (quadro16) pelas pessoas que exercem as profissões defendidas, oito declaram valores absolutos. Quase todos os valores citados são iguais aos divulgados pelo material informativo Guia do Estudante da Editora Abril (2007), que os sujeitos tiveram oportunidade de ler durante o desenvolvimento do programa de orientação profissional.

Comparando com os dados de renda familiar apresentados anteriormente, temos que a renda familiar média dos sujeitos é de 1,63 salários mínimos. A média dos salários citados pelos sujeitos, conforme consta no quadro 16, resulta em 3,7 salários mínimos[8], isto é, mais do que duas vezes o salário atual de sua família. Para as classes médias (médias e altas), os salários divulgados pelo Guia do Estudante quase sempre são considerados baixos ou muito baixos, mas para este grupo de participantes, são considerado bons ou até muito bons.

Talvez isso já seja uma ou mais uma justificativa para entender porque nenhum sujeito aponta profissões consideradas tradicionais ou da moda, como possibilidade de escolha. Destacamos que quase nenhum sujeito defende profissões incluídas dentre as 12 carreiras mais procuradas no vestibular da USP em 2007, que foram, em ordem: 1.Medicina, 2.Direito, 3.Engenharia-Computação-Matemática Aplicada, 4.Letras, 5.Administração, 6.Engenharia São Carlos, 7.Oficial da Polícia Militar, 8.História, 9.Ciência Biológicas, 10.Jornalismo, 11.Arquitetura, 12 Farmácia. (Fuvest, 2008)

[8] O salário mínimo da época da pesquisa de campo era de R$ 380,00

quadro 17 –**argumentos quanto ao conhecimento do local de trabalho do profissional**	
Francisco - C. Computação	um cientista da computação vira professor, trabalha em empresa.
José - Educ. Física	o educador físico tem vários lugares para trabalhar.
	pretendo ser professor de escola pública e para isto tem que prestar concurso.
	não pretendo trabalhar em academia – quero trabalhar com alunos – quero trabalhar com o pessoal do ensino fundamental.
Cristina – Enfermagem	trabalha na emergência, na pediatria, ajuda em partos –obstetrícia e em berçário.
Mariana – Nutrição	quero trabalhar em hospital.
Carmem - T.Ocup.	atua em hospitais, pode ter clínica, hospitais de deficientes, asilos.
Fernanda – Nutrição	quero trabalhar em creche.
	toda creche tem uma nutricionista.
Antonio – Músico	Pontão/Credicard.

Todos os sujeitos apontam locais de trabalho, conforme o quadro 17, congruentes com a profissão que escolheram para defender no tribunal. Chama a atenção o fato de Antonio citar apenas grandes auditórios para o exercício do trabalho do profissional de Música, o que pode indicar certo desconhecimento de outros locais de trabalho para o exercício dessa profissão.

quadro 18 **– argumentos quanto a características individuais que favorecem a escolha**	
1.Paulo - Prof. Geografia	tenho facilidade em ensinar. não quero ser Geógrafo, não nasci para isto. Meu talento é ensinar. Quero passar isto para o aluno.
	tenho paciência – tenho dois irmãos.
2.Cristina - Enfermagem	não tenho nojo...não tenho problemas com sangue.
3.Olga – Pedagogia	antes eu não tinha paciência, agora aprendi a conviver com as crianças.
4.Mariana – Nutrição	eu tenho paciência.
5.Carmem - T.Ocup.	não tenho medo de lidar com deficientes.
6.Fernanda – Nutrição	tenho paciência com criança e gosto muito de lidar com elas.
7.Antonio – Músico	comecei a fazer algumas músicas.
	não sei ler partitura.

Dentre as características individuais que o sujeito reconhece em si e que favorece o desempenho da função defendida no tribunal (quadro 18), há seis referências quanto ao que nomeamos de característica de personalidade. Dentre elas, destaca-se a paciência, citada por quatro sujeitos. Todas as menções se referem a essa qualidade pessoal como necessária para o trabalho. Os dois outros mencionam o "não ter nojo" e o "não ter medo", características que, no senso comum, são necessárias para o desempenho da profissão de enfermeiro no primeiro caso e não ter medo de lidar com deficientes, no segundo.

Carmem, que defende a profissão de Terapeuta Ocupacional responde ao preconceito existente na sociedade contra o portador de deficiência ao dizer que não tem medo de se relacionar com eles.

Dois sujeitos reconhecem em si habilidades pré-existentes que favorecem o desempenho da função pretendida. Paulo aponta sua facilidade para ensinar, e Antonio que já está compondo algumas músicas. Esse mesmo sujeito diz não saber ler partituras,

conhecimento e habilidade necessárias para a aprovação no vestibular dos cursos de músicas oferecidos pelo ensino universitário.

quadro 19 – **Argumentos quanto ao conhecimento da formação necessária e pretendida para a aquisição da profissão**	
1.Paulo - Prof. Geografia	para ser professor tem que ter curso universitário, tem que ter licenciatura. Pretendo só fazer licenciatura [numa faculdade particular específica].
2.Francisco - C. Computação	pretendo fazer curso técnico, vou usar cálculos, pretendo fazer faculdade também.
3.José - Educ. Física	para dar aula a pessoa tem quer ter licenciatura em educação física.
	o professor de educação física estuda biologia e ''
4.Cristina – Enfermagem	a faculdade é mais para quem quer ser enfermeira chefe, eu quero ser técnica...enfermeira mesmo.
	não pretendo fazer faculdade.
5.Antonio – Músico	para fazer trilha sonora de novela e filmes precisa de Faculdade.
6.Miriam – Enfermagem	pretendo fazer curso técnico .
7.Renata – Pedagogia	deve estar ligado às noticias e tecnologia.
	deve ir a exposições.

Segundo o quadro 19, temos seis sujeitos que apontam a necessidade do preparo profissional em cursos específicos. Dois deles pretendem fazer curso universitário e quatro dizem que farão cursos técnicos (profissionalizantes de nível médio de ensino). Dentre estes, apenas Francisco diz querer fazer faculdade também.

Renata não faz referência ao preparo em cursos, mas indica a necessidade do Pedagogo estar informado quanto a notícias, novas tecnologias e cultura para o desempenho da função. Apenas Antonio demonstra desconhecimento da formação profissional, ao afirmar que o curso universitário em Música é necessário caso se queira fazer trilhas sonoras para filmes e novelas.

quadro 20 - **experiência anterior como argumento de defesa**	
Paulo - Prof. Geografia	já tive contato com crianças.
Francisco - C. Computação	eu sempre gostei de mexer com computador.
Olga – Pedagogia	eu já trabalhei nesta área.
Antonio – Músico	eu já faço música – toco vários instrumentos, tenho banda.
	a minha banda é de estilo metal core...não é modinha.

Quatro sujeitos indicam, como se pode verificar no quadro 20, que já tiveram oportunidade de desempenhar funções na área que pretendem. Paulo diz que seu contato anterior com crianças indica seu jeito para ser professor. Francisco diz já mexer com computadores, o que lhe faz pensar em Ciência da Computação, Olga diz que já trabalhou na área, e Antonio diz já tocar instrumentos musicais, já ter composto músicas e que tem uma banda.

quadro 21 – **argumento utilizado em resposta a pergunta "e se não der certo?"**	
Antonio – Músico	se não fizer sucesso...nem sempre vai dar certo logo de cara,
	se não for músico, serei eletroeletrônico.
Mariana – Nutrição	se não der certo escolheria engenharia de alimentos. Gosto de saber os poderes dos alimentos.
Olga – Pedagogia	se não fizesse pedagogia faria nutrição.
Francisco - C. Computação	se não der para fazer ciência da computação, faria analise de sistemas.

Alguns sujeitos foram questionados pelos juízes sobre quais seriam seus planos caso a escolha defendida não desse certo (quadro 21). Seria a verificação da existência de um plano B, caso o principal não se viabilizasse. As respostas dadas indicam certo desconhecimento a respeito da seleção e da formação profissional.

Olga, por exemplo, responde que faria Nutrição, se Pedagogia não desse certo, mas pelo conhecimento que temos é mais fácil entrar numa faculdade de Pedagogia, e o mercado dessa profissão também é menos congestionado que a outra profissão mencionada.

Antonio resolve a questão dizendo que faria outra profissão sem nenhum relacionamento com a que defendia. Mariana aponta como saída que faria Engenharia de Alimentos, mostrando desconhecimento, uma vez que Nutrição é uma profissão da área de Saúde/Biológicas e Engenharia de Alimentos da área de Exatas e tecnologia.

Francisco é o único sujeito que diz que se não conseguir fazer Ciência da Computação faria outro curso na mesma área.

quadro 22 – **"sempre pensei nesta profissão" como argumento de defesa**	
Paulo - Prof. Geografia	eu sempre quis ser professor.
José - Educ. Física	sempre gostei de esportes. Tive o sonho de ser jogador de futebol.
	com educação física vai ser mais fácil jogar futebol.
Renata – Pedagogia	desde criança é minha vontade ser pedagoga.

Como argumento de convencimento dos juízes, três sujeitos apontam que a profissão que estão defendendo não surgiu de forma intempestiva (quadro 22). Afirmam que a vontade de ser este profissional esteve sempre presente em suas vidas. O argumento demonstra também a naturalização do fenômeno que tenta afirmar a decisão como algo inerente aos sujeitos, talvez uma vocação que estaria nela há muito tempo..

quadro 23 – **argumentos quanto ao enfrentamento dos problemas que podem surgir no desempenho da profissão**	
1.Paulo - Prof. Geografia	se eu der aula boa, motivar o aluno eles não terão motivo para agredir.
2.Miriam – Enfermagem	se uma criança morrer na minha mão encararei como algo que faz parte do processo.

Paulo diz que pretende combater a agressividade dos alunos numa sala de aula dando uma boa aula, o que motivaria os alunos. Miriam diz que a morte faz parte do trabalho da profissão que pretende seguir. (quadro 23)

quadro 24 – **Argumento quanto a questão "Por que não outra profissão?"**	
1.José - Educ. Física	acho a carreira de jogador difícil – tenho amigos e vejo isto.
	por ser de classe baixa é mais difícil ainda.
2.Cristina – Enfermagem	medicina seria muita responsabilidade.
3.Miriam - Enfermagem	por que não Medicina? Eu gosto da parte de enfermagem...andar pelos corredores...

Três sujeitos são questionados se não seria melhor escolher outra profissão ao invés da que defendem (quadro 24). Os juízes da atividade questionam se não seria melhor que José tentasse ser jogador de futebol sem passar pela Educação Física. O candidato responde, dizendo que ser jogador é muito difícil e que depois de formado pode tentar, mostrando que desconhece como se "adquire" a profissão de jogador.

Já para Cristina e Miriam, que defendem a profissão de Enfermeiras, os juízes perguntam se não seria melhor escolher logo a carreira de Medicina. Cristina diz que Medicina é uma profissão de muita responsabilidade, denotando que a enfermagem é menos exigente quanto a essa condição. A imagem que Cristina tem da profissão coloca na figura do Médico a responsabilidade pela saúde dos pacientes, o grande responsável pela vida deles. O enfermeiro, como operacionalizador do tratamento, teria uma função mais leve e portanto não responsável com o que acontece ao paciente.

Miriam usa a imagem de que o trabalho da enfermeira dever ser muito dinâmico, já que fica andando pelos corredores de hospitais. O que estaria contribuindo na formação do "perfil" que o sujeito tem a respeito da profissão do Enfermeiro? Talvez o ambiente limpo e asséptico dos hospitais e o ritmo dinâmico que imagina ter o trabalho do profissional, concepção excessivamente divulgada pelos meios de comunicação quando abordam ambientes hospitalares.

quadro 25 – **argumentos quanto a certeza de "sucesso"**	
Cristina – Enfermagem	- é uma área que eu gosto e vou desempenhar bem.
Mariana – Nutrição	- vou me sair bem porque gosto.
Antonio – Músico	- a pessoa faz sucesso quando gosta.

Três sujeitos acreditam que irão se sair bem na profissão que escolheram por gostarem da área. Cristina afirma que vai desempenhar bem sua profissão porque gosta,

Mariana afirma o mesmo. Antonio acredita que o sucesso chega, quando se gosta do que se faz. (quadro 25)

1.5) Profissões Citadas na Conclusão e na Declaração à Sociedade

O documento denominado "conclusão" é realizado na penúltima sessão do programa, dedicado à elaboração de sínteses. Solicita-se aos participantes que procurem deixar o mais claro possível sua situação frente à escolha profissional.

O documento "declaração à sociedade" é um documento preenchido na última sessão do programa. Nele cada sujeito preenche suas razões em relação à sua escolha.

Esses dois documentos (conclusão e declaração) são sorteados entre os próprios membros do grupo, que os lerão em voz alta para todos e tecerão comentários relativos à escolha dos sujeitos. Todos os participantes do grupo podem se pronunciar a respeito deles..

Conclusão

quadro 26 – **Profissões citadas na conclusão e declaração – sexo feminino**

	Pedagogia		Enfermagem		Nutrição		Psicologia		Terapia Ocupacional	
Sujeito	Conclusão	declaração	conclusão	declaração	conclusão	Declaração	conclusão	declaração	conclusão	Declaração
Ana							1	1		
Cristina			1	1						
Olga	1	1								
Mariana					1	1				
Carmem							1		1	1
Fernanda					1	1				
Miriam			1	1						
Renata	1	1								

quadro 27 – **Profissões citadas na conclusão e declaração – sexo masculino**

	Ciências. Computação		Educação Física		Música		Geografia (Prof)		Técnico em Eletrônica	
sujeito	Conclusão	declaração	conclusão	declaração	conclusão	declaração	conclusão	declaração	conclusão	Declaração
Paulo							1	1	1	
Francisco	1	1					1		1	
José			1	1						
Antonio					1	1			1	

Todos os participantes, sem exceção, tanto na conclusão quanto na declaração à sociedade, apontam profissões já mencionadas na primeira sessão do programa ou na ficha pessoal. (quadros 26 e 27)

Abaixo transcrevemos, primeiramente, os textos escritos pelo próprios sujeitos no documento "conclusão". Logo a seguir da análise, transcrevemos os texto do instrumento "declaração à sociedade".

Texto da conclusão:

1) Ana

“Eu escolho a carreira de Psicologia, pois é na área da saúde, e que com essa profissão vou ajudar ou auxiliar pessoas.

Eu me identifico muito com Psicologia, sempre gostei de Psicologia, e se tornou meu grande sonho. Vou me tornar uma grande Psicóloga”.

2) Antonio

“Serei um ótimo músico, porque vou fazer aquilo que vivo e gosto. Vou começar com um curso técnico de eletrônica, vou arrumar emprego e fazer um curso de instrumentalização. Vou ser o melhor”.

3) Carmem

“Eu vou prestar Terapia Ocupacional por gostar de ajudar as pessoas e por achar essa uma profissão desafiadora. Mas, futuramente, também pretendo fazer Psicologia por gostar e achar que tem a ver comigo. E mais interessante é que uma se engloba na outra”.

4) Cristina

“Bom, continuo com a mesma opção, quero ser Enfermeira, porque é uma área que me chamou muito a atenção, gosto muito e tenho certeza que vai trazer muitos benefícios para minha vida.

Espero me formar algum dia, espero que esse dia não demore e que eu não me arrependa e seja muito feliz e realize todos os meus sonhos”.

5) Fernanda

“Escolha: Nutrição, porque vou aprender novamente a reeducar os hábitos alimentares e nada mais importante do que seguir essa profissão, ajudando a melhorar a alimentação infantil, adulto e idoso, pretendo fazer curso superior de nutrição.

Tinha dúvida em: Enfermagem, Fisioterapeuta, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia e Nutrição.

6) Francisco

“Eu escolhi a profissão de Cientista da Computação.

Por quê?

É uma área em que eu gosto muito, tenho facilidade em exercer esta profissão, que é bem legal e o mercado de trabalho é amplo. E se eu exercer essa carreira, eu vou poder dar uma vida melhor para meus filhos e minha família”.

7)José

“Estou decidido na minha escolha profissional. A carreira que escolhi é Educação Física, pois é uma carreira que eu gosto, me sinto feliz de pensar em seguir, estar em alta no mercado, é uma área que me sinto bem”.

Espero que tenho escolhido a profissão certa, pois é um momento da minha vida muito importante”.

8) Mariana

“Nutricionista – porque é uma área que eu sei que vou me sair muito bem, que eu tenha facilidade de aprender e quero aprender”.

9) Miriam

“Eu escolhi enfermagem, eu já gostava desta profissão antes mesmo de pesquisar sobre ela, agora que Nace me ajudou a pesquisar sobre esta carreira, tenho certeza que é esta profissão que eu quero seguir”.

10) Olga

“Pedagoga tanto pode lidar com as crianças, e consegue administrar e coordenar uma creche, fazer pautas escolares.

Fiquei em dúvida entre letras, história, geografia porque é uma área que mexe com o público e com antiguidade e com efeitos da natureza”.

11) Paulo

“Eu optei por duas que pretendo prestar: técnico em eletrônica e geografia.

Pretendo começar exercendo eletrônica para entrar no mercado de trabalho, para depois poder ter condições de prestar geografia e passar a exercer somente ela”.

12) Renata

“O que escolhi? Pedagogia

Porque me preocupo com educação e porque gosto e me interesso, acho legal e acho que vou me sentir bem nessa profissão. Também por gostar de lidar com crianças e de poder passar algo de conhecimento para elas.

Estou em dúvida: Designer de Multimídia

Mas acho interessante, mas tenho algo em mim que vou ficar com Pedagogia.

A tabela 3 classifica as respostas acima descritas indicando as razões das escolhas dos sujeitos.

Tabela 3 – **Razões da escolhas dos sujeitos**	no. sujeitos
lida com coisas que gosto/vou me sentir bem na profissão/tenho facilidade para aprender	9
vou ter vida melhor/vou me sair bem/está em alta no mercado	4
vou ajudar pessoas	4
primeiro curso técnico	2
Total	19

Com maior número de menções, aparece a razão da ordem da emoção, isto é, os sujeitos dizem que gostam das coisas com que o profissional lida, ou que se sentirão bem exercendo-a e mesmo que consideram ter facilidade de aprender.

A razão de ordem socioeconômica, isto é, que a profissão lhe permitirá ascensão social ou pelo menos uma vida melhor, aparece com a mesma freqüência da razão "poder ajudar os outros".

Paulo e Antonio indicam que farão primeiramente um curso profissionalizante de nível médio, e com isso viabilizarão financeiramente seus cursos universitários.

Declaração à Sociedade

Abaixo transcrevemos os textos escritos pelos sujeitos referente ao instrumento "Declaração à Sociedade".

1) Ana

Seguirei a profissão de
Psicologia
Pelos seguintes motivos
Quero auxiliar as pessoas ajudando em todos os sentidos e dar uma vida melhor a minha família.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
Tenho certeza do que eu quero e porque vou ser uma ótima profissional fazendo o que gosto.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
A sociedade precisa de pessoas dispostas a ouvir e dar um caminho para o seu problema.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Tenho certeza do que eu quero e porque vou ser uma ótima profissional fazendo o que eu gosto.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Que minha família, amigos e o governo me dêem apoio, confiem e invistam nos meus estudos.

2) Antonio

Seguirei a profissão de
Músico
Pelos seguintes motivos
Gosto de ouvir, fazer e tocar músicas.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
Já tenho uma prática com a carreira, porque tenho uma banda.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
A música mexe com as emoções das pessoas, podendo fazê-las felizes.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque

Dedico-me muito, vou atrás, quero sempre mais.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Preciso de oportunidades, cursos que ensinem de graça, trabalho e total interesse meu.

3) Carmem

Seguirei a profissão de
Terapia Ocupacional
Pelos seguintes motivos
Por me relacionar bem com as pessoas, e por tentar fazer com que diminua ou até acabe as exclusões existentes na sociedade.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
Pesquisei e sei que darei o máximo na realização desta profissão.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
Tem em vista o bem-estar das pessoas e ajuda na reabilitação de pessoas excluídas da sociedade.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Tenho habilidade para poder ajudar a quem precisa e muita força de vontade para ser bem sucedida nesta profissão.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Poder ter uma oportunidade e apoio da minha família e amigos.

4) Cristina

Seguirei a profissão de
Enfermagem
Pelos seguintes motivos
Porque é meu sonho, uma coisa que eu gosto e tenho certeza que vou me adaptar facilmente. Darei o melhor de mim para que eu possa ser uma grande profissional.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
Através da Orientação Profissional, consegui ver que é isso que eu quero e estou pronta para seguir sem prejudicar o próximo.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
Ajuda no bem- estar da sociedade e seus problemas de saúde. Sem enfermeiros e médicos o que seria dos doentes?
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Eu tenho força de vontade, habilidade, não tenho medo de sangue e nem de coisas piores, e é isso que eu quero fazer: ajudar ao próximo.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Primeiramente que Deus me abençoe para que eu consiga me formar. E que cada dia Deus abençoe quem seja para que todos consigam o que desejam.

5) Fernanda

Seguirei a profissão de
Nutrição e Dietética
Pelos seguintes motivos
Porque me beneficiarei fazendo uma alimentação correta e será satisfatório ajudar as outras pessoas.
Considero que estou pronta para escolher esta profissão porque

Além de ser muito importante, gosto de estar sempre informada quando se trata de saúde e acho que estou apta a aprender e me esforçar ao máximo para desenvolver essa profissão.

Esta profissão é importante para a sociedade porque

Se não tivermos uma alimentação correta, isto implicará futuramente na sua fase adulta e implica também ao próprio profissional, que se não acontecer acidentes que ocorrem no trabalho.

Sei que tenho competência para o seu exercício porque

Tenho polegar opositor e cérebro desenvolvido.

Tenho a seguinte solicitação a fazer

Pedir ao governo Lula que excluísse o vestibular

6) Francisco

Seguirei a profissão de

Cientista da Computação

Pelos seguintes motivos

Quero ter uma profissão em que o mercado de trabalho seja amplo e ganhe bem.

Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque

Porque eu sempre quis esta profissão e se eu tiver uma boa formação, com certeza eu estarei pronto sim.

Esta profissão é importante para a sociedade porque

Esta profissão dever ser sim uma profissão importante para a sociedade, porque como a tecnologia vem avançando, a sociedade tem que estar preparada.

Sei que tenho competência para o seu exercício porque

Se eu me formar em uma boa universidade, eu posso exercer esta profissão com facilidade.

Tenho a seguinte solicitação a fazer

Eu que tenho estudar mais para eu concluir o curso técnico, e quem sabe passar na faculdade pública.

7) José

Seguirei a profissão de

Educação Física

Pelos seguintes motivos

Gosto de esportes, tenho conhecimentos sobre a profissão, quero ajudar outras pessoas na saúde e na forma física. Terei prazer de ingressar nesta carreira.

Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque

Me aprofundei em várias outras profissões para perceber que a carreira que devo seguir é essa.

Esta profissão é importante para a sociedade porque

Cuida da saúde, bem -estar e forma física de todos os seres humanos

Sei que tenho competência para o seu exercício porque

Tenho habilidades para ajudar pessoas, orientá-las como seguir uma vida saudável praticando esportes e outros exercícios físicos.

Tenho a seguinte solicitação a fazer

Espero que a ONG me ajude até o término da minha formação no Ensino Superior, pois será difícil dar continuidade aos meus estudos .

8) Mariana

Seguirei a profissão de

Nutricionista

Pelos seguintes motivos

Gosto de preparar comida e balancear.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
È a profissão que me vejo no trabalho e sei que vou ser uma boa profissional.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
Muitos doentes precisam ter a comida balanceada.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Gosto muito de preparar comidas.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Pedir aos cursos técnicos para exercer a profissão que eu quero que é Nutrição.

9) Miriam

Seguirei a profissão de
Enfermagem
Pelos seguintes motivos
Pesquisei sobre esta carreira, sei o que é preciso para exercê-la e, o mais importante, é que eu gosto muito desta profissão.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
Pesquisei muito sobre ela, o programa de orientação profissional me ajudou a ter certeza que é desta profissão que eu gosto.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
É uma profissão que é voltada para as pessoas, para cuidar delas quando estão necessitando de cuidados médicos.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Tenho muita força de vontade, seio que tenho capacidade para exercê-la e, acima de tudo, quero muito ser enfermeira.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Peço que Deus me ajude nesta jornada e me ilumine neste longo caminho que não será fácil, porém não impossível.

10) Olga

Seguirei a profissão de
Pedagogia.
Pelos seguintes motivos
Porque posso trabalhar com crianças e administrar uma creche ou escola.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
Tenho habilidade de lidar com o público e ao mesmo tempo lidar com a qualidade da educação.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
Ensina a ler e escrever, ensina o caminho a ser seguido no futuro.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Porque tenho habilidade de lidar com público, tenho facilidade de comunicação.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Que tenha força de vontade e desempenho para consolidar esta profissão. Que nossas autoridades disponibilizem mais cotas e vagas nas universidades públicas.

11) Paulo

Seguirei a profissão de
Geógrafo
Pelos seguintes motivos

Por gostar de a profissão e ter vontade de exercê-la.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
É um sonho meu e hoje me considero preparado para segui-la.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
Como eu quero dar aulas vou ajudar na qualidade do ensino da população.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Pretendo me preparar para ser no futuro um dos melhores na minha área.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Empenho de minha parte e oportunidade da sociedade

12) Renata

Seguirei a profissão de
Pedagogia
Pelos seguintes motivos
Pesquisei sobre a profissão e achei que tudo o que é preciso nela posso exercê-la com tranqüilidade e uma sabedoria de conhecimento.
Considero que estou pronto para escolher esta profissão porque
Me adapto em todos os temas que oferece e exerce profissionalmente e porque gosto e acho legal.
Esta profissão é importante para a sociedade porque
É uma profissão que muitas pessoas discriminam, mas na verdade é um dos que se desempenha na ajuda da educação.
Sei que tenho competência para o seu exercício porque
Sou uma pessoa que gosto de ajudar o próximo, porque adoro e me adapto no seu conteúdo.
Tenho a seguinte solicitação a fazer
Eu, Renata, gostaria de ter essa profissão, que Deus me ajude a conseguir e que minha mãe e meu pai me ajudem.

As respostas acima descritas foram categorizadas segundo as questões do instrumento, para melhor apreendermos a compreensão que os sujeitos têm de sua escolha.

Tabela 4 - **motivos da escolha**	**no.de sujeitos**
lida com coisas que gosto/vou me sentir bem na profissão/tenho facilidade para aprender	10
vou ajudar pessoas	4
vou ter vida melhor/vou me sair bem/está em alta no mercado	2
total	16

O gosto, a facilidade para aprender e o sentir-se bem na profissão são os principais motivos que justificam a escolha dos sujeitos (tabela 4). Quatro sujeitos indicam que o fato de ajudar os outros motiva sua decisão e dois dizem que escolhem estas profissões porque julgam que elas lhes proporcionarão melhoria na sua condição de vida.

tabela 5 – **por que estou pronto para escolher esta profissão?**	**no.de sujeitos**
porque pesquisei e tenho certeza do que quero	5
tenho habilidades necessárias para o exercício da profissão e para aprender o que se precisa	4
é meu sonho/sempre quis /porque gosto/porque é a que me vejo trabalhando	3
outros	3
total	15

A tabela 5 agrupa as respostas dadas à questão de por que se consideram prontos para escolher a profissão. Cinco dizem que se consideram informados a respeito de sua e de outras profissões. Quatro porque avaliam que têm as habilidades necessárias para o exercício da profissão ou também que têm habilidades para aprender o que precisam para aprender tudo o necessário para exercer a profissão. Três sujeitos argumentam que estão prontos porque sempre quiseram essas profissões.

tabela 6 - **importância para a sociedade**	**no.de sujeitos**
melhorar a qualidade de ensino da população	3
ajuda no bem estar da população cuidando de sua saúde física ou mental	7
mexe com a emoção das pessoas tornando-as felizes	1
a população tem que estar preprarada para a tecnologia	1
Total	12

Sete sujeitos declaram que as profissões escolhidas são importantes para a sociedade porque cuidam da saúde física e mental da população. Três sujeitos apontam que suas profissões podem melhorar a qualidade de ensino da população. (tabela 6)

tabela 7 - **me acho competente**	**no.de sujeitos**
tenho habilidades para o exercício profissional	5
sou uma pessoa dedicada/tenho força de vontade/tenho polegar opositor e cérebro desenvolvido	5
gosto de ajudar o próximo	2
tenho certeza do que quero	1
total	13

Cinco sujeitos declaram que se sentem competentes para o exercício da profissão porque consideram que já possuem as habilidades necessárias. Outros cinco opinam que possuem atributos pessoais que favorecem a aquisição das habilidades, tais como dedicação e força de vontade. (tabela 7)

Tabela 8 - **Solicitação**	**no.de sujeitos**
que a sociedade ofereça oportunidade/que o governo ofereça mais programas de inclusão e mais vagas na universidade pública/que o governo acabe com o vestibular/que a ONG continue me apoiando/que o governo me apóie	5
família e amigos me apóiem	3
que Deus me abençoe/ajude	3
que eu me empenhe/que eu tenha força de vontade/	2
total	13

Cinco sujeitos solicitam que instituições públicas (governo/sociedade/ONG) criem melhores condições ou que os apóiem para que possam adquirir/exercer a profissão que pretendem. Três pedem que seus familiares e amigos os apóiem. Três pedem a Deus que não os esqueçam e dois sujeitos solicitam para si mesmos mudanças pessoais para viabilizar suas escolhas como mais empenho pessoal, mais força de vontade, mais estudo. (tabela 8)

2. Sobre as Aspirações e Expectativas a Respeito do Futuro

Os dados a respeito de aspirações e expectativas dos sujeitos participantes da pesquisa foram obtidos a partir de uma atividade de aquecimento, isto é, preparatória de uma sessão de aprofundamento de informações sobre profissões. Os participantes do grupo foram distribuídos em duplas e, a partir da consigna do orientador do programa, deveriam responder durante um tempo determinado (normalmente 5 minutos para cada item) às questões colocadas. Cada participante contava para o seu companheiro sua resposta e este anotava numa folha de papel. A orientação dada pelo coordenador era: "Vou lançar uma pergunta e você deve respondê-la, fazendo a maior lista possível". A primeira pergunta é listar as coisas que você quer (**EU QUERO**), liste tudo o que você tem que (**EU TENHO QUE**) e liste tudo que você tem medo (**EU TENHO MEDO DE**). Terminadas as respostas das três perguntas, abria-se uma discussão com todo o grupo de participantes a respeito do significado atribuído a cada uma das perguntas no que se referia a diferenças percebidas entre as resposta à pergunta "eu quero" em relação às respostas "eu tenho que".

Buscamos com a pergunta "eu quero", levantar as expectativas do sujeito entendidas como sonhos ou desejos. A pergunta "eu tenho que" diz mais respeito às obrigações colocadas pela sociedade ou obrigações que o próprio individuo se atribui a partir do que quer (seria algo como a pessoa "quer" tanto alguma coisa que acaba "tendo que"). O "ter que" deve acontecer num futuro mais imediato. Os dicionários apontam que expectativa é uma "situação de quem espera a ocorrência de algo, ou sua probabilidade de ocorrência, em determinado momento" (Houais, 2008) e "eu tenho", que estaria mais ligada à aspiração, isto é, ao "desejo profundo de atingir uma meta material ou espiritual" (Houais, 2008). A pergunta a respeito dos medos é realizada para levantar os temores em relação à concretização das expectativas e dos desejos.

Segundo o quadro 28, o maior número de menções[9] foram dadas à questão "eu quero" (99), seguida da questão "eu tenho medo" (87) e a questão das obrigações, "eu tenho que" foi a que obteve o menor número (73) .

quadro 28 – **sobre as expectativas e aspirações**			
expectativas e aspirações	eu quero	eu tenho que	medo
bem material	26		
relacionado a afetos (conhecer novas pessoas/adorar membros da família/namorar, casar, ter família, ter filhos)	20	4	9
diversão (entretenimento)	16	7	
ser feliz/ver os outros felizes (amigos e familiares)]	8		
passar no vestibular em escola pública/conseguir entrar numa universidade/estudar/passar na curso técnico	7	9	3
bem material relacionado à profissão futura	6		
ter uma profissão/me formar/me formar em música/terminar meu curso/me informar sobre curso e profissão	4	5	
trabalhar	3	11	
morar sozinha/morar com mãe e irmão/morar no centro da cidade	3		
trabalhar com aquilo que quero (trabalhar com crianças/gravar meu primeiro CD)	2		
ser dona de empresa/ser dona de creche	2		
mudar ou reforçar caract. pessoais (geral)	1	12	
ser/ficar rica	1	1	
mudar características pessoais relacionadas à profissão		18	
relacionados ao futuro genérico		6	19
medo de perder familiares e amigos/de morrer		0	18
escolher profissão/profissão			16
itens relacionados a vida cotidiana		0	22
total	99	73	87

1) **Eu quero**

No que diz respeito às expectativas (eu quero), o maior número de menções se referem a bens materiais com ênfase em carros e motos (8 menções), ou terminar de construir sua casa, com 7 menções. Ao que parece, essas expectativas estão relacionadas à melhoria das condições de vida e ascensão social.

Em outro momento do programa, uma jovem fez uma pergunta para todos os membros do grupo: "qual é o seu sonho de consumo?", repetindo uma questão que aparece com freqüência nos meios de comunicação, quando se quer saber de uma pessoa (em geral uma celebridade) o que de mais distante e muitas vezes desnecessário para a sua vida ela gostaria de conseguir. Todos os participantes do grupo, sem exceção, responderam "ter uma casa", o que se entende como sendo algo quase inatingível de obter.

O segundo item com mais menções são os que se referem ao que denominamos de expectativas relacionadas ao afeto. Ter amigos, namorar, casar, ter família, filhos, conhecer novas pessoas fazem parte dos desejos dos jovens da pesquisa. Destaca-se que

[9] Quando utilizamos a palavra menção, estamos nos referindo a respostas que os sujeitos deram às questões e que podem ser e, na maioria das vezes, foram múltiplas.

cinco sujeitos do sexo feminino e 1 do sexo masculino assinalam a expectativa de se casar no futuro.

O terceiro aspecto mais mencionado diz respeito ao que denominamos de expectativas de diversão, entretenimento. A maior concentração diz respeito ao desejo de viajar, conhecer o mundo, conhecer outros países, conhecer outros lugares (seis sujeitos). Tais expectativas possivelmente refletem o desejo de ascensão social e a conquista de status social, uma vez que no Brasil, quem pode viajar participa das classes sociais mais privilegiadas.

2) **Eu tenho que**

Foram feitas 73 menções a respeitos das obrigações (eu tenho que), entendidas como aspirações dos sujeitos. Dezoito menções apontam a necessidade de mudar características pessoais relacionadas à profissão e à escolha profissional. Oito dos 12 participantes apontam a necessidade de ter que estudar mais como a mudança principal, em seu modo de ser. Seguramente, tal mudança está associada à experiência imediata dos sujeitos no cursinho popular que freqüentam, que pressupõe o estudo para viabilizar o ingresso num curso superior. O estudar mais também pode ser associado à idéia de sucesso que esses jovens buscam obter e que denota o esforço próprio que devem despender para alcançá-lo. Os sujeitos assumem que estudar mais é o que precisam para melhorar de vida. Depende do esforço individual, mas é exterior a eles, por isso só aparece na resposta à pergunta "eu tenho que" e não como algo desejado. O sucesso almejado, conforme prega a ideologia (neo)liberal, só pode ser alcançado por meio do esforço e disputa pessoal. A idéia do vitorioso e do fracassado, tão presente na cultura norte-americana, já começa a dar sinais de utilização na linguagem casual, aqui no Brasil.

Doze das menções dizem respeito a modificações que denominamos mudança ou reforço de características pessoais, não relacionadas à escolha profissional. As respostas aglutinadas neste item não apresentam concentração significativa em algum deles e dizem respeito a coisas pessoais, tais como: ser menos sentimental, ter atitude, não ligar para que os outros pensam, ser mais humilde entre outras. Portanto, dizem respeito ao conhecimento que o sujeito tem de si e que, segundo avaliação própria, deve ser modificado.

Onze sujeitos assinalam a necessidade de trabalhar, o que significa que os participantes do programa, menos um, apontam que precisam procurar trabalho. Nenhum deles, no momento da pesquisa trabalhava, segundo suas próprias declarações assinaladas no instrumento "ficha pessoal". Talvez fosse de se estranhar esse dado, uma vez que a renda familiar declarada é a das mais baixas da população brasileira, e a idade dos participantes permitiriam que os sujeitos já se engajassem no mercado de trabalho. O que esse dado estaria indicando? Talvez que os jovens da pesquisa estão sendo

“protegidos” pelas suas famílias para obter uma formação profissional mais valorizada, com certificação reconhecida pela sociedade.

Cumpre realçar que apenas três sujeitos indicam que fazem parte de suas expectativas o exercício do trabalho. Ao que parece, a busca pela sobrevivência se impõe, para estes jovens, apenas como obrigação. Dois sujeitos do sexo feminino sonham trabalhar com crianças, únicas indicações de um trabalho que envolve algo mais do que ganhar dinheiro para a satisfação das necessidades materiais.

A relação entre trabalho e ingresso num curso superior aparece de forma diferente na pesquisa de Ribeiro (2003). Segundo esse autor, a meta de ingressar num curso superior não faz parte da realidade imediata dos sujeitos de sua pesquisa com jovens estudantes de escolas públicas da periferia da cidade de São Paulo. Os jovens, na pesquisa de Ribeiro, têm clareza que o caminho a seguir é a busca de trabalho depois do término do ensino médio. A formação de nível superior seria um prêmio pelo sucesso alcançado no trabalho, por isso, a formação universitária não é encarada como pré-requisito para a ascensão profissional.

Duas explicações podem ser levantadas para a diferença de expectativas dos jovens das duas pesquisas, em relação ao nível de escolaridade superior. Na pesquisa de Ribeiro, os pais dos sujeitos tinham uma escolaridade mais elevada, aproximadamente 27% dos pais e 25% das mães atingiram o nível médio, e 25% dos pais e 13,5% das mães tinham nível superior, isto, é os pais já haviam galgado as escadas educacionais sem, no entanto, lograr ascensão social, condição percebida pelos filhos e que talvez gerasse um desalento em relação à busca por maior escolaridade. A outra explicação poderia ser creditada ao momento do desenvolvimento da pesquisa (2003), época em que os programas governamentais de inclusão ainda não haviam tomado vulto.

Na nossa pesquisa, só um pai e duas mães chegaram ao nível médio de ensino. Sete pais e oito mães, segundo a declaração dos sujeitos, atingiram o nível primário de ensino (primeiro ciclo do ensino fundamental). Os filhos, portanto, já ultrapassaram em muito a escolaridade dos pais, podendo ser considerados “vitoriosos” por terem permanecido na escola e terminado o ensino médio. É necessário relembrar também que os jovens participam de uma ONG que busca auxiliá-los no ingresso em uma universidade. Isso pode se constituir num viés, quando se compara com o público que freqüenta, na periferia, escolas públicas de ensino médio, que não têm a chance de discutir e refletir sobre assuntos como esses.

Podemos inferir que os jovens de nossa pesquisa, diferentemente das conclusões de Ribeiro, pensam o trabalho como condição para viabilizar seu curso superior. O “ter que trabalhar” daria a dimensão do imediato da vida do sujeito, e parece que o jovem tem certa consciência de que o trabalho que ele pode obter com a formação já alcançada seria insuficiente para galgar degraus na pirâmide social, apesar de já ter ultrapassado o nível escolar de seus pais, como já apontado.

3) **Eu tenho medo**

Foram mencionados 87 itens no que se referem aos temores dos sujeitos. 22 deles estão relacionados ao que denominamos de medos vinculados ao futuro genérico, isto é, os que não estão ligados diretamente à escolha profissional e profissão, tais como': não ser feliz; perder; não conseguir aquilo que quer etc.

Dezoito menções referem-se ao temor de perder os pais, amigos e parentes e de morrer. Ao que parece, a cultura da violência está presente fortemente na vida desses jovens, aliás como na de todos os brasileiros, em função do modo como os temas relacionados à segurança são tratados pelos principais meios de comunicação. O fato de estar vivo, provavelmente os faz sentirem-se como sobreviventes de uma guerra que não se tem clareza de onde começou e como vai terminar.

Dezesseis menções estão diretamente ligadas à escolha profissional. O medo da escolha profissional, de escolher errado, do mercado de trabalho são mencionados. O mito da escolha errada tem sido utilizado com freqüência para fazer entender que o sucesso, numa sociedade capitalista, depende exclusivamente de ações individuais. A escolha errada traria como conseqüência o desemprego, o desânimo ou o salário baixo.

Apenas três menções aparecem referindo-se ao vestibular, e aqui há de se perguntar: por que isso acontece? Afinal, a maioria dos participantes já enfrentou vestibulares no ano anterior e freqüenta cursinho pré-vestibular, itens que no mínimo constituem bons indicadores de que a prova é altamente seletiva e difícil.

Poderíamos levantar como explicações dois aspectos. Um de cunho psicológico de negação pura e simples deste medo e outro que apontaria para um certo desconhecimento da realidade do vestibular.

3. Sobre o Mercado de Trabalho

Os dados sobre a percepção que os sujeitos têm a respeito do mercado de trabalho foram obtidos a partir do posicionamento a respeito da afirmação "O mercado de trabalho é um dos principais elementos a ser levado em conta na escolha profissional".

quadro 29 – **sobre o mercado de trabalho**

sujeito	**C(concordo / D(discordo**	**mercado de trabalho**
Paulo	**C**	Porque a cidade de São Paulo tem uma grande população e não tem emprego para todos. Por isso o mercado de trabalho é importante na escolha profissional.
Francisco	**C**	Hoje, quando você escolhe uma carreira profissional, você tem muitas chances de ingressar no mercado de trabalho, com dificuldades mas tem, agora, se você não tem uma carreira profissional, você tem mínimas chances de ingressar no mercado de trabalho.
José	**C**	Sim, porque além de você gostar da profissão, deve levar em conta a concorrência no mercado de trabalho, salários etc.
Olga	**C**	Levam em consideração a profissão exercida e vão ser bem remunerados ou se vão criar carreira dentro da área escolhida.
Mariana	**C**	Tudo começa pelo mercado de trabalho, eu não gosto do trabalho que eu exerço, eu procuro outro até achar um que sinta prazer de trabalhar.
Carmem	**C**	Hoje não basta somente fazer o que gosta, pois o mercado de trabalho está muito pequeno para pessoas formadas, tem muitas pessoas que se formaram e não tem emprego na área cursada, sendo assim obrigado a trabalhar com algo que não tem nada a ver com sua profissão.
Fernanda	**C**	Acho que sim, porque no mercado de trabalho você tem várias opções de trabalhos diferentes pra que você possa decidir sobre algumas delas.
Ana	**D**	Não, porque sua escolha profissional tem que ser de acordo com sua vontade, pois só fazendo o que gosta vai ser um bom profissional e se dar bem no mercado de trabalho.
Cristina	**D**	Discordo, porque nem sempre a profissão escolhida é a exercida no dia-dia. A maioria das vezes todos trabalhamos em um cargo diferente do que o que queremos nos formar.
Antonio	**D**	Porque não adianta eu ganhar bem fazendo algo que não gosto, fazer só pelo dinheiro não tem o "tesão" do trabalho.
Miriam	**D**	Você deve escolher a profissão que lhe interessa, que goste, pois se gostar do que faz será um ótimo profissional e assim com certeza conseguirá um espaço no mercado de trabalho.
Renata	**D**	Muitos têm sua profissão e não exerce profissionalmente o que desejaria exercer na área do mercado de trabalho.

De acordo com o quadro 29, sete sujeitos assinalam que concordam com a afirmação. Entretanto, ao analisar cada resposta, percebe-se que cinco deles não entenderam de fato a afirmação em debate e não distinguiram com clareza o significado da expressão "mercado de trabalho". Por exemplo, Francisco aponta a necessidade de se ter uma profissão para enfrentar o mercado; José diz que se deve considerar o mercado e o gosto pela profissão e não esclarece se é o mais importante ou não; Olga diz que é importante conhecer o mercado para ser bem remunerado ou para criar carreira dentro da área. Depreende-se que a participante quis dizer que a pessoa pode trabalhar numa área conhecida ou abrir um nicho novo.

Apenas dois sujeitos parecem ter entendido a questão dentre os que assinalaram a alternativa "concordo." Paulo diz que a cidade de São Paulo não oferece empregos para todos e que por isso deve-se considerar o mercado de trabalho na escolha profissional e Carmem considera necessário conhecer o mercado que está muito congestionado e que não adianta pensar apenas no que se gosta. A prova, segundo ela, é de que existem

pessoas formadas que não encontram emprego e precisam buscar trabalho fora da área de formação.

Dentre os cinco sujeitos que discordam, dois também não entenderam corretamente a questão proposta. Cristina e Renata argumentaram que muitos profissionais trabalham em áreas diferentes de suas formações, o que não deixa claro se estão concordando ou discordando da afirmação. Já Ana e Miriam argumentaram que o gosto pelo trabalho leva a pessoa a ser uma ótima profissional. Antonio argumentou que é necessária a paixão, "tesão" pelo trabalho, além da remuneração.

As respostas à afirmação proposta para colocar em discussão a questão do mercado de trabalho e sua importância na escolha profissional indicam que a maioria dos participantes do grupo não entendeu o que se pretendia debater. Também não há compreensão do que significa a expressão mercado de trabalho e muito menos o seu funcionamento.

O desenvolvimento da sessão em que esta questão é debatida se debruça exatamente sobre isto. Aponta-se o funcionamento do mercado de trabalho realçando-se sua dinamicidade. Ao mesmo tempo, discute-se a veracidade da idéia recorrente na sociedade, de que se gosta da profissão, há maior dedicação no trabalho, gerando uma competência superior, condição suficiente para superar as dificuldades de mercados congestionados ou problemáticos.

Os sujeitos, ressalvando-se a falta de compreensão da frase, trazem para o debate sobre o mercado de trabalho aspectos que os preocupam, tornando a relação deles com o mercado uma relação tensa, cuja transformação está fora de seu alcance.

O mercado é difícil, pois é lugar de concorrência, de conflito, de busca constante de capacitação. É lugar de incerteza quanto a possibilidade de se sair bem, de dúvida se o que vai conseguir com seu trabalho de fato recompensará o esforço pessoal despendido. O mercado é enigmático. O sujeito só conhece a necessidade da competência profissional como condição para enfrentá-lo.

4. Sobre Vestibular

A reflexão a respeito do vestibular ocorre a partir do posicionamento dos sujeitos sobre a afirmação "Todos têm igual oportunidade de passar no vestibular, depende apenas do esforço de cada um."

quadro 30 – **sobre o vestibular**		
Sujeito	**C(concordo-D(discordo)**	**Vestibular**
Mariana	**C**	Vai do esforço sim de cada um, porque se eu não me esforço eu nunca vou passar no vestibular, eu me sinto insegura e muito nervosa.
Francisco	**D-"C"**[10]	Todas as pessoas têm chance de passar no vestibular, mas tem sempre alguns que têm mais chance que você. Diante do vestibular, eu me sinto um cara muito nervoso e tenso.
Paulo	**D**	Uma espécie de "exclusão", uma vez que o vestibular é disputado por várias classes e as mais bem sucedidas têm muito melhor condição de estudo do que eu que vim de escola pública de uma periferia.
Ana	**D**	Não, porque depende lá no ensino fundamental, quando se recebe uma boa formação escolar e vem construindo no ensino médio, eu não tive isso no ensino público mas quem veio de escola particular tem muito mais chance do que eu.
José	**D**	Eu me sinto diante de um labirinto, pois em algumas horas tenho que colocar em prática tudo que aprendi
Cristina	**D**	Eu particularmente me sinto bem confiante, pois agora sei que posso ter alguma chance, antes tinha muito medo porque vim de escola pública e o ensino era fraco. Agora já são dois anos em seguida fazendo cursinho, já dá para ter uma base de como é aquela prova, mas mesmo assim ainda tenho um pouco de medo.
Olga	**D**	Se eu não tenho uma base educacional de acordo com o que é pedido, não conseguirei passar por mais que tenha força de vontade. Como estou me sentindo mais um número nas estatísticas da aluna que veio da escola pública e tenta mais uma vez e não consegue.
Carmem	**D**	É muito difícil saber o que senti, pois muitos sentimentos misturados como medo, angústia, nervosismo ansiedade entre outros. E o ensino que tivemos não nos proporciona uma tranqüilidade com relação à prova.
Fernanda	**D**	Não, porque nem a metade dos alunos que estudou no ensino público têm uma boa formação escolar.
Antonio	**D**	Porque alunos de escolas públicas não têm muitas chances de passar, depende muito do ensino. Eu agora me sinto mais tranqüilo porque estou fazendo cursinho e já tenho uma base.
Miriam	**D**	Com medo, mas com consciência que tive bom preparo através de cursinhos que fiz. Se não fosse o cursinho, talvez nem tivesse chance alguma, pois venho de escola pública onde o ensino é totalmente precário.
Renata	**D**	Não, porque nem todos têm o mesmo estudo, principalmente aqueles que vêm de escolas públicas. Acho que também depende do esforço, mas nem todos tem essa oportunidade de passar não. Me sinto um pouco insegura, naquele sentido de não passar.

Conforme o quadro 30, apenas dois sujeitos julgam a afirmação como correta. Um que diz que é seu esforço pessoal que possibilitará a aprovação ou não no concurso. O outro, apesar de assinalar que discorda da afirmação, utiliza argumentos que vão na direção da concordância. Este participante diz que todos têm chance de aprovação, apesar de reconhecer que "alguns outros" têm mais chance do que ela, sem explicitar o que isso significa.

Oito dos dez sujeitos, que se posicionam contrários à afirmação, responsabilizam o nível de ensino da escola pública como justificativa que antecede o esforço pessoal na aprovação no concurso vestibular (dois participantes não explicam seu posicionamento).

Os outros assim se expressam: "... as [classes] mais bem sucedidas têm muito melhor condição de estudo do que eu que vim de escola pública de uma periferia..."; "...quem veio de escola particular tem muito mais chance do que eu..."; "...antes tinha muito medo porque vim de escola pública e o ensino era fraco..."; "...nem a metade dos

[10] Apesar de o sujeito ter assinalado discordo na afirmação, seu argumento vai em direção ao concordo.

alunos que estudou no ensino público têm uma boa formação escolar...”; “...alunos de escolas públicas não têm muitas chances de passar, depende muito do ensino...”; “...Se eu não tenho uma base educacional de acordo com o que é pedido, não conseguirei passar por mais que tenha força de vontade...”; “... venho de escola pública, onde o ensino é totalmente precário...”; “...nem todos têm o mesmo estudo, principalmente aqueles que vêm de escolas públicas...”.

Nesta questão, ainda há uma pergunta que solicita aos sujeitos que manifestem como se “sentem diante da prova”. A resposta de Carmem pode ser tomada como emblemática dos nove sujeitos que declinam suas sensações: “medo, angústia, ansiedade e nervosismo”. Três desses sujeitos afirmam sentirem-se mais confiantes depois do preparo obtido nos cursinhos que freqüentaram.

A instituição vestibular não é colocada sob suspeição. Nenhum dos sujeitos se pergunta ou questiona sua validade e necessidade. É encarada como forma “natural” de seleção. Independente da resposta assinalada, o lamento é a baixa qualidade do ensino público oferecida aos sujeitos e a confiança de que um cursinho suprirá as lacunas que os preparará para enfrentar o concurso. O cursinho seria uma esfera educacional privada, que por si só agregaria o conhecimento necessário, repondo o que a escola pública deixou de fazer.

Dados de outra pesquisa com jovens alunos de cursinhos preparatórios populares que vivem em assentamentos da reforma agrária apontam o mesmo:

> O vestibular não aparece, ou melhor, não é posto em julgamento pelos diferentes agentes[11] em nenhum momento das entrevistas realizadas. Devemos pensar que isto significa uma representação positiva? Evidentemente não: em primeiro lugar porque ela não foi enunciada e em segundo lugar porque esse concurso está de tal maneira ‘naturalizado’ pelo seu quase um século de existência que já não ocorre, às pessoas comuns, avaliarem sua necessidade/desnecessidade. ... (Whitaker, Onofre 2008)

> Quanto à necessidade de freqüentar cursinhos, ela aparece com unanimidade no discurso de todos. O cursinho é representado positivamente e como se fosse um degrau inserido no sistema escolar. A ninguém ocorreu lembrar que o cursinho não faz parte do sistema e significa uma estratégia para-escolar para ajudar a tornar o estudante mais competitivo no momento da seleção. ... O consenso é geral sobre os seus benefícios ..... (Whitaker, Onofre 2008)

A baixa qualidade do ensino público também não passa por questionamentos, a desqualificação é uma característica natural do mesmo. Ao que parece, tal fato é entendido como algo natural e esperado, uma vez que há uma percepção de que só um serviço privado pode ser de boa qualidade, coisa que os sujeitos não têm como pagar.

Os sujeitos percebem a baixa qualidade oferecida pelo serviço publico educacional, mas não o questionam por isso, uma vez que interpretam como normal tal situação, exatamente por ser gratuita e pública.

[11] A pesquisa entrevista alunos, professores e coordenadores de cursinho preparatório comunitário e também pessoas do staff da Secretaria Municipal de Educação da cidade onde o cursinho é oferecido.

O sujeito se sente pouco preparado para alcançar resultados satisfatórios no vestibular e isso constitui explicação natural para o seu "insucesso". A estratégia para superar tal fato, seria a freqüência em cursinhos privados de suplência do que não foi aprendido nas escolas que freqüentaram.

Uma discussão interessante no grupo pesquisado foi a respeito da experiência de freqüência a cursinhos. Os sujeitos, como já dito, participam de uma ONG que objetiva melhorar as condições de acesso ao ensino universitário e oferece gratuitamente a vaga num cursinho preparatório. Todos os sujeitos estavam experienciando o segundo ano desse projeto. No primeiro, freqüentaram um cursinho bastante conhecido e tradicional no preparo de alunos para o vestibular. No segundo ano da experiência, as vagas oferecidas foram em um cursinho popular, organizado por alunos da Faculdade de uma Universidade Pública de São Paulo.

Comparando os dois cursinhos, os alunos diziam que o primeiro era de fato um cursinho preparatório como muitas exigências e conteúdos em profusão, com professores capacitados e especialistas. Muitos disseram que não conseguiam acompanhar as aulas, pela formação deficitária anterior. O cursinho atual, consciente da origem e dos déficits dos alunos, propunha um trabalho mais lento a partir das suas necessidades, e já não era tão valorizado, apesar de os alunos afirmarem que aprendiam mais quando comparado com o anterior. De fato, os alunos não se sentiam numa escola paga onde, "naturalmente", a aprendizagem ocorreria, uma vez que a expressão "popular" remetia à idéia de algo menos sério e comprometido.

A busca por uma vaga num curso superior público, ao que parece, tem importância apenas pela sua gratuidade. Os jovens pesquisados nada aludiram à questão da qualidade de ensino ofertada pelos cursos tanto privados quanto públicos. A questão do prestígio das unidades formadoras não faz parte do universo de discussão desses jovens, assim como, aliás, não faz a respeito de vestibulares e formação profissional de nível superior.

Talvez isto possa explicar um fenômeno que vem acontecendo na atualidade: as Universidades públicas que oferecem programas de inclusão social no projeto de cotas vêm obtendo menos matrículas a cada ano, como algumas manchetes de jornais anunciam: "Procuram-se Cotistas – Universidades saem à caça de estudantes de Ensino Médio que se adaptem aos critérios do benefício – Houve redução de 75,5% nas inscrições na UERJ e UENF, onde sobraram 1.335 vagas. (Dariano e Barros, 2008). "

Cai o número de alunos da rede pública inscritos na Fuvest 2008 – no segundo ano e Inclusp, eles são apenas 32,8% dos que farão a prova amanhã, menor índice desde 2002. (Cafardo, 2007).

Afora o conhecimento de que mesmo no programa de Cotas a concorrência também é alta e forte, o que parece ser a maior facilidade em ingressar num curso superior numa instituição privada que oferece vagas no Programa Universidade para Todos (PROUNI), acaba por desanimar o vestibulando de escolas públicas a prestar o concurso na Universidade Pública. Pelo que depreendemos dos dados da pesquisa, o

jovem não tem clareza da diferença entre os cursos e o que importa, pelo menos neste momento de implantação inicial dos programas de inclusão social na universidade, é entrar em alguma, já que ambas oferecem gratuidade em alguns casos e bolsas de estudo significativas de outro.

Corroborando com a idéia de que o jovem da pesquisa neste momento está mais preocupado com a questão da gratuidade do que com a qualidade da formação, na reportagem jornalística já mencionada, o secretário de ensino superior do MEC aventa a possibilidade de que os vestibulandos que poderiam ser beneficiados pelo programa de cotas, ao perceberem que a gratuidade pode ser obtida também em outras instituições além das públicas, utilizam outros critérios de escolha como proximidade da escola de sua residência ou trabalho, e possibilidade de trabalhar pela freqüência em cursos ministrados por meio período.

Cabe, para finalizar, enfatizarmos como as respostas à questão do vestibular se apresentam carregadas de sentimentos de auto-desvalorização pelo fato de serem egressos da escola pública. Por detrás desses discursos, está oculta a percepção da exclusão pela pobreza de suas famílias e que, por causa disso, estudam em escolas públicas, que na atualidade representam locais de estudo para gente pobre. Os sujeitos não fazem menção a isso, desconsiderando a presença de jovens de camada média na escola pública que logram aprovação em vestibulares ou mesmo de jovens de camada média que, egressos da escola particular, não passam no vestibular.

5. Sobre as Relações de Gênero e a Escolha Profissional

A reflexão sobre as relações de gênero relacionadas à escolha profissional tem como fato gerador o posicionamento a respeito da afirmação de que "Algumas profissões são mais adequadas para homens e outras mais adequadas para mulheres". Para qualificar a discussão, são projetados dados a respeito da inscrição no vestibular de homens e mulheres nas opções oferecidas pela USP. Os quadros que mostram os dados de cada carreira projetam, em resumo, que aproximadamente 70% dos candidatos dos cursos da área de Biológicas são mulheres e que o mesmo número porcentual aproximado de homens escolhe a área de Exatas; há um certo equilíbrio na área de humanas, com pequena vantagem para as mulheres (55% contra 45% de homens).

quadro 31 - **sobre as relações de gênero e a escolha profissional**

sujeito	concordo/discordo	Gênero
Paulo	**C**	Pois existem profissões que a anatomia humana acaba sendo indispensável, embora haja exceções, mas profissões que usam força bruta são mais adequadas a homens e profissões de relações diretas para mulheres.
Francisco	**D**	Porque não importa qual seja a profissão tanto para homens ou mulheres dependendo da profissão.
Ana	**D**	Todos têm a mesma capacidade.
José	**D**	A mesma capacidade que o homem tem para aturar em sua profissão, a mulher tem. Acho que deve partir da mulher sua opção de atuar no mercado de trabalho.
Cristina	**D**	Discordo, porque não depende do sexo, mas da força de vontade da pessoa e do seu potencial. O sexo não que dizer nada.
Olga	**D**	Porque ambos podem fazer o mesmo serviço e trabalho. É caso de se aprender.
Mariana	**D**	Mulheres têm capacidade de fazer o que homens faz e homens têm capacidade de fazer o que mulheres fazem.
Carmem	**D**	Não que sejam mais adequadas, mas sim por questão de prática e conhecimento. Todos temos capacidade e podemos nos dar muito bem em coisas diferentes, mas depende de cada um.
Fernanda	**D**	Porque todos têm a mesma capacidade, sejam homens ou mulheres.
Antonio	**D**	Porque homens e mulheres não são diferentes assim, podendo muito bem um fazer a função do outro. Uma mulher pode muito bem ser uma engenheira quanto um homem cozinheiro.
Miriam	**D**	Independente de sexo, todos podem seguir a carreira que desejar, basta buscar a capacitação necessária. Acho que homens e mulheres são iguais, portanto, podem fazer o que desejarem.
Renata	**D**	Porque todos têm o mesmo direito, muitas mulheres gostam de uma profissão que se adapta mais para os homens nem tanto dizer que é mais adequada para eles, porque muitas mulheres têm o mesmo gosto e mesma força de vontade.

O quadro 31 revela que apenas um sujeito concorda com a afirmação, valendo-se do argumento da adaptação fisiológica. A força física seria um fator diferenciador para explicar a escolha dos homens, e as "relações diretas", expressão que supomos ser as atividades das profissões que se baseiam nas relações inter-pessoais, estariam mais adequadas para as mulheres.

Todos os outros sujeitos assinalam que discordam da afirmação. A justificativa mais presente para este posicionamento é de que tanto homens como mulheres têm a mesma capacidade para exercer qualquer trabalho. As diferenças encontradas teriam mais a ver com a força de vontade, a prática e o conhecimento.

Apesar de a resposta da maioria, hoje considerada consenso social ou, ao menos, politicamente correta, nenhum dos sujeitos tentou explicar por que as escolhas

universitárias são tão diferentes quando se trata da perspectiva de gênero. No debate, a explicação mais apontada para a pergunta era remetida para uma mera questão de gosto pessoal e que os dados mostrados evidenciavam apenas uma coincidência.

É interessante observar que as escolhas profissionais dos sujeitos desta pesquisa estão marcadamente determinados pela questão de gênero, principalmente no caso dos sujeitos de sexo feminino.

A reflexão a respeito das diferenças de gênero já estão disseminadas entre o público da pesquisa, mas, ao que parece, não há uma percepção mais clara de como isso interfere na decisão de cada um. Falta ao sujeito uma compreensão histórica do fenômeno.

No transcorrer da discussão, o orientador procura aprofundar a questão, tentando mostrar como os interesses dos indivíduos são forjados na cultura, que no caso específico formula claramente uma "política" de gênero, estabelecendo o que homens e mulheres devem e podem fazer, logicamente incorporando as mudanças que vêm ocorrendo no seio da sociedade, no que se refere aos papéis de cada um.

Os sujeitos tomam a questão de forma distante de seu próprio processo de escolha, mas a questão de gênero certamente se faz presente como determinante importante de suas escolhas profissionais.

6. Sobre a Experiência Escolar com as Disciplinas e a Relação Com a Escolha Profissional.

A discussão a respeito da importância da experiência escolar na escolha da profissional transcorre a partir do posicionamento individual em relação à afirmação de que "O fato de um aluno gostar mais de Física, Química e Matemática indica que ele deve escolher uma profissão da área de Exatas. Da mesma forma, gostar mais de Biologia ou História, Geografia e Português indica que deve escolher, respectivamente, uma profissão da área de Biológicas ou Humanas".

quadro 32 - **sobre a experiência escolar com as disciplinas e a relação com a escolha profissional**		
Sujeito	**concordo /discordo**	**experiência escolar**
Paulo	**D**	Acho que as profissões não devem ser divididas em campos. Cada um deve tentar se especializar no que gosta, independentemente de suas habilidades.
Francisco	**D**	Eu gosto de Geografia, Biologia, mais a minha área é Exatas.
Ana	**D**	Pode ajudar, mas isso não significa que eu tenha que escolher uma profissão pelo fato de eu gostar de uma devida matéria.
José	**D**	O aluno poder ter mais habilidades em algumas matérias ou gostar de matérias. Isso não indica que carreira ele deve seguir. Essa opção deve partir do próprio aluno.
Cristina	**D**	Porque nem sempre o que você gostou e aprendeu na escola tem a ver com a profissão escolhida. Então tem que fazer o que gosta, mesmo não gostando da matéria.
Olga	**D**	Não, porque ele pode ter facilidade em aprender, mas também goste das outras matérias.
Mariana	**D**	Acho isso vai de cada um, tem agente curso de Exatas eles não poder e quer fazer Biológicas ou humana a mesma de Biologia e Humana.
Carmem	**D**	Nesta questão, vai pelo que gosta e todos são capazes de aprender coisa nova.
Fernanda	**D**	Não necessariamente só porque tenha facilidade em uma área não posso fazer outra. A pessoa pode sim uma escolha que não seja a que melhor tem facilidade.
Antonio	**C**	Porque ele fazendo a parte que mais gosta pode mostrar o melhor de si.
Miriam	**D**	O fato de gostar mais de uma matéria não significa que não sabe a outra, mostra apenas que tem mais facilidade em algumas áreas, mas não que não possa exercer algo que tenha outras matérias.
Renata	**D**	Se o aluno gosta mais ou de outras matérias não indica que deve prestar só Humanas ou Biológicas ou Exatas, deve prestar aquilo que gosta.

Apenas um participante concorda com a afirmação, mas não fica clara sua justificativa. Todos os outros discordam, mas em muitos casos a argumentação evidencia que a classificação das profissões pelas áreas de conhecimento não fazem parte do universo de conhecimento desses jovens. (quadro 32)

A classificação das disciplinas escolares pelas áreas de conhecimento só tem sentido para jovens quando relacionada ao vestibular. No transcorrer da discussão, percebemos que os sujeitos não conseguiam indicar claramente a qual área de conhecimento cada disciplina do ensino médio pertencia. As respostas foram dadas a partir da relação direta da disciplina com as profissões, isto é, se gosto, por exemplo, de Matemática, seria um fator determinante para ser ou não profissional de Matemática.

Novamente, como na discussão a respeito do mercado de trabalho, encontramos um desconhecimento que se apresenta não como enigma, mas como uma certeza pouco explicitada. As áreas do saber não se põem como referências. As disciplinas não são apreciadas como conjunto de conhecimentos que se relacionam a fatos da vida, mas se colocam como "disciplinas escolares" relacionadas ao vestibular. O conteúdo da escola mostra-se, então, esvaziado de sentido, como algo que contribui para a compreensão da realidade. É uma formalidade e deve ser aprendido, porque "cai no vestibular". Esse é o sentido com o qual se apresenta.

7. Sobre Vocação, Dom. Talento Inato (nascer com tendências)

A discussão a respeito de como as habilidades, interesses e características de personalidade aparecem nas pessoas é disparada a partir do posicionamento do sujeito diante da afirmação de que "os seres humanos nascem com certas tendências que apontam para determinadas profissões".

quadro 33 - **sobre vocação, dom, talento inato**		
Sujeito	**C(concordo)-D(discordo)**	**O SER HUMANO NASCE COM CERTAS TENDÊNCIAS QUE APONTAM PARA DETERMINADAS PROFISSÕES?**
Francisco	**C**	Quando alguém nasce com algum dom, algumas não segue esse dom, preferem seguir uma profissão que dê dinheiro e que dê para sustentar sua família. Por exemplo: ator, quase todos atores nasceram com dom, mas alguns não mais se dedicam a essa carreira.
Ana	**C**	Sim, exemplo uma pessoa na área da saúde, ele tem que ser forte para lidar com sangue, ter que agir com coração, amar o próximo.
Carmem	**C**	Mas depende muito dela, pois está nela a vontade de fazer ou não. Um pintor ele tem que ter um "dom" mas precisa desenvolvê-lo, senão não adianta nada. O dom não consegue nada se ele não decidir.
Renata	**C**	Porque muito ser humano já nasce com um "dom" de desenvolvê-lo o seu trabalho. "Cantor" com a sua voz, depende da sua vontade de fazer algo que se decide.
Fernanda	**D[12]"C"**	Acho que podemos nascer com alguma habilidade, agilidade, patricidade e ao passar do tempo aprimorar melhor.
Mariana	**D[13] "C"**	[do que] adianta nascer com o dom se é difícil conquistar essa profissão na sociedade .
Paulo	**D**	Acho que as pessoas nascem com as mesmas condições, mas se desenvolvem de maneiras diferentes.
José	**D**	Acho que ninguém nasce com tendência para seguir uma profissão, esse dom o individuo adquire no decorrer do tempo.
Cristina	**D**	Porque, apesar de tudo, ninguém nasce com dom, mas aprende a gostar ao passar do tempo com os acontecimentos da vida. Passando a entender o que é bom e o que vai trazer grandes benefícios a si mesmo.
Olga	**D**	Com o tempo, vai adquirindo experiência ao longo da trajetória da vida até chegar a escolher uma profissão.
Antonio	**D**	O meio em que ele vive que pode apontar profissões, porque ninguém nasce com um dom e sim desenvolve com o passar do tempo.
Miriam	**D**	Porque, na minha opinião, ninguém nasce dando a entender que quando crescer será enfermeiro, Biólogo ou qualquer outra coisa. As pessoas vão crescendo e observando a sociedade e assim vão escolhendo que profissão irão seguir.

Segundo o quadro 33, seis sujeitos concordam com a afirmação. Pelo que depreendemos das respostas, alguns seres humanos nascem com "dons" que podem ou não ser aproveitados na profissão. Dois dos participantes utilizam o exemplo de artistas que segundo eles nascem com o "dom", mas que podem optar por desenvolvê-lo ou não. Para outra participante do programa, o dom estaria expresso na força que o profissional deve ter para encarar situações complicadas na área de saúde (agir com coração e amar o próximo seriam os atributos inatos). Fernanda, que apesar de assinalar a resposta de discordo, diz que os seres humanos nascem com "agilidade", "praticidade", mas que podem aprimorar com o tempo. Depreende-se do texto de Mariana que sua opinião vai na direção de um questionamento, ao dizer que os seres humanos nascem com dons, mas não conseguem conquistar as profissões relacionadas a eles em função das dificuldades encontradas na sociedade. Esses jovens apresentam a visão de que as pessoas nascem com tendências, mas reconhecem que nem sempre elas se "realiza". A idéia de dom se associa à do esforço pessoal para explicar o sucesso de alguns e o fracasso de outros. As condições sociais estão ausentes, a não ser como aspectos que atrapalham a realização do dom.

A outra metade do grupo discorda da afirmação, dizendo que as pessoas nascem com as "mesmas condições" e que adquirem habilidades e interesses no decorrer da

[12] Apesar de o sujeito ter assinalado discordo na afirmação, seu argumento vai em direção ao concordo.

[13] Idem a nota anterior

vida por meio das experiências vividas no ambiente social, no entanto, não apresentam qualquer elemento da gênese social dessas capacidades.

8. Sobre Valores Pessoais

Os dados a respeito dos valores dos sujeitos foram obtidos por meio de uma atividade denominada "Jogo das Identificações". Cada participante do programa recebe uma folha em branco e é instruído a responder as questões verbalizadas pelo orientador com o nome de pessoas (que podem ser quaisquer e só não é permitido que ele aponte a si mesmo). Terminada a rodada de perguntas, solicita-lhe que explique cada resposta, isto é, o que aquela pessoa faz ou o que identifica aquela característica, além de dizer qual a relação que o respondente tem com pessoa indicada.

Nesta sessão, ocorreu a falta de cinco sujeitos, que quebraram o contrato estabelecido na primeira sessão de que isso não poderia acontecer e, caso a ausência fosse imperiosa, deveriam nos avisar com antecedência. Fomos informados pelos colegas presentes que neste dia se iniciava o curso técnico de nível médio em que haviam conseguido aprovação. Ficamos sabendo, ainda, que aqueles jovens deixariam de participar do programa de orientação em função da coincidência de horários do curso com nossas atividades.

Em função disso, já que todo o trabalho de coleta de dados estaria prejudicado, propusemos uma radical mudança de horários de nossas atividades que todos aceitaram. O restante das sessões seria feita numa jornada intensiva de 8 horas num domingo, conforme já descrito.

1) UMA PESSOA QUE LEVA VIDA LEGAL.

quadro 34- **vida legal**

sujeito	QUEM	POR QUE?
Ana	amiga-professora	tem casa própria,família, 2 carros, passou na Fuvest.
Cristina	Irmão	ele é apenas uma criança e não sabe os problemas da vida.
Olga	tia-confeiteira	depois de muito trabalho, consegue manter a casa e os filhos.
Mariana	amiga-não trabalha	não tem responsabilidade com ninguém nem com sua mãe.
Carmem	amigo- Dono de uma empresa	por ser uma pessoa muito legal e nunca se importar com o que vão falar dele.
Miriam	tia-dona de casa	ela sabe dividir o tempo para fazer o que gosta, faz o que quer e faz coisas bem legais.
Renata	tia-donade casa	porque leva a vida com tranqüilidade,sempre legal e brincando com seu filho e se divertindo quando pode.

Todas as pessoas são do âmbito das relações pessoais do participante (parentes e amigos). Dois sujeitos apontam que seus indicados levam a vida legal porque fazem o que gostam e levam a vida com tranqüilidade. Outros dois indicam pessoas que não têm responsabilidades e que não sabem ainda os problemas da vida. Apenas um indica pessoa que tem bens e, ainda por cima, passou na Fuvest; a última aponta uma razão de ordem psicológica: não liga para o que dizem dela. (quadro 34)

2) UMA PESSOA DE SUCESSO

quadro 35- **sucesso**		
sujeito	**QUEM**	**POR QUÊ?**
Ana	apresentador	ele conseguiu com seu trabalho construir uma grande carreira e é dono de umas das maiores rede da televisão.
Cristina	prima-esteticista	ela luta muito para se tornar uma grande profissional.
Olga	grande empresário	ganha dinheiro sem ter que trabalhar.
Mariana	???-trabalha em restaurante	porque luta para conseguir alcançar seus objetivos.
Carmem	avó	por ter lutado muito e ter feito tudo o que podia por seus filhos, ser uma pessoa muito guerreira.
Miriam	tio-dono de uma empreiteira	ele trabalhou bastante, começou de baixo e foi subindo devagar e hoje tem seu próprio negócio, negócio que ele gosta muito.
Renata	primo- trabalha	por conseguir muitas coisas rápido e por estar empregado com sua idade.

Para os sujeitos, o sucesso está vinculado à questão profissional e à conquista de dinheiro. Quatro dos seis sujeitos indicam familiares a amigos neste item e dois indicam personalidades bastante conhecidas, constantes na mídia televisiva. O grande empresário é valorizado porque, segundo Olga, ganha dinheiro sem trabalhar. (quadro 35)

3) UMA PESSOA ADMIRÁVEL.

quadro 36 - **admirável**		
sujeito	**QUEM**	**POR QUÊ?**
Ana	avó-cozinheira	ela é batalhadora, amorosa,
Cristina	amiga-estudante	admiro ela no jeito de ser e várias outras coisas, só dela ter nascido e aparecido na minha vida,
Olga	cozinheira	por ter criado os 3 filhos,
Mariana	mãe-manicure	porque é bem companheira e uma amiga,
Carmem	pai-autônomo	por sempre estar por perto ensinando e ajudando sempre que preciso e nunca deixar a peteca cair mesmo em meio às dificuldades.
Miriam	amiga-estudanfe	é uma ótima pessoa, legal, simpática, sincera,bondosa, caridosa, solidária e muito carinhosa, forte!
Renata	mãe-governanta	por ser minha mãe claro, por ser uma pessoa que admiro muito, que está sempre ao meu lado na hora boa e ruim e também por estar rindo junto comigo por Deus ter me dado uma mãe maravilhosa.

Todas as pessoas indicadas como admiráveis são parentes ou amigos. São admiráveis por expressarem afetos positivos em relação ao sujeito e às pessoas que a rodeiam: amorosa; companheira; amiga; simpática; sincera; bondosa; caridosa; carinhosa; por estar sempre a seu lado nos momentos bons e ruins. (quadro 36)

Em menor número, aparecem características pessoais que se referem mais ao enfrentamento da vida cotidiana, tais como: batalhadora; por ensinar e ajudar; por ser forte.

4) UMA PESSOA BONITA

quadro 37 – **bonita**		
NOME	**QUEM**	**POR QUÊ?**
Ana	irmão	ele é lindo, tanto por dentro quanto por fora.
Cristina	mãe - auxiliar de serviços gerais	minha mãe, pessoa que me acolheu na hora que mais precisei.
Olga	apresentadora de TV	como se expressa.
Mariana	amiga-não trabalha	porque ela é sincera muito legal de bem com a vida.
Carmem	irmã-estudante	por ser uma pessoa amiga.
Miriam	sobrinha (criança)	é bonita tanto por dentro quanto por fora, é muito linda!
Renata	prima-estudante	por ser bonita tanto por fora quanto por dentro, uma pessoa amável que sempre que pode ela está ao seu lado.

Seis sujeitos apontam familiares e amigos nesta questão. Nenhum deles se refere só à beleza física. A beleza indicada diz respeito à sinceridade e por ser "de bem com a vida", por ser amiga, por ser amável, por estar sempre a seu lado. A única participante que não indica um familiar ou amigo nesta questão, admira o modo como seu indicado se expressa. (quadro 36)

5) UMA PESSOA REALIZADA PROFISSIONALMENTE

quadro 38 –**realizada profissionalmente**		
sujeito	**QUEM**	**POR QUÊ?**
Ana	amiga-advogada	terminou sua faculdade tem seu trabalho casa e carro.
Cristina	prima -administradora	escolheu a profissão certa e hoje é uma grande administradora.
Olga	prima-pedagoga	por ter lutado para terminar a faculdade.
Mariana	pai-funileiro	porque ele faz as coisas bem feito.
Carmem	amiga-professora	por ser uma pessoa disposta sempre a ensinar e ser muito competente no que faz.
Miriam	conhecida-dona de uma escola	chegou onde queria e está muito feliz por isso.
Renata	tia-enfermeira	por trabalhar muito e ter sua profissão que desejou e conseguiu

Todas pessoas citadas como realizadas profissionalmente são familiares ou conhecidos. Três delas seguramente são pessoas com formação universitária (advogada, administradora, pedagoga). Uma cita pessoa que conquistou a profissão pela vivência, e das restantes três não fica claro se alcançaram suas posições via formação de nível superior (enfermeira, dona de escola, professora). Chama a atenção que, exceto o caso do funileiro, todos os outros indicados conquistaram suas profissões por meio de cursos formais preparatórios. (quadro 38)

Nesta questão, como não poderia deixar de ser, a questão profissional fica evidente. Ao que parece, a profissão (independente da formação escolar) foi conquistada de forma árdua, fruto de muito trabalho, esforço pessoal, estudo e determinação e, a partir disso, o indicado recebe, neste momento, a retribuição dessa conquista.

6) UMA PESSOA DE PRESTÍGIO

quadro 39 -**prestígio**		
sujeito	**QUEM**	**POR QUÊ?**
Ana	pastor-metalúrgico	ele faz grandes coisas por mim e pela minha família é meu pastor.
Cristina	ator de televisão	um ator lindo e interessante.
Olga	mãe- cozinheira	por ter criado os filhos com muitas dificuldades.
Mariana	pai – funileiro	pelo jeito que ele se preocupa comigo.
Carmem	amigo-padre	uma pessoa admirável que sempre me ajuda e me entende em todos os momentos de minha vida.
Miriam	jogador de futebol	é conhecido e reconhecido no mundo todo pelo seu futebol.
Renata	tia-dona de casa	uma mulher que valorizo muito pelas suas atitudes pelos seus atos e pela sua maneira de ser e por estar ali para todas as horas.

Segundo o dicionário eletrônico Houais (2008), prestígio pode ser entendido como "reconhecimento das qualidades de algo ou alguém; admiração, respeito" ou também "grande influência exercida por pessoa ou coisa sobre outra(s) pessoa(s)".

As respostas dadas pelos sujeitos estão condizentes com as definições do dicionário. Dois sujeitos remetem o prestígio para a ordem espiritual, declinando o pastor e o padre como referências. Três sujeitos indicam familiares: uma delas confere respeito pela mãe, que criou seus filhos com muita dificuldade e outra pelo pai, que lhe dedica preocupação; outra por sua tia, pelas suas atitudes e atos, e ainda pelo seu modo de ser. Outros dois conferem prestígio às pessoas que estão presentes na mídia televisiva, um ator de TV e um jogador de futebol. (quadro 39)

7) UMA PESSOA FELIZ

Quadro 40-**feliz**		
Sujeito	**QUEM**	**POR QUÊ?**
Ana	amigo-estudante	ele está sempre feliz e fazendo os outros feliz.
Cristina	Amiga	uma linda criança cheia de novidades.
Olga	Amiga	por mais que tenha problema que tenha e ela deixa em casa.
Mariana	amiga-não trabalha	porque ela sempre está sorrindo.
Carmem	mãe-não trabalha	sempre está de bem com vida e sempre me apóia.
Miriam	sobrinha (criança)	é uma criança adorável que sabe aproveitar a infância.
Renata	amiga-estudante	uma pessoa muito feliz tanto com o que tem e tanto com suas maravilhas recebidas por Deus e pelas suas amizades e também com sua vida.

Como os sujeitos entendem o que é felicidade? Dois sujeitos apontam que as crianças são felizes, reproduzindo a idéia corrente de que são puras e que vivem num estágio da vida em que inexistem problemas.

Três sujeitos entendem a felicidade pela forma como os seus indicados a expressam: "estão sempre sorrindo", "está sempre de bem com vida", "deixa seus problemas em casa". Ana diz que seu indicado é feliz porque deixa os outros felizes; acreditamos que deixar outros felizes pode significar deixá-los alegres. (quadro 40)

Podemos entender que os sujeitos definem a felicidade pelo seu contrário, isto é, a pessoa é feliz quando não está triste, quando não tem problemas ou consegue viver sem que o problema interfira no seu dia-a-dia.

Renata diz que seu indicado é feliz pelo que tem e pelas amizades que mantém.

É interessante notar que, para a maioria desses sujeitos, a felicidade não está relacionada aos bens materiais apesar da insistência da mídia que bate diuturnamente nesta tecla: é feliz quem tem e acumula bens.

8) UMA PESSOA BATALHADORA

Quadro 41-**batalhadora**

sujeito	QUEM	POR QUÊ?
Ana	pai-pedreiro	sempre em busca de um futuro melhor.
Cristina	mãe	minha mãe batalha muito para dar o melhor para os seus filhos.
Olga	mãe – Cozinheira	consegue dar estudo para os filhos, mesmo com muitas dificuldades.
Mariana	pai-funileiro	ele nunca deixou faltar nada em casa.
Carmem	amigo-metalúrgico	por ter lutado primeiramente pela vida e sempre querer o melhor para si e também para todos os amigos.
Miriam	pai-operador de retro-escavadeira	sempre correu atrás de seus objetivos com muita garra e sempre batalhou muito pela sua família.
Renata	mãe-governanta	por ser uma mulher muito trabalhadora, por passar por dificuldade e estar lutando contra tudo isso e por estar até agora lutando.

Apenas um sujeito não indica seu pai ou mãe como exemplo de uma pessoa batalhadora.Todos os outros reconhecem o esforço e dedicação de seu pai ou mãe para criar a si e a seus irmãos. A batalha é para a busca de um futuro melhor; para dar o melhor para os filhos; para não deixar faltar nada em casa; pela sua luta na superação das dificuldades. (quadro 41)

9) UMA PESSOA LEGAL

quadro 42-**legal**

sujeito	QUEM	POR QUE?
Ana	amiga-estudante	o jeito dela, a pessoa amiga que ela é especial.
Cristina	amiga-estudante	uma pessoa legal, amiga, sincera e muito especial.
Olga	amiga-estudante	amiga para todas as horas.
Mariana	amigo	ele é muito engraçado.
Carmem	amigo-não sei em que trabalha	um super amigo, que sempre está de bom humor e é animado e divertido.
Miriam	amiga-estudante	é uma ótima pessoa, é muito amiga e sempre que precisar pode contar com ela.
Renata	irmã-estudante	por ser muito de bem com a vida e por não falar nada.

Como não poderia deixar de ser, os amigos são os indicados quando se pede que os sujeitos apontem pessoas que consideram “legais”. Os atributos para essa expressão são: sinceridade; ser engraçado; ter bom humor; ser animado; ser divertido; poder contar com ela; ser de bem com a vida; ser amigo. (quadro 42)

Análise das pessoas indicadas e resumo dos valores

Independente das características solicitadas, os sujeitos relacionam pessoas restritas ao âmbito das relações familiares e mais próximas. Como o quadro abaixo apresenta, 87% das pessoas indicadas pelos sujeitos são familiares diretos ou amigos.

tabela 9 -**relação da pessoa indicada com o sujeito**.		
amigo/conhecido	21	33%
pai/mãe	21	33%
outro familiar	13	21%
padre/pastor	2	3%
apresentador/ator/grande empresário	5	8%
não indicou	1	2%
Total	63	100%

Há, assim, um reconhecimento das pessoas próximas, o que pode ser considerado um dado importante, que revela que os sujeitos não desprezam o grupo do qual são oriundos, mas também pode se aventar a possibilidade de terem poucos recursos de informação para recorrerem a outras pessoas.

Alguns aspectos merecem destaque:

- levar a vida legal traz "não responsabilidade".

- sucesso traz "subir na vida".

- admirável traz "companheirismo"

- beleza se associa a "bondade e sinceridade".

- realização profissional traz "formação universitária, conquistas na profissão e esforço pessoal".

- prestígio traz "atenção e cuidados para com eles".

- felicidade se relaciona com "sorriso e se define por si".

- batalhadora traz a idéia de "luta para a sobrevivência e para suprir as necessidades da família."

- pessoa legal: são os "amigos engraçados, bem humorados e divertidos."

Com exceção da realização profissional e do sucesso, todas as outras categorias são preenchidas com aspectos da vida que hoje os sujeitos levam e das pessoas que os rodeiam. Os jovens valorizam a dedicação, o esforço, os cuidados e a luta dessas pessoas. Não reconhecem as pessoas mais públicas e conhecidas.

Com a realização profissional e o sucesso, as indicações não chegam a ser diferentes; os sujeitos indicam apenas algumas pessoas públicas fora do círculo familiar.

Há, claramente, um esforço desses jovens para valorizar o grupo do qual são oriundos, o que não consideramos algo comum. No entanto, podemos aventar a hipótese como a levantada por Charlot, de que esses jovens vivem um sentimento contraditório de traição de seu próprio grupo, por já terem ultrapassado, pelos menos em termos de escolaridade formal, a condição de seus pais. O

> ... sucesso escolar das crianças é, ao mesmo tempo, fonte de orgulho e sofrimento tanto para os pais como para os filhos. Orgulho pelo sucesso. Sofrimento porque o preço a pagar é muito alto do ponto de vista psicológico. Esse preço é a ruptura da comunicação entre pais e filhos e também o risco de desvalorização de uns pelos outros. .... Tal problema acontece diretamente com as crianças que têm sucesso na escola, enquanto seus colegas fracassam: será que elas os estão traindo? Eis aí uma questão que muitas vezes encontramos principalmente entre os jovens que ingressam no ensino médio e se encontram nas classes massivamente freqüentadas por adolescentes da classe média. Estes jovens intuitivamente percebem que mudaram e vão continuar a mudar. Eles estão certos: aprender é mudar. Mas a eles se coloca uma questão muito difícil: mudar é trair? Trair os pais, os amigos de infância, a comunidade..... (Charlot, 2005, p.53/54)

Outra explicação para essa valorização do grupo de origem, principalmente a família, pode ser encontrada na pesquisa de Wickert (2006) que estuda jovens em busca do primeiro emprego. Também é detectado que os jovens se voltam para a família especialmente quando não são mais estudantes e também ainda não são trabalhadores. A família constitui espaço de reconhecimento social, coisa que perderam ao estarem fora de outros grupos sociais como os mencionados acima. "Os jovens, se ainda não são trabalhadores, precisam encontrar na família algum espaço de reconhecimento social, mesmo que este se dê na categoria de filhos." (Wickerte, 2006, p. 267)

Acreditamos que, no caso de nossa pesquisa, não se pode concluir exatamente pelo mesmo motivo, a valorização do grupo familiar, pois os sujeitos participam de pelo menos dois grupos sociais de referência: a ONG que os acolhe e o cursinho pré-vestibular que freqüentam. Entretanto, a valorização do grupo familiar, e ampliaríamos pelas pessoas que os rodeiam por parte dos sujeitos, também pode ser entendido da mesma forma – o reconhecimento social está garantido na família, coisa que não acontece nos outros grupos sociais.

9. Sobre as Sínteses Elaboradas Pelos Sujeitos

A penúltima sessão do programa de orientação profissional é dedicada à composição do que denominamos de sínteses parciais. Os participantes são orientados a fazer uma leitura de todo o material que produziram ao longo do trabalho, para relembrar os assuntos discutidos e as elaborações desenvolvidas por eles. Em seguida, os jovens recebem instruções mais específicas em relação à construção do que está sendo solicitado. O Orientador anuncia que as sínteses têm os nomes de "CARACTERIZAÇÃO DO MEIO"; "CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E VALORES" e INTERESSES PROFISSIONAIS".

a) Caracterização do meio

A folha da síntese "Caracterização do meio" tem a seguinte orientação: "A partir da leitura do conteúdo registrado e também do que foi discutido nas reuniões, reflita sobre as possibilidades ou limites colocados pela sociedade em relação à sua escolha de profissão/trabalho". Na mesma folha, são indicadas as sessões e materiais em que o assunto esteve mais em foco durante o programa. Os quadros abaixo registram todas as manifestações dos sujeitos e foram categorizados em núcleos evidenciados pela própria redação dos sujeitos.

quadro 43- **mercado de trabalho/emprego/desemprego/economia**		
1.Paulo	1.	O mercado de trabalho é muito complicado, pois as tendências mudam, tornando o desemprego em um ciclo.
	2.	Ao ver as situações de desemprego em nosso país, já não me impressiona, pois esta é uma dificuldade que acompanhamos muito no dia-a-dia. O que impressiona mesmo é ver que seres humanos ainda hoje são tratados abaixo de animais.
2.Francisco	3.	[Fazendo Ciência da Computação] Com essa profissão, eu posso entrar no mercado de trabalho com mais facilidade. Apesar do mercado de trabalho hoje não ter vagas para todo mundo,
	4.	Hoje o mercado de trabalho está ficando tão concorrido que as pessoas que já têm um curso superior ou técnico também está sem emprego.
	5.	Já o vídeo Ilha das Flores, eu fiquei chocado com as pessoas que pegavam o resto da lavagem do porco, já o vídeo da Globo mostra como a máquina vem substituindo os homens. As pessoas mais velhas que têm ensino superior, fica difícil de arrumar emprego.
3.Ana	6.	Eu me vejo passando na FUVEST, terminando minha faculdade e trabalhando na minha área, sendo uma boa profissional .
	7.	Espero que o Brasil de amanhã não seja como o vídeo Ilha das Flores, onde tem pessoas que se alimenta de lixo.
4.José	8.	O mercado de trabalho está bastante concorrido, pois exige qualificação.
	9.	Em relação ao mercado de trabalho, me sinto desmotivado, pois além de estar despreparado para o vestibular, tenho chance de acabar o ensino superior sem conseguir entrar no mercado de trabalho.
	10.	Em mundo cada vez o homem estar sendo substituído pela máquina. Deveríamos todos estar unidos e execitarmos uma forma de diminuirmos número de desemprego.
5.Cristina	11.	E que se hoje cheguei até aqui por que não posso conseguir mais, tenho certeza que vou arrumar um bom emprego mesmo sendo em outra área, que não seja enfermagem, mas que mais pra frente vou me formar mesmo tendo obstáculos e limites, mas tenho certeza que isso é muito pouco para me fazer desistir.
6.Olga	12.	A realidade é muito diferente do que eu imagino .pois as dificuldades vêm com o passar do tempo, como desemprego,discriminação social e até mesma racial Com tudo isso, acaba desmotivando por vários fator. Com a concorrência em disputa uma vaga no mercado de trabalho.
	13.	Com o passar dos tempo, as empresas foram modificando, com isso procuravam mão de obra qualificadas,com isso começou a gerar o desemprego com a mecanização seus funcionário trocado por máquinas. O filme Ilhas das Flores mostra bem isso a pobreza, miséria, falta de saneamento básico. Com isso mostra a realidade de algumas regiões do nosso país. Com isso acaba gerando a desigualdade de classes, uns com tanta riquezas e outro que recebe ajuda do governo e acabam virando alvo de piada da mídia.
7.Mariana	14.	Quero ter um emprego bom e a profissão que eu pretendo seguir tem um ótimo mercado.
	15.	No vídeo Ilha das Flores fala sobre condições dos seres humanos que os animais têm mais preferência e no Globo Repórter a disputa dos seres humano e as máquinas que muita gente ficou desempregada por usar as máquinas e ser mais rápido.
8.Carmem	16.	No mercado de trabalho somos sempre levados a escolher algo que está em alta e ao menos tem um "lugar pra nós". Tem-se muita concorrência e pouco emprego, muitas vezes pessoas mais capacitadas ou até mesmo com mais experiência.
9.Fernanda	17.	O mercado de trabalho é muito amplo, tem profissões que o salário é alto outras médias e razoáveis, refletindo no que foi discutido a escolha profissional não podemos deixar que o salário fale mais alto do que o gostar.
	18.	O primeiro filme Ilhas das Flores relata que todos nós seres humanos temos polegar opositor e encéfalo desenvolvido, então por que aquelas pessoas assim como qualquer outro tinham como única opção escolher restos do lixo para comer é um absurdo, "cadê a igualdade! A reportagem marcou bastante porque estamos sendo trocados por máquinas há muito tempo, vivemos em mundo globalizado cada vez mais tecnologias avançadas, porém se nós não aprendermos a comandar essas técnicas ficaremos excluído no mundo do trabalho. É importante sempre absorver conhecimentos diversos.
10.Antonio	19.	Arrumar um emprego bom está difícil. O mercado de trabalho está exigindo cada vez mais das pessoas, devido à grande procura.
	20.	Existem pessoas em nível de pobreza crítico, sendo rebaixados além dos porcos. Como estes seres humanos vão buscar uma vida melhor sem ter oportunidades? Não tem jeito!
11.Renata	21.	Na empresa existe métodos para poder se adaptar e se dirigir ao próprio conceito de ser um empregado.
12.Miriam	22.	Eu acho que são muitos os limites colocados pela sociedade em relação ao trabalho, tem muita discriminação e muito preconceito.

Todos os participantes da pesquisa, conforme o quadro 43, destacam o tema do mercado de trabalho como um dos determinantes mais importantes na discussão a respeito da escolha profissional. Os sujeitos fazem 22 menções, quase sempre apontando as dificuldades que podem ser encontradas na hora de procurar um emprego.

As sínteses permitem concluir que a discussão realizada a respeito do tema de mercado de trabalho, no transcorrer do trabalho de orientação, obteve repercussão junto aos participantes que agora já parecem demonstrar entendimento a respeito da expressão, e a relação que pode ser estabelecida com a escolha profissional de cada sujeito. A problemática do emprego e desemprego é colocada em questão, bem como há a percepção que o mercado de trabalho é dinâmico.

O conversa a respeito do emprego/desemprego foi a que mais tocou os sujeitos. A falta de vagas, a alta concorrência na disputa pelo emprego, a tecnologia suprimindo os postos de trabalho são as explicações para o entendimento da conjuntura. A necessidade de busca de qualificação aparece como forma de combate individual ao problema, tal como a freqüência a um curso universitário, mas alguns sujeitos já desconfiam que só isso não basta. Dois sujeitos apontam a existência de outras questões envolvidas como preconceitos de classe e raça, e um sujeito indica que a solução do problema parte da união de todos para a busca na diminuição do desemprego.

Cinco sujeitos fazem menção explícita ao final do documentário "Ilha das Flores" projetado na sessão em que se discute o tema trabalho. Os jovens ficam impactados com a idéia de que há pessoas que vem hierarquicamente depois dos porcos no acesso à comida já descartada pelas classes mais privilegiadas. Interessante se fazer notar que todos os que abordam o assunto se colocam fora da situação, isto é, se indignam com a cena, mas não se percebem como atingidos: "O que impressiona mesmo é ver que seres humanos ainda hoje são tratados abaixo de animais."; "eu fiquei chocado com as pessoas que pegavam o resto da lavagem do porco"; "Espero que o Brasil de amanhã não seja como o vídeo Ilha das Flores, onde tem pessoas que se alimenta de lixo"; "O filme Ilhas das Flores mostra bem isso a pobreza, miséria, falta de saneamento básico"; "No vídeo Ilha das Flores fala sobre condições dos seres humanos que os animais têm mais preferência"; "O primeiro filme Ilhas das Flores relata que todos nós seres humanos temos polegar opositor e encéfalo desenvolvido, então por que aquelas pessoas, assim como qualquer outro, tinham como única opção escolher restos do lixo para comer, é um absurdo".

As pessoas submetidas a essa situação são as outras, a desigualdade é percebida. Entretanto, os sujeitos se vêem fora dessa situação, e se consideram, ao que parece, privilegiados por não viverem em situações tão miseráveis como as mostradas no documentário.

quadro 44- **vestibular**		
1.Paulo	1.	O vestibular de faculdades públicas é muito desigual, a população pobre não tem as mesmas condições de disputar as vagas com a população mais bem sucedida.
2.Francisco	2.	Eu penso em prestar e passar no vestibular, seguir uma profissão que de preferência seja Ciência da Computação.
3.Ana	3.	Eu acredito em um Brasil melhor, com um governo com homens do bem, e o Estado investindo em suas escolas públicas desde o ensino fundamental ao ensino médio e sairmos do ensino público prontos para entrarmos em uma Universidade pública.
	4.	Eu me vejo passando na FUVEST, terminando minha faculdade e trabalhando na minha área, sendo uma boa profissional .
4.José	5.	Em relação ao mercado de trabalho. me sinto desmotivado, pois além de estar despreparado para o vestibular, tenho chance de acabar o ensino superior sem conseguir entrar no mercado de trabalho.
5.Olga	6.	[a desmotivação é gerada por vários fatores. dentre eles] a barreira do vestibular, que fazem a seleção e acabam passando só os melhores.
6.Mariana	7.	Quero muito passar no vestibular, para ter um curso superior.
7.Carmem	8.	No vestibular, somos "obrigados" a concorrer com pessoas com um nível de educação bem superior a nós, e ainda dizem que temos as mesmas condições que eles, que só estudar basta, mas não é preciso somente de estudo e sim de alguém que saiba ensinar.
8.Fernanda	9.	Vestibular no meu pensamento não é impossível, é questão do tempo que leva para poder se preparar para prestar o vestibular.
9.Antonio	10.	Acho o vestibular injusto porque é meio "catraca de eliminação". Se a universidade é pública então era para ser para todos, porém não é bem assim.
10.Renata	11.	Também enfrentar o mundo do vestibular esse é um dos motivos, tendo barreira ou não vou tentar, que sei que um dia vou conseguir.

O vestibular (quadro 44) é o segundo aspecto mais citado como determinante a ser considerado; todos os participantes menos um fazem referência a essa questão.

Quatro sujeitos elaboram argumentações mais críticas, questionando a validade e a justiça dos vestibulares. Paulo diz que não existem condições iguais na disputa de vagas com o que chama de "população mais bem sucedida". Olga alega que o vestibular é uma barreira em que só os melhores passam. Carmem diz que não existem condições iguais e reclama que os estudantes como ela são obrigados a concorrer com "pessoas com um nível de educação superior". A participante chega a dizer que o estudo não basta para igualar as pessoas, mas a explicação que dá para isso indica o professor como causa do problema, porque ele não sabe ensinar. Antonio considera o vestibular injusto e usa uma figura de linguagem, dizendo que a instituição é uma "catraca de eliminação" e ainda questiona a universidade pública que, apesar de pública, não é para todos.

Os outros seis participantes fazem reflexões sobre suas possibilidades de aprovação na seleção. Francisco diz simplesmente que vai prestar o vestibular e que seguirá a carreira que deseja. Ana faz uma profissão de fé ao dizer que acredita num país melhor no futuro, com boa educação, que permitirá preparar todos para uma universidade, mas se vê passando no vestibular da USP e mais tarde trabalhando na profissão em que se formou. José se sente despreparado para enfrentar o vestibular. Mariana diz que quer muito passar no vestibular. Fernanda considera que o vestibular não é algo impossível e que sua aprovação é uma questão de tempo para se preparar.

Renata considera o vestibular uma barreira e sabe que um dia vai conseguir ultrapassá-la.

quadro 45–**montar um negócio próprio**	
Paulo	1. O negócio próprio é o sonho de muitas pessoas, mas para o negócio emplacar é dificílimo.
Francisco	2. Para você construir uma empresa de alto nível, é preciso ter capital e conhecimento na área que você vai montar.
Olga	3. Para se montar uma empresa não é tão difícil, mais difícil é mantê-la.
Mariana	4. Eu gostei muito da montagem da empresa, porque fiquei sabendo como criar uma empresa e ao que ela precisa.
Fernanda	5. A empresa que montamos foi interessante porque nos colocamos na posição de cada função e conseguimos imaginarmos o que cada profissional faz e se você não imaginar como funciona cada profissão, não terá muitos caminhos ou dúvidas e conclui que não experimentará outros caminhos.
Antonio	6. Muitos tentam montar uma empresa, isso é muito difícil, mas com capital e dedicação pode ser até possível.

A categoria montar um negócio próprio (quadro 45) aparece em decorrência da estratégia utilizada no programa de orientação profissional para a discussão do conceito e significado do trabalho nos tempos atuais.

Os sujeitos são divididos em dois grupos e orientados a montar empresas, uma do setor primário e outra do setor secundário da economia. Devem pensar no produto final da empresa, no maquinário e instrumental utilizado, nas funções e atividades de cada um, para que a empresa dê conta da produção do planejado, bem como os salários de cada trabalhador. Na conversa sobre o exemplo montado, busca-se definir compreender os elementos essenciais para a realização do trabalho em qualquer tipo de sociedade (natureza, instrumentos de trabalho e ser humano), fechando a discussão com o aclaramento do conceito sociológico e econômico do trabalho: Ação humana de transformação da natureza por meio de instrumentos de trabalho para a obtenção de produtos úteis à vida.

Abaixo apresentamos as empresas montadas pelos participantes[14]:

Empresa 1 - Setor primário da economia	Empresa 2 - Setor secundário da economia
Produto – café a granel Nome da empresa – Fazenda B.Q. Atividades e função de cada trabalhador: **Dono** – está viajando **Administrador** – Antonio: avalia contratos/estabelece preços/paga salários. Fez curso de Administração de Empresas, não mora na fazenda, mora na cidade, recebe um salário de R$ 5.000,00 **Vendedora** – Cristina: tenta passar o café para frente/usa telefone e internet/opera telemarketing.	Produto – tabletes de chocolate Nome da empresa: Chocolândia Atividades e função de cada trabalhador: **Dono** – Olga: é casada com uma pessoa rica que trouxe o capital. Montou a empresa junto com o marido. Também é **Presidente** da empresa – avalia contrato. Largou o segundo ano do curso de Administração. Ganha um salário de R$ 3.500,00 (a empresa é pequena) **Diretor** – José: auxilia o presidente na análise de

[14] A partir dos registros anotados pelo orientador do grupo

Completou o ensino médio, recebe um salário de R$ 2.000,00

Plantador – Francisco: aprendeu seu trabalho com o avô. É obrigado a trabalhar pela família. Recebe R$ 380,00.

Plantador – Ana : parou de estudar na 4ª. Série. Aprendeu seu trabalho com a família. Gosta de seu trabalho. Mora na fazenda

"Colhedores" – Renata e Miriam: colhem o café com as mãos (não usam máquinas). Usam a peneira para tirar a sujeira. Aprenderam seu trabalhos com os pais que já faziam isto. São diaristas, autônomos e percebem em média R$ 500,00.

contratos. Contrata funcionários. Terminou o ensino médio técnico de Administração. Recebe um salário de R$ 1.500,00.

Administrador Financeiro – Paulo:Administra a entrada e saída do dinheiro. Estuda onde o dinheiro será aplicado. Faz avaliação dos gastos para apurar o lucro. Fez Administração de empresas com a Dona da Empresa e por isso conseguiu o emprego. Recebe R$ 900,00.

Nutricionista – Mariana: cuida da higiene dos alimentos. Instrui funcionários quanto a isto. Fez faculdade de Nutrição e ganha como salário R$ 801,00.

Confeiteira - Fernanda: fez curso técnico de confeiteiro. Supervisiona os operários. Ganha R$ 380,00.

Em nenhum momento tivemos como intenção divulgar ou trabalhar a idéia do "empreendedorismo" como alternativa para o desemprego, discurso adotado pelo neo-liberalismo. Entretanto, ao que parece, foi isso que os participantes concluíram a respeito da atividade. Alguns deles apontam a dificuldade em se montar uma empresa e outros disseram ter gostado de saber como se monta uma.

A partir das empresas montadas, deve-se realçar que tanto a empresa do setor primário como a do setor secundário da economia estão muito distantes do que se encontra hoje na sociedade. Os jovens desconhecem o funcionamento de empresas agrícolas, o que se pode entender pela distância que mantêm desse mundo, mas também desconhecem o funcionamento das indústrias, o que mostra que também estão distantes dessa realidade. Lembremos que os pais desses jovens estão inseridos no mercado, na maioria como autônomos ou empregados domésticos, no setor terciário da economia e, ao que parece, esta é a realidade que circunda a vida desses jovens.

quadro 46 - **gênero**	
Paulo	1. A questão de gênero não é mais um fator de desigualdade como já foi nos passado, hoje é muito melhor dividida as vagas entre homens e mulheres.
José	2. Eu acho no mercado de trabalho não deveria haver preconceito entre homem e mulher, pois todos têm a mesma capacidade de trabalhar.
Mariana	3. A minha profissão tem mais mulheres que homens.
Carmem	4. Com relação a gênero, não acho que tem profissões relacionadas com eles, mas sim que tem profissões que exigem um pouco mais de um gênero específico, mas não quer dizer que o outro não possa exercer.
Antonio	5. Há muitas injustiças, entre elas mulheres que exercem mesma função que homens, ganha menos. Isso é desanimador, dá um certo medo

Chama a atenção de que são os homens que fazem comentários mais críticos em relação ao determinante de gênero na escolha profissional. Antonio reconhece que há muitas injustiças de gênero e José diz que não deveria haver preconceito, pois todos têm a mesma capacidade. Carmem nega que existe relação entre gênero e escolha e Mariana simplesmente constata que na sua profissão existem mais mulheres do que homens, o que talvez indique que esta participante se sente confortável com isso. Paulo percebe a

mudança que já ocorreu na sociedade a respeito da divisão de gênero no trabalho, mas acha que o problema já está superado. (quadro 46)

A questão de gênero não mobiliza os participantes do programa. Nas suas famílias, a mulher trabalha tanto quanto o homem, e em alguns casos é responsável pelo sustento da casa. O trabalho que exige força física também é desenvolvido pela mulher. A discussão, ao que parece, ficou circunscrita à racionalidade envolvida na questão. Os jovens não estabeleceram relações entre o gênero e a construção de interesses e habilidades, condição presente nas escolhas dos sujeitos.

quadro 47 – **a sociedade coloca barreiras**	
Miriam	Eu acho que são muitos os limites colocados pela sociedade em relação ao trabalho, tem muita discriminação e muito preconceito. Mas acho que apesar de tudo isso não devo desistir jamais dos meus ideais. Sei que na sociedade em que vivemos nada é fácil, mas também tenho em mente que nada é impossível, basta querer lutar, porque por mais que essa sociedade desigual coloque barreiras em meu caminho, sei que serei capaz de ultrapassá-las e provar para essa sociedade que sou capaz de vencer.
Renata	Eu acho que tudo que vimos aqui foi o suficiente para poder refletir na minha profissão, tudo o que fiz foi porque tenho vontade, e acho que não devo desistir agora, porque no mundo em que vivemos nada é dado e sim conquistado por nós mesmos, pois tenho certeza se consegui chegar até aqui posso conseguir ir até onde desejo chegar e me tornar uma pedagoga.
Cristina	Tudo isso que vimos (aqui no Nace e na ONG), as dificuldades e a vida de cada e força de vontade que todos têm para realizar seus sonhos) e que acontece na sociedade faz com que cada vez mais eu me esforce e tenha vontade para conseguir e nunca desistir e sempre pensar que nada da vida é dado e sim conquistado.

As três jovens apontam que a sociedade coloca barreiras, conforme o quadro 47, que, ao que parece, são percebidas como obstáculos montados para que as pessoas provem, ao ultrapassá-los, que mereceram chegar aonde queriam. Miriam considera que basta querer lutar para superar os obstáculos e vai acabar provando para a sociedade que é capaz de vencer. Renata já se entende como vencedora e diz que se já conseguiu chegar aonde chegou, pode ir mais adiante. Cristina reconhece as dificuldades que vai encontrar pela frente, mas isto a anima a se esforçar e a não desistir em busca de seus sonhos.

A Luta para sobreviver é constante, a batalha não dá tréguas, e o que move essas três jovens para frente é a idéia de "vencer". Vencer talvez possa ser entendido, como já apontado no item em que discutimos valores, a possibilidade de ter uma casa, de ter acesso a bens e ter uma vida moral "correta", como a maioria dos seus familiares indicados na "atividade de identificação"

quadro 48 - **outros**	
MEIO DE COMUNICAÇÃO	
Paulo	Os meios de comunicação têm grande interferência na opinião da população.
ESCOLHA PROFISSIONAL	
Carmem	Hoje a escolha da profissão é muito conflitante e angustiante, pois é investido muito de nós mesmos sem algo certo, onde estamos propícios sempre a errar.

Apenas um sujeito menciona como determinante o meio de comunicação, dizendo que ele tem grande influência na opinião da população, mas não estabelece nenhuma correlação com a sua vida e muito menos com a escolha profissional. (quadro 48)

Carmem aponta a possibilidade de errar sua escolha apesar do investimento necessário para sua resolução, sem que se possa ter certeza do acerto ou não da decisão. Podemos depreender que a insegurança manifestada pelo sujeito tem a ver com os "obstáculos" colocados pela sociedade.

b) Características pessoais e valores

A síntese denominada "Características Pessoais e Valores" solicita ao sujeito que "Leia os dados registrados e aborde como você percebe suas características e seus valores.", indicando as passagens do programa de orientação profissional nas quais esses assuntos foram mais abordados.

Classificamos as respostas em 4 sub-temas, a saber: a) personalidade; b) planos para o futuro; c) interesses e gostos; d) aprendizagens sobre as características pessoais de si e dos outros.

quadro 49- **personalidade**		
1	PAULO	Sou uma pessoa tímida, tenho algumas dúvidas em minhas escolhas, mas sempre costumo escolher certo. Sou também um sonhador e quero realizar meus sonhos, mas sem ter pressa e sem se afobar diante de minhas escolhas. Em atividades em grupo gosto de me destacar, mas sem precisar me mostrar muito e gosto quando o grupo reconhece meu trabalho.
2	FRANCISCO	Eu sou um cara bastante extrovertido, gosto de brincar com as pessoas, fazer novas amizades, gosto de sair com os amigos para as baladas. Eu também sou um cara que curto muito a vida.
3	ANA	Eu sou uma pessoa amiga e companheira, gosto de falar e ouvir as pessoas, trato as pessoas da forma que eu gostaria de ser tratada. Sou alegre e procuro estar de bem com a vida.
4	JOSÉ	Eu sou compreensivo, amigo, solidário e prestativo. Quando estava estudando, os professores achavam que eu era um bom aluno. Meus amigos me acham alegre, tímido, fiel, capaz de correr atrás dos meus sonhos.
5	CRISTINA	Sou alegre, falo muito, gosto sempre de estar com pessoas e sei que nada é impossível
6	OLGA	Eu sou uma pessoa amiga, sincera, que gosto de dar risada. Sou educada com quem é comigo, não gosto que tratem mal as pessoas. Tenho medo de várias coisas, mas tento superá-los com o passar dos tempos. Gosto de interagir com outras pessoas e principalmente fazer novas amizades.
7	MARIANA	Sou uma pessoa tímida, tenho facilidade para humanas, sou muito preocupada com que acontece ao meu redor, sou muito ansiosa
8	CARMEM	Eu sou uma pessoa divertida, alegre. Adoro conversar com amigos, tenho muitos colegas, não sou de fazer amizades com facilidade por ser tímida.
9	ANTONIO	Agora me sinto mais seguro, sou mais inteligente e uma ótima pessoa.
10	MIRIAM	Hoje me vejo feliz, alegre e decidida. Sou alegre, feliz, espontânea, sei expor minhas idéias, sou forte, sonhadora, sei ajudar o próximo quando é preciso, mas também preciso de ajuda de vez em quando. Sou calma, mas quando necessário também sei ser muito nervosa e brava.
11	RENATA	Sou uma pessoa que sei interagir e me adaptar, preciso da opinião do próximo. Levo minha vida a sério, sou confusa na minha escolha, tenho um ótimo futuro, sou tranqüila, feliz, de bem com a minha vida. Tenho certeza que sou feliz. Tenho certeza que não sou perdedora porque poderia desistir, tudo que desejo eu luto para ter. A minha vida é ser feliz. Sou uma pessoa que adora correr atrás de meus objetivos. Sou uma pessoa nervosa. Por ser meiga e carinhosa com todos e quem me conhece gosta de mim.

Segundo o quadro 49, todos os sujeitos, ao se avaliarem quanto a características pessoais, observam em si traços quase sempre positivos (de todas as menções, 89% podem ser enquadradas como tal). Dentre eles, onze sujeitos destacam o interesse nas relações com amigos como capacidade pessoal marcante (gosto de brincar com os outros/gosto de conversar com amigos/gosto de estar com pessoas/gosto de interagir/sou amigo/gosto de fazer novas amizades).

As outras características apontadas são: alegre; sonhador/capaz de correr atrás dos sonhos/objetivos; curto muito a vida/sou de bem com a vida/sou feliz; bom aluno; calma; carinhosa; compreensivo; decidida; divertida; educada; espontânea; extrovertido; falo muito; fiel; forte; gosto de dar risada; gosto de falar e ouvir; gosto de me destacar em grupo; gosto de sair para balada; não sou perdedora; prestativo; sei expor idéias; sincera; solidária; sou ótima pessoa; sou preocupada com o que acontece ao meu redor; tranqüila.

Seis sujeitos assinalam alguma característica pessoal que pode ser considerada como negativa. Quatro deles se acham tímidos; um ansioso e um, nervoso.

Chamam a atenção algumas afirmações que dizem respeito à característica de ser lutador em busca da realização de seus sonhos e projetos: Paulo nos diz: "Sou também um sonhador e quero realizar meus sonhos"; Cristina diz: "sei que nada é impossível"; José afirma: "...capaz de correr atrás dos meus sonhos"; Renata afirma: "Sou uma pessoa que adora correr atrás de meus objetivos". Expressam uma visão positiva de si, como lutadores que buscam a realização de seus projetos.

Cabe ressaltar aqui a frase de Renata, que escreve: "Tenho certeza que não sou perdedora porque poderia desistir, tudo que desejo eu luto para ter. A minha vida é ser feliz." Como já apontado anteriormente, a idéia de "perdedor e ganhador" começa a fazer parte da linguagem desses jovens. Renata se considera não perdedora porque não desiste, porque luta para conquistar tudo que deseja. Podemos dizer que expressa essa descrição positiva de si, incorporando aspectos da ideologia neoliberal. O termo utilizado responsabiliza como meramente pessoal as conquistas alcançadas. As oportunidades estão disponibilizadas para todos, os vitoriosos são aqueles que sabem aproveitar as chances e que correm atrás do que querem.

Pode-se afirmar que, em geral, o sujeitos se descrevem expressando valorização positiva de si. Há a presença freqüente dos outros com os quais se preocupam, ou querem ajudar, ou desejam se relacionar. Buscam a felicidade que aparece relacionada com a realização dos sonhos e projetos. Põem-se no mundo como batalhadores e se pensam vitoriosos.

quadro 50- **planos para o futuro**		
1	ANA	A minha expectativa de vida e a vontade de fazer uma Universidade aumentou muito mais.
2	JOSÉ	Gostaria de passar no vestibular, que é Educação Física. Mesmo que não passe, vou continuar tentando . Adoro trabalhar em grupo, pois além de terem várias idéias refletindo junto, me sinto com mais confiança no que estou fazendo.
3	CRISTINA	Hoje em dia vejo que sou importante para muitas pessoas, eu não sabia que os meus amigos da ONG me conheciam tão bem. Todos sabiam como era, o meu jeito alegre e muito faladeira. E que cada dia que passa a amizade que conquistei aqui vai fluir cada vez mais. Agora depois de tudo que passei vou conseguir com a ajuda de todos e do Nace que me ajudou a decidir se eu queria ser mesmo enfermeira
4	OLGA	Meu sonho é fazer duas faculdades iniciando por Pedagogia e depois nutrição. Gosto também de trabalhar com o público que será os pais dessas criança. Conseguir trabalhar em grupo, ter interesses de subir na vida.
5	MARIANA	Meus interesses pessoais são fazer uma profissão que eu gosto, comprar uma casa e poder viajar pelo Brasil. Eu quero muito fazer um curso técnico de nutrição e depois fazer uma universidade. Quero ter uma vida legal ter sucesso ser feliz na minha profissão.
6	CARMEM	Não sou de ficar pensando muito no futuro, prefiro viver o hoje.
7	FERNANDA	Meu sonho seria trabalhar para ajudar minha família, ter condições financeiras para conhecer o mundo viajando.
8	ANTONIO	Até um tempo eu era uma pessoa com muitas dúvidas. Não sabia qual carreira seguir ou o que era. Quando eu era pequeno sempre quis ser veterinário, até que fui morar em tempo com minha tia em um sítio. Lá tinha muitos animais pra eu cuidar, aí vi que não era minha área. Depois que comecei a fazer cursinho resolvi fazer psicologia, mas acabei desistindo (acho muito difícil). Agora vou investir em música porque eu adoro música e toco alguns instrumentos. Acredito que sou capaz de seguir esta carreira, quero arrumar um bom emprego, fazer as pessoas, ao redor, felizes e viajar.
9	MIRIAM	Hoje sei bem o que eu quero, sei distinguir aquilo que para mim é bom, e aquilo que é ruim, sei analisar com facilidade e também definir coisas que antes tinha receio, medo. Tenho em mente meus ideais e estou pronta para lutar e consegui-los, mesmo sabendo que talvez eu não consiga alcançá-los, mas também sei que se nunca tentar eu não vou descobrir se sou ou não capaz.
10	RENATA	Eu quero tudo que me faça uma pessoa feliz e alegre e quero ser muito de bem com a vida.
11	PAULO	Quanto ao que eu quero e o que eu tenho de fazer, eu percebo que para realizar meus sonhos vou ter que seguir um longo caminho.

Quatro sujeitos destacam o "subir na vida" como plano para o futuro. Como já mencionado anteriormente, a perspectiva de poder viajar expressa isso. (quadro 50)

Quatro sujeitos destacam como plano fazer algum curso de formação profissional, quer universitário, quer técnico.

Três sujeitos mencionam a necessidade de ter que se esforçar para a conquista dos objetivos.

Dois sujeitos desejam se tornar profissionais.

Com uma menção cada, aparece o "não sou de ficar pensando no futuro", "trabalhar para ajudar minha família", "Eu quero tudo que me faça uma pessoa feliz e alegre e quero ser muito de bem com a vida."

Os textos de Cristina e José podem ser destacados, porque apontam para a importância do trabalho em grupo no sentido do que se pode chamar de "empoderamento pessoal" para o enfrentamento de problemas, quando a participante diz ter-se descoberto importante para as outras pessoas, por ver que elas a conhecem tão bem. José diz que se sente bem em grupo, pela troca de idéias e que por isso se sente mais confiante naquilo que faz.

Por estarem em um programa de orientação profissional, os projetos aparecem muito relacionados ao trabalho e à profissão. O importante é notar que valorizam isso como maneira de serem bem sucedidos, de ascenderem socialmente, possibilitando adquirir ou realizar sonhos hoje mais distantes, como viajar, ter uma casa, ajudar a família financeiramente, ou ainda fazer as pessoas ao seu redor mais felizes. Cabe aqui destacar a responsabilidade de almejarem assumir a melhora da vida da família ou fazer as pessoas ao seu redor mais felizes. Imaginam conseguir isso com o trabalho e o estudo que pretendem alcançar futuramente. A Universidade aparece, então, como caminho certo para a ascensão social e para a melhoria das condições de vida.

Quadro 51 – **interesses e gostos**		
1	PAULO	Eu tenho interesses em alguns conhecimentos específicos, leio jornais apenas em pontos que me interessam.
2	JOSÉ	Gosto de ler jornais e revistas sobre fatos do cotidiano, assistir principalmente programas de esportes etc.
3	MARIANA	Eu gosto de trabalhar em grupo, conversar com minhas amigas, curtir a vida, passeio, ir para o parque, cachoeira, praia, gosto de passeio relacionado com a natureza.
4	CARMEM	Estou sempre ligada nas coisas do dia-a-dia, gosto de ler, mas não por obrigação. Gosto de conviver com pessoas alto astral que estão sempre se divertindo que mesmo com dificuldade abrem aquele sorriso .
5	FERNANDA	Gosto de aprender coisas novas e principalmente sobre outros países.
6	RENATA	Eu sou uma pessoa que gosta de saber muito, procurar coisas, saber um pouco mais da realidade .

Duas participantes da pesquisa afirmam gostar de aprender coisas novas, dentre elas Fernanda, que diz gostar de aprender coisas novas sobre outros países. Três sujeitos dizem que gostam de ler, jornais e livros. Carmem destaca que gosta de ler, mas não quando é obrigada. Paulo aponta que só lê, nos jornais, pontos que lhe interessam. Sabemos, pela ficha pessoal preenchida pelo participante, que esses pontos são cinema, notícias policiais e esportes e que ele os faz "de vez em quando". Já José, aponta na ficha pessoal que lê jornais diariamente e se interessa mais pelas seções de cinema, política nacional, política internacional, cidades, noticiais policiais e esportes. (quadro 51)

Mariana diz gostar de curtir a vida, passear, ir a parques, cachoeiras, praia, sintetizando que gosta de passeios relacionados com a natureza. Carmem gosta de conviver com pessoas que se divertem, que são "alto astral" e que abrem um sorriso, mesmo quando estão passando alguma dificuldade.

Assim, quanto aos interesses e gostos, pode-se dizer que eles se colocam em três campos: interesse em saber sobre o mundo; interesse em realizar atividades de lazer e interesse em conviver com os outros.

quadro 52– **aprendizagens quanto a aspectos pessoais de si e dos outros**		
1	JOSÉ	Cada ser humano tem seu modo de ser, ver, de agir, etc.
2	ANA	O que mais me chamou a atenção foi sobre o passo 4, eu quero, eu tenho que, eu tenho medo de, pois descobri que pra cada sonho eu tenho que tomar uma atitude e que o medo faz parte do todo ser humano, como meu amigo me disse lutar sempre, vencer talvez, desistir jamais. De tudo que passei, me fez construir uma nova pessoa, pois meus interesses pessoais aumentaram. Aprendi que existem vários caminhos que eu posso ir, que trabalhando em grupo o trabalho ideais ficam melhores.
3	PAULO	No "passeio da vela" entendi que minhas vontades e atividades mudam com o ciclo da minha vida, e que minha idade influencia minhas opiniões.
4	FRANCISCO	Eu, Francisco, terminei meus estudos há quase dois anos. Quando eu entrei para a ONG e comecei a fazer cursinho pré-vestibular, minha vida mudou praticamente. Eu comecei a aprender uma coisa nova que era sobre os nossos direitos. Neste ano, além do cursinho, eu também entrei para um grupo vocacional, eu aprendi a escolher uma profissão, saber o que é o mercado de trabalho, além de várias outras coisas.
5	OLGA	Com o passar do tempo, comecei a mudar o modo de pensar e agir.

Cinco sujeitos apontam passagens do programa de orientação e também do trabalho vivenciado na ONG, que lhe trouxeram reflexões a respeito de si como indivíduos, como sujeitos (conforme quadro 52). Paulo e Olga percebem o passar do tempo mudando suas opiniões. Cristina se sente realizada por saber que pode ser cada dia melhor. Ana aponta que descobriu que, para cada sonho, tem que tomar uma atitude e que todo os ser humano tem medo. Além disso, percebe-se mudando em direção à construção de uma nova pessoa, que em grupo pode construir novos ideais. José conclui, pelo caráter singular de cada individuo, que tem seu próprio jeito de ser, ver e agir e Francisco diz que na ONG aprendeu coisas fundamentais, como "os nossos direitos" e no trabalho de orientação profissional, de como se "escolhe uma profissão".

Cabe destacar que todos, com exceção de José, fazem afirmações que expressam a sua transformação e o seu movimento como sujeitos. Valorizam as situações sociais e os processos que permitem e estimulam essas mudanças.

c) Interesses profissionais

A folha da síntese "Interesses Profissionais" tem a seguinte orientação: "Leia o conteúdo registrado e reflita sobre a relação entre seus interesses profissionais com as disciplinas escolares, com áreas profissionais; com nível de informações profissionais obtidas e como você se encontra diante disso tudo". Na mesma folha, são indicadas as sessões e materiais onde esse assunto esteve mais em foco durante o programa. Como nas sínteses anteriores, os quadros abaixo registram todas as manifestações dos sujeitos e foram categorizados em núcleos evidenciados pela própria redação dos sujeitos, a saber: "**minha caminhada de interesse pela profissão"; "prestei curso técnico"; "pretendo ter carreira profissional".**

quadro 53 - **minha caminhada de interesse pela profissão**	
1.Francisco	Mas quando eu ganhei o primeiro computador, comecei a fazer cursinho e freqüentar a orientação vocacional, aí sim que eu decidi seguir essa carreira e quem sabe mais para frente ingressar no mercado de trabalho. Eu comecei a pensar em uma carreira profissional ainda cursando o ensino médio, também tive influência de alguns amigos que fizeram o curso superior.
2. Ana	Ao longo da minha vida, os meus interesses sempre foram na área da saúde. Com a Orientação Vocacional, eu tive mais conhecimento de vários cursos.
3.José	Me aproximei em muitas carreiras, saber melhor se a carreira que eu escolhi era mesma que eu queria. Mas só me interessou Educ. Física, conheci muitas coisas sobre essa profissão que não sabia, desde aí comecei a gostar mais. Mas agora no final do ano vou prestar vestibular em outras Universidades, Deus ajude que eu passar, pois estou confiante.
3. Cristina	Até os meus 16 anos queria ser Veterinária, mas após entrar na ONG percebi que não era isso que eu queria, decidi ser enfermeira, uma coisa nada a ver com outra. Agora tenho certeza do que quero, após entrar no Nace pesquisei sobre enfermagem, já sabia alguma coisa, mas não era o necessário para querer me formar nessa área. Agora sei muita coisa através das pesquisas e ajuda.
4. Olga	Com o passar do tempo, surgiram várias dúvidas em relação à escolha profissional. Pensei em fazer Letras, História e Geografia, enfim, comecei a fazer um curso de Nutrição onde deveria fazer trabalho voluntário e acabei indo até uma creche onde aprendi a conviver com as crianças e os professores aprendendo a lidar com eles. Fui me aprofundando cada vez mais sobre a carreira e como o profissional lida com isso.
5. Mariana	Eu sempre pensei que ia sair da escola, arrumar um emprego e me aposentar nesse emprego. Fui ficando mais velha e vendo na televisão que estava difícil o emprego seguro por causa da tecnologia. Aí, quando entrei na [ONG], vi que a coisa é bem diferente do que eu pensava.
6. Carmem	Sempre pensei em fazer Psicologia, por entender e ajudar meus amigos e nunca conseguir resolver meus próprios problemas. Pesquisei em livros e internet sobre essa profissão, mas um dia resolvi ler outras profissões, saber um pouco mais sobre elas para rever. Foi quando li sobre Terapia Ocupacional, um curso há pouco tempo criado, mas vi nele uma forma de ajudar as pessoas, foi daí que fiquei em dúvida. Procurei uma psicóloga e conversando com ela fiz algumas perguntas, foi quando perguntei sobre a profissão e o mercado de trabalho, só que ela não me animou. Então pesquisei outras profissões e achei nutrição, achei interessante e prestei curso técnico, mas não passei e estou na luta. Vou prestar Terapia Ocupacional, mas pretendo fazer também Psicologia. Também me interessei por outros cursos da área da saúde.
7. Fernanda	Em primeiro instante, pensei em muitas profissões. No decorrer das etapas, fiz a leitura de todas as profissões e a cada passo, eliminando uma, ao final sobraram menos cursos. Analisei o que realmente trabalharia em algum curso na área da saúde, por exemplo: enfermagem, terapia ocupacional, fonoaudióloga e quase no meio das etapas me interessou muito o curso de Nutrição porque tinha prestado curso técnico em Nutrição e Dietética, passei, e hoje faço o curso e por entanto estou gostando.
8. Antonio	Há 3 anos atrás meu sonho era ser veterinário. Sempre gostei de animais. Até que fui morar com a minha Tia em sítio, lá parecia um zoológico, tinha todo tipo de animal. Eu tinha que alimentá-los duas vezes por dia e dar vacina, no começo era tudo bom, mas com o tempo vi que não servia para aquilo. Resolvi fazer Psicologia porque gosto de ouvir as pessoas e tentar ajudá-las a resolver seus problemas, mas com o tempo mudei de idéia de novo, me chamaram para tocar em uma banda como baixista. Com o tempo me dediquei tanto à guitarra que fui promovido a guitarrista. Por isso larguei de Psicologia, posso fazer depois. Estou me aprofundando na música e pretendo ser um ótimo profissional.
9. Miriam	Bom, até os meus 15 anos, eu queria ser veterinária, depois eu quis ser pediatra e logo que eu entrei no cursinho pré-vestibular, que eu estava com 19 anos, eu optei por enfermagem. Quando eu comecei a fazer o projeto vocacional, fui conhecendo novas profissões e fiquei entre enfermagem, terapia ocupacional e fisioterapia, mas no final das contas, fiquei com enfermagem. É o que eu quero realmente. Eu já sabia o que é o trabalho de uma enfermeira, mas aqui no projeto eu conheci muito mais essa profissão e me apaixonei muito mais por ela. Agora sim eu tenho certeza de que quero ser enfermeira.
10. Renata	A minha caminhada na profissão foi me interessar por pedagogia desde criança, também por ter ótimos professores que me ajudaram muito. Minha disciplina escolar era muito boa, mas não gostava de Matemática, adorava Português, isso é, adoro ainda.

O item que mais se destaca nesta síntese é que denominamos de "Histórico do Interesse pela Profissão". Dez sujeitos descrevem de forma sucinta o que Renata chamou de "caminhada na profissão". (quadro 53)

Como constatado na nossa pesquisa de mestrado, fica evidente que a aproximação com a profissão se faz a partir da "cara" que o sujeito constrói no transcurso de sua vida, quer no encontro pessoal com profissionais, quer na vivência de situações que favorecem a construção dessas imagens. "As pessoas, ao pensar nas profissões, mobilizam imagens que foram construídas durante toda a sua vida". "Cara" é termo que utilizamos para nomear as imagens que as pessoas têm de cada profissão. (Bock, 2001, 53)

Com situações que favorecem a construção das "caras" que serão mobilizadas para esta escolha, temos: Francisco diz que começou a pensar na profissão quando ganhou um computador e também porque teve a "influência de amigos que já freqüentavam cursos universitários. Carmem constrói a imagem da profissão que pretende a partir da constatação de que sempre era capaz de entender e ajudar seus amigos e também porque nunca conseguia resolver seus próprios problemas. Antonio pensava em ser Veterinário e, ao passar uma temporada com um parente no interior, percebeu que "não servia para aquilo". Pensa agora em outra profissão, uma vez que toca um instrumento musical. Fernanda diz procurar uma profissão na área da saúde.

A partir de contato pessoal com profissionais Ana diz que sempre teve vontade de trabalhar na área da saúde[15]. Cristina diz que, antes de entrar no programa de orientação profissional, já sabia o que o profissional fazia, porém estas informações não eram suficientes para tomar a decisão. Olga foi fazer um estágio para um curso de nutrição que freqüentava, entrou em contato com crianças e professores e, partir daí, interessou-se pela área da pedagogia, magistério. Miriam diz que já sabia como era o trabalho de uma enfermeira antes de sua participação no programa de orientação profissional, mas que mais informada, apaixonou-se mais ainda por ela. Renata pensa em se tornar pedagoga, por ter tido ótimos professores que a ajudaram muito.

De outro modo, a fala de Mariana parece significativa. Ela pensava que, ao terminar a escola, iria arrumar um emprego e se aposentar nele. Foi crescendo e percebendo o problema do desemprego por razões tecnológicas nos tempos de hoje. Sua vivência na ONG lhe mostrou que as coisas são bem diferentes do que pensava. Provavelmente, a idéia que tinha de ser adulto era a de uma pessoa que trabalhava e esperava a aposentadoria. O trabalho era entendido como forma "natural" de conseguir sustento e que todos seguiriam este caminho.

Cinco sujeitos, nesta síntese, fazem referência ao "vestibulinho" que prestaram de acesso a cursos técnicos profissionalizantes em escolas públicas federais (quadro 54).

[15] Estamos supondo que esta vontade de trabalhar na área de saúde esteja relacionada ao contato que o sujeito teve durante sua vida com profissionais desta área.

Acreditamos importante fazermos uma pausa para apresentar essa questão, pela sua importância.

quadro 54 - **prestei curso técnico**	
Francisco	Mais enquanto isso não acontece, eu decidi prestar um curso técnico estadual e passei.
José	Bom, agora prestei vestibular para o curso técnico Estadual, passei. Não é bem o que eu queira.
Cristina	Prestei curso técnico para ETES, mas infelizmente não passei, mas não vou desistir, tenho certeza do que eu quero para o meu futuro
Carmem	Achei nutrição, achei interessante e prestei curso técnico, mais não passei e estou na luta
Renata	Tive expectativa de poder prestar a prova da ETESP e por não ter passado. Mas sei que da próxima vou passar.

No meio do processo de orientação profissional, tomamos conhecimento de que todos os sujeitos prestariam concurso para escolas técnicas estaduais. Em nenhum momento do programa os participantes declaram suas intenções nesse sentido, e não houve sequer uma menção a respeito, o que nos intrigou porque, praticamente, só tomamos conhecimento de tal fato no momento em que quatro participantes faltaram numa sessão, como já mencionado anteriormente, por estarem iniciando o curso em que foram aprovados. (quadro 54)

Talvez isso possa ser compreendido pela expectativa que os jovens criaram em torno do trabalho de orientação profissional de que estavam participando. Talvez, para eles, uma escolha profissional só é digna desse nome quando requer o ensino superior como preparação.

O quadro 55 apresenta a modalidade do curso técnico para o qual o sujeito prestou concurso, comparado com a profissão apontada na última sessão, no instrumento denominado "declaração à sociedade".

quadro 55 **modalidade de curso técnico prestado**				
Nome	**Instituição**	**Curso**	**Resultado**	**declaração à sociedade**
1.Paulo	Ete	Eletrônica	Aprovado	Geógrafo
2.Francisco	Ete	Eletrônica	Aprovado	Cientista da Computação
3.Ana	Ete	Enfermagem	Não aprovada	Psicologia
4.José	Ete	Eletrônica	Aprovado	Educação Física
5.Cristina	Ete	**Enfermagem**	Não aprovado	**Enfermagem**
6. Olga	Ete	**Nutrição**	Não aprovado	Pedagogia
7.Mariana	Ete	**Nutrição**	não aprovado	**Nutricionista**
8.Carmem	Ete	Nutrição	Aprovada	Terapia Ocupacional
9.Fernanda	Ete	**Nutrição**	Aprovada	**Nutrição e Dietética**
10.Antonio	Ete	Eletrônica	Aprovado	Música
11. Miriam	Ete	**Enfermagem**	Não aprovada	**Enfermagem**
12.Renata	Ete	Administração	Não aprovado	Pedagogia

Fonte: documento enviado pela ONG sobre a situação de cada sujeito após o termino do projeto no final de 2007.

Comparando a escolha profissional declarada ao final do programa com o curso técnico prestado, constatamos que quatro participantes citam a mesma área de intervenção. Mariana e Fernanda prestam o concurso para o curso técnico de Nutrição e dizem que pretendem ser Nutricionistas ao final do programa. Cristina e Miriam prestam para o curso técnico de enfermagem e citam a profissão de Enfermeira ao final do programa.

Os outros oito sujeitos prestam o concurso para modalidades, que pouco têm a ver com a profissão declarada como opção do sujeito ao final do programa.

quadro 56 - **pretendo ter carreira profissional**	
1.Francisco	Meu maior interesse é ter uma carreira profissional onde eu me dê bem e goste. Eu comecei a pensar em uma carreira profissional ainda cursando o ensino médio, também tive influência de alguns amigos que fizeram o curso superior. Estou muito feliz, espero que um dia eu passe em uma universidade pública.
2.Ana	Tenho muitas expectativas em relação ao vestibular sobre o curso que escolhi, acredito que na vida uma coisa vai se ligando na outra e que cada dia vou chegando mais perto do meu sonho e o meu sonho é se tornar uma grande psicóloga.
3.José	Meu interesse profissional é ingressar em uma carreira que goste, me sinta capaz e feliz.
4. Mariana	Profissão que me interessa é nutricionista e a minha expectativa é ser uma boa profissional, ter casa.

Quatro sujeitos fazem menções a respeito da expectativa de terem uma carreira profissional. Francisco e José querem ter uma carreira que gostem e se dêem bem, sentindo-se capazes e felizes. Ana e Mariana pretendem ser boas profissionais na área que escolheram. (quadro 56)

b) Um estudo de caso.

Escolhemos Olga para este estudo de caso porque, dentre os sujeitos mais articulados, participantes e com condições razoáveis de verbalização, esteve presente em todas as sessões, desenvolvendo todas as atividades.

quadro 57 **concepção de si**
antes eu não tinha paciência, agora aprendi a conviver com as crianças.
tenho quer ser mais dedicada, ser corajosa, ser esforçada, ser menos sentimental.
tenho medo de morrer,de sofrer.
Eu sou uma pessoa amiga, sincera, que gosto de dar risada. Sou educada com quem é comigo, não gosto que tratem mal as pessoas. Tenho medo de várias coisas, mas tento superá-los com o passar dos tempos.
gosto de interagir com outras pessoas e principalmente fazer novas amizades.
com o passar do tempo comecei a mudar o modo de pensar e agir.
que tenha força de vontade e desempenho para consolidar esta profissão.
tenho habilidade de lidar com o público e ao mesmo tempo lidar com a qualidade da educação.
[EU SOU[16]]: tímida; mais de ação; muito criativa; tenho facilidade para humanas; extrovertida; influenciável; mais eu mesma; muito preocupada; agitada; afetiva; gosto de estar sempre com pessoas; mais de reflexão; sensível; habilidosa para consertar coisas; impaciente; compreensiva; desencanada; racional.
[EU NÃO SOU] - calma; ansiosa; tenho facilidade para exatas.
[NEM SOU NEM NÃO SOU] - colaboradora; desligada; tenho iniciativa; inteligente; gosto de estar sozinha; decidida; solidária; segura; gosto de ouvir os outros; tenho facilidade para biológicas

Olga tem uma visão positiva de si. Percebe-se como paciente característica que aprendeu convivendo com crianças, mas diz também que, no geral, é impaciente. É amiga, sincera e educada, gosta de interagir com os outros e fazer novas amizades. Considera que tem habilidade de lidar com o público. (quadro 57)

[16] Neste e nos próximos quadros desta seção, deve-se entender que as palavras em itálico dentro de colchetes são textos do autor desta pesquisa, com a intenção de facilitar o entendimento da fala do sujeito.

Quando se descreve, aponta características que são contraditórias, tais como tímida e extrovertida, mais de ação e mais de reflexão, desencanada/desligada e preocupada. Influenciável e sou eu mais eu mesma.

O que chama mais a atenção são as características que Olga considera que ainda devem ser alcançadas por ela: deve ser mais dedicada, corajosa, esforçada e menos sentimental. Deve ter força de vontade e o que chama "desempenho".

quadro 58 - **concepção do mundo**
Se eu não tenho uma base educacional de acordo com o que é pedido, não conseguirei passar, por mais que tenha força de vontade. Como estou me sentindo mais um número nas estatísticas da aluna que veio da escola pública e tenta mais uma vez e não consegue.
[a desmotivação é gerada por vários fatores dentre eles] A barreira do vestibular, que fazem a seleção onde acabam passando só os melhores.
[gênero] - Porque ambos podem fazer o mesmo serviço e trabalho. É caso de se aprender.
[vocação] - Com o tempo vai adquirindo experiência ao longo da trajetória da vida até chegar a escolher uma profissão.
[vida legal] – minha tia -depois de muito trabalho consegue manter a casa e os filhos.
[sucesso] – Bill Gates -ganha dinheiro sem ter que trabalhar.
[admirável] – Mãe - por ter criado os 3 filhos.
[Bonita] Marília Gabriela - como se expressa.
[realizada profissionalmente] – prima -- por ter lutado para terminar a faculdade.
[Prestígio] –mãe - por ter criado os filhos com muitas dificuldades.
[feliz] – amiga - por mais que tenha problema que tenha e ela deixa em casa.
[*batalhadora]* - mãe- consegue dar estudo para os filhos, mesmo com muitas dificuldades.
[Amiga] - amiga para todas as horas.
de morrer,de sofrer, de perder minha mãe, não conseguir realizar minhas metas, medo do presente, medo do futuro,medo de ficar sem amigos, de não conseguir.
A realidade é muito diferente do que eu imagino, pois as dificuldades vêm com o passar do tempo como desemprego discriminação social e até mesma racial Com tudo isso acaba desmotivando por vários fator. Com a concorrência em disputa uma vaga no mercado de trabalho.
Com o passar do tempo, as empresas foram modificando com isso procuravam mão de obra qualificada,com isso começou a gerar o desemprego com a mecanização seus funcionário trocado por máquinas. O filme Ilhas das Flores mostra bem isso a pobreza, miséria falta de saneamento básico. Com isso mostra a realidade de algumas regiões do nosso país. Com isso acaba gerando a desigualdade de classes, uns com tanta riquezas e outro que recebem ajuda do governo e acabam virando alvo de piada da mídia
[na empresa fez o papel da dona com a seguinte história] - Olga: é casada com uma pessoa rica que trouxe o capital. Montou a empresa junto com o marido.
Que nossas autoridades disponibilizem mais cotas e vagas nas universidades públicas,

Olga divide o mundo e as pessoas entre aqueles que "conseguem" e "aqueles que não conseguem", e se coloca exatamente a questão, se vai também "conseguir". Valoriza a tia porque depois de muito trabalho consegue manter a casa e os filhos. Valoriza a mãe por ter criado os três filhos com muita dificuldade e ter dado estudo para eles, apesar dos problemas. Valoriza a prima por ter lutado para terminar a faculdade. (quadro 58)

O "conseguir" está totalmente relacionado às dificuldades que as pessoas enfrentam para sobreviver. Seus receios se relacionam aos desafios que acha que deve superar para conseguir. Ela percebe que sua base educacional não lhe permite concorrer em igualdade de condições para enfrentar o vestibular. Revolta-se ao se ver como mais uma das pessoas que fizeram a escola pública e fazem parte das estatísticas dos não aprovados. O vestibular é uma barreira na qual, segundo o sujeito, só passam os melhores.

Seus medos declarados são de não conseguir realizar suas metas. Tem medo do presente e também do futuro, e de novo aparece a frase de que tem medo de "não conseguir".

As dificuldades identificadas como obstáculos para "conseguir" destacam o desemprego, a discriminação social e racial existente na sociedade, a grande concorrência a enfrentar no mercado de trabalho. A desmotivação acaba sendo um resultado possível de tudo isso.

Olga não considera a questão de gênero como dificuldade adicional. Quando se refere a essa discussão, diz que, independente de ser homem ou mulher, todos podem aprender. Da mesma maneira, discorda da idéia de que as pessoas nasçam com tendências, vocações, dons ou talentos inatos; para ela, as pessoas vão adquirindo experiência até chegar na profissão. Entendemos que ela quis dizer que os seres humanos aprendem habilidades e constroem seus interesses.

Olga entende que o desemprego é causado pela automatização das empresas e que, para se empregar, há necessidade de maior qualificação. A pobreza, a miséria, a falta de saneamento básico são os resultados desta política. Para ela, tudo isso leva à desigualdade de classes, e os muito pobres passam a ser motivo de piada nos meios de comunicação.

Os muito ricos, para ela, ganham dinheiro sem trabalhar. Quando na sessão do programa de orientação profissional em que os participantes simulam uma empresa, assume o papel de Dona, e conquista essa posição porque é casada com uma pessoa rica que trouxe o capital.

Olga não pretende tornar-se essa pessoa rica. Quer conseguir ultrapassar os obstáculos para se reconhecer e ser reconhecida como uma pessoa digna, que antes de tudo não se deixou abater pelas dificuldades; reconhece que são enormes. Seus objetivos não são grandiosos ou pretensiosos. Se bem entendemos, busca uma vida com um pouco menos de dificuldades.

Politicamente, Olga espera que os governantes produzam mais programas de inclusão social.

quadro 59 - **a cara da profissão**
se não fizesse pedagogia faria nutrição.
o pedagogo trabalha com criança- quero fazer trabalho social.
eu vou tentar administrar uma creche.
cuida da pauta dos professores e organiza a aula dos professores.
o que mais me influenciou? Trabalhar diretamente com crianças.
para virar diretora – isto seria com o passar do tempo, no início dá aulas, depois vira auxiliar de diretora e depois diretora.
o mercado não é favorável...existem muitos pedagogos. Se não conseguir emprego faria nutrição.
vi que o salário de estágio de pedagogia é de R$ 850,00. O salário médio do Pedagogo é de R$ 1500,00.
com o curso de Pedagogia a pessoa pode dar aula e cuidar da parte administrativa.
pedagoga tanto pode lidar com as crianças, e ao consegue administrar e coordenar uma creche, fazer pautas escolares.
porque posso tanto trabalhar com crianças e administrar uma creche ou escola.
eu já trabalhei nesta área.
antes eu não tinha paciência agora aprendi a conviver com as crianças.

Olga diz que pretende trabalhar diretamente com crianças, mas no futuro pode partir para atividades administrativas, coordenando creches ou escolas. Para ela, o Pedagogo dá aulas e, pela experiência que adquire, habilita-se a torna-se auxiliar de diretora e depois diretora. (quadro 59)

Parece que não tem muito claro o que faz um Pedagogo, mas esta seria uma dedução apressada. Ela expressa a mesma confusão que hoje domina os cursos oferecidos nas instituições de nível superior. Algumas transformaram a Faculdade de Pedagogia em cursos de formação de professores de ensino fundamental. Outras mantêm a proposta de formar especialistas em educação.

Olga, como quase todos os sujeitos do grupo, pretende "fazer um trabalho social". Um trabalho que ajude os mais necessitados, um trabalho que interfira para que a sociedade se torne melhor. Para ela, Pedagogia é uma profissão que lhe trará esta possibilidade.

Na nossa dissertação de mestrado com jovens de classe médias, esta preocupação não aparecia. Nela concluíamos que o"... que chama a atenção, ..., é a expressão, na quase totalidade dos casos, de valores de ordem individual. Ao que parece, os sujeitos não conseguem incluir, em seus projetos de vida, valores de ordem social, isto é, aqueles que poderiam demonstrar alguma preocupação com a sociedade como um todo. Sequer há correlação entre a profissão escolhida e a contribuição social que ela seguramente há de conter". (Bock, 2001,p.128)

Qual o sentido que Olga atribui à escolha profissional, quando diz que se não fizesse Pedagogia faria Nutrição? Em primeiro lugar, diríamos que a "cara" não muda, apesar das atividades dos dois profissionais serem diferentes. As duas mantém a idéia de desenvolver um trabalho social, apesar de uma estar incluída na área da saúde e outra, na educação.

quadro 60 - **a escola/o vestibular/o cursinho**
Se eu não tenho uma base educacional de acordo com o que é pedido, não conseguirei passar por mais que tenha força de vontade. Como estou me sentindo mais um número nas estatísticas da aluna que veio da escola pública e tenta mais uma vez e não consegue.
Que nossas autoridades disponibilizem mais cotas e vagas nas universidades públicas.

Olga percebe que a qualidade da escola pública que freqüentou não a preparou para o vestibular, o que lhe traz sentimentos de impotência frente ao desafio de ultrapassá-lo. A saída que visualiza, responsabiliza o governo pela solução do problema, que só resolve a questão do acesso ao ensino superior. (quadro 60)

Olga não faz nenhuma menção a respeito das questões relacionadas às dificuldades ou não de conseguir acompanhar o curso.

quadro 61 - **a família/amigos**
tenho medo de perder minha mãe.
medo de ficar sem amigos.

A família e os amigos são, para Olga, os elementos de identificação e suporte. (quadro 61)

quadro 62 - **Sobre as opções profissionais de Olga, da situação de entrada ao final do programa**							
Opção vestibular 2007	**profissões citadas na 1a. Sessão**	**Ficha pessoal**	**Profissões que atraem após o término da classificação das profissão**	**prepar.tribunal**	**Tribunal**	**conclusão**	**Declaração**
Pedago-gia	pedagogia, nutrição	Profes-sora	Arqueologia, Arquiteta, Artes Plásticas, Assistente Social, Astrônoma, Ciências Sociais, Dança, Decorador, Engenheiro Engenheira Sanitária, Fisioterapeuta, Fotógrafa, Gastronomia, Geografia, Letras, Lingüística, Museologia, Música, Naturologia, Nutrição, Oceanografia, Pedagogia, Produção Cultural, Relações internacionais, Terapia Ocupacional, Turismo	nutrição; pedagogia;biologia museologia, a. social	Peda-regogia	Peda-gogia	Peda-gogia

Olga menciona a profissão de Pedagoga em todas as etapas do programa de orientação profissional. Anteriormente, já havia prestado vestibular para o mesmo curso. (quadro 62)

Num momento do programa, Olga amplia significativamente seu leque de profissões que a atraem. Informa-se sobre todas elas em sessões subseqüentes do programa, para logo em seguida reduzir novamente, voltando a reafirmar a profissão de Pedagoga como a profissão que pretende seguir.

quadro 63 - **a caminhada**
[Fiz os seguintes cursos] eventos e Buffet; higiene de alimentos;operador de telemarketing; informática; recepção e telefonia.
Fiquei em dúvida entre letras, história, geografia porque é uma área que mexe com o público e com antiguidade e com efeitos da natureza.
Com o passar do tempo, surgiram várias dúvidas em relação à escolha profissional. Pensei em fazer Letras, História e Geografia, enfim, comecei a fazer um curso de Nutrição onde deveria fazer trabalho voluntário e acabei indo até uma creche, onde aprendi a conviver com as crianças e os professores, aprendendo a lidar com eles. Fui me aprofundando cada vez mais sobre a carreira e como profissional lida com isso.
[vocação] - Com o tempo, vai adquirindo experiência ao longo da trajetória da vida até chegar a escolher uma profissão.
Com o passar do tempo, as empresas foram modificando, com isso procuravam mão- de- obra qualificada,com isso começou a gerar o desemprego com a mecanização, seus funcionário trocado por máquinas. O filme Ilhas das Flores mostra bem isso a pobreza, miséria falta de saneamento básico. Com isso mostra a realidade de algumas regiões do nosso país. Com isso acaba gerando a desigualdade de classes, uns com tanta riquezas e outro que recebem ajuda do governo e acabam virando alvo de piada da mídia.

Olga se mostra uma batalhadora. Já fez uma série de cursos de formação rápida, mas até agora não se profissionalizou em nenhum deles. Diz que se aproximou da Pedagogia a partir de um estágio que fez num curso de Nutrição, que na verdade, como ela própria revela, era de higiene de alimentos (quadro 63). Declara que se interessou em participar do programa de orientação profissional para tentar achar o caminho que deveria seguir.Chama a atenção, no entanto, a grande certeza que Olga tem em relação à escolha de sua profissão. O curso de Pedagogia em nenhum momento foi questionado. Isso acontece com quase todos os sujeitos do grupo pesquisado.

Em síntese, na busca do sentido...

Olga escolhe, e faz isso porque adquiriu a condição, por ter terminado o ensino médio. A escolha não aparece como obrigação, como nos jovens de classe média, que estudam para prestar vestibular e alcançar uma formação universitária. É uma decorrência. Se conseguir, será um "plus". A vida não depende disso para ser vivida. A profissão que pleiteia não é uma das mais valorizadas na sociedade, assim como quase todas as escolhas dos demais sujeitos desta pesquisa.

A ocasião da escolha não é vivida com muita angústia e ansiedade. O curso universitário será mais um que irá fazer, pode ou não se profissionalizar nele. A família não constitui elemento de pressão, nem no que se refere a escolha, nem no que se refere à necessidade de ser aprovada no vestibular.

Olga escolhe o curso de Pedagogia. Poderá trabalhar com crianças e quem sabe um dia será coordenadora ou até diretora. Aparenta conhecer a profissão e até as indefinições que acompanham, nos dias de hoje, o perfil desse curso que flutua entre a formação do especialista em educação e professor do primeiro ciclo do ensino fundamental.

As condições sociais são percebidas de duas formas. Uma, que dificulta seu caminhar profissional. A escola de baixa qualidade que freqüentou, o vestibular altamente seletivo de um lado, e de outro, como espaço de intervenção profissional no sentido de agir para tentar ajudar.

Em alguns momentos, manifesta indignação frente à realidade em que vive, como no caso da conversa sobre a miséria que existe no país e da discriminação social, racial. Mas a realidade é vista como dada, perene e natural. Como essas condições são vividas e observadas pelo sujeito de forma individualizada, a decorrência é o desânimo que Olga diz ter que lutar para superar.

Como solução, Olga aponta duas possibilidades. Uma, responsabiliza as autoridades para a superação dos problemas como, por exemplo, ampliar vagas nas universidades públicas e o incremento das políticas de inclusão afirmativas. A outra vai na direção de auto -responsabilizar-se pela superação das dificuldades que encontra na sua vida. São as benesses governamentais e ação individual que movem sua visão de mundo no que se refere às possibilidades de superação. A discussão e a mobilização

política não aparecem como alternativas, o que esclarece as sensações de desânimo e desmotivação em que vive. Nesse sentido, as dificuldades a serem enfrentadas são enormes e ideologicamente são tomadas como problemas de ordem individual.

Olga não espera muito em relação ao futuro. Quer ter uma vida apenas um pouco mais fácil do que já levou, ou de que seus amigos e familiares levaram. Não ambiciona nem grande riqueza, nem grande prestígio.

Como já dito, Olga percebe no mundo dois tipos de pessoa. Aquelas que "conseguem" e aquelas que não conseguem. As pessoas que conseguem são aquelas que lutam para sobreviver de forma digna, criando seus filhos, conseguindo dar estudo para eles apesar de todas as dificuldades e terminando um curso superior com muita luta.Seu medo é não conseguir essas coisas. Tem medo de perder sua família e os amigos exatamente onde localiza as pessoas com quem se identifica. Ao que parece, Olga coloca para si pequenos objetivos que demonstram para ela se está "conseguindo" ou não. Já conseguiu terminar o ensino médio, o que já é uma conquista. Agora, outros objetivos são colocados – entrar numa universidade, por exemplo.

Olga sente-se despreparada para encarar este desafio, sua formação obtida no ensino médio não lhe dá condições de conseguir uma vaga no ensino universitário público. Sua condição sócio-econômica também dificulta este acesso, segundo sua própria percepção. Tem introjetada a ideologia liberal de uma forma significativa. Só ela é responsável por "conseguir" além de ações focais de superação de gargalos que o Estado pode fornecer.

Olga escolhe? Sim, não a escolha defendida pela ideologia dominante presente na maioria das teorias em Orientação Profissional: a escolha isenta das influências sociais e econômicas, que busca a verdadeira vocação, mas uma escolha circunstanciada como, acreditamos, todas são. Há um projeto, logicamente contraditório, e como todos, multideterminados.

Síntese

Os sujeitos iniciam o Programa de Orientação Profissional apresentando pouquíssimas dúvidas em relação às suas escolhas profissionais, quando perguntados como se encontram diante dessa escolha. A princípio, essa situação não motivaria a procura de um trabalho de orientação, uma vez que a sociedade considera que estes serviços devem ser usados quando a pessoa não consegue decidir-se. Entretanto, a verbalização inicial não indica necessariamente que os sujeitos estão plenamente convencidos de suas decisões; a maioria deles diz que veio participar do processo para alcançar maior certeza.

Nossos dados permitiram concluir que a escolha profissional não é motivo de grande ansiedade ou angústia para esses jovens, tanto é que os já chegam ao programa de orientação profissional indicando a profissão que pretendem seguir e, praticamente, não mudam suas preferências no final do trabalho. O que mobiliza mais a atenção

desses jovens é o ingresso nas faculdades. O fato de passar no vestibular e conseguir terminar o curso são fatos importantes em si, e o Programa de Orientação Profissional apareceu para eles como uma oportunidade de acesso ao que chamamos aqui de "cultura das profissões universitárias", envolvendo conhecimento das regras do vestibular e de acesso à universidade, da postura de estudantes universitários e da linguagem e conceito desse universo.

As atividades iniciais de informação profissional trazem para o sujeito um número enorme de possibilidades profissionais diferentes para conhecer. Os sujeitos debruçam-se sobre as novas profissões, procuram maiores informações, mas nos próximos momentos do programa voltam a só considerar as profissões iniciais. De fato, quando o programa termina, todos eles apontam como possibilidade umas das profissões em que já vinham pensando antes do início do programa de orientação profissional.

Esse dado não é novo. Existem pesquisas (Ferretti, 2008) que, já há muito tempo, explicam a pouca eficiência de trabalhos de informação profissional para a mudança de atitudes, comportamentos e escolhas profissionais dos sujeitos submetidos a eles. Mesmo em nossa pesquisa de dissertação de mestrado com população de classe média, o mesmo ocorreu. Mas na nossa compreensão, o objetivo de uma intervenção em Orientação Profissional não deve se propor a mudar as escolhas iniciais ou as possibilidades já consideradas pelos sujeitos, como já concluíamos em nossa dissertação de mestrado.

Gostamos de pensar que o Programa de Orientação Profissional permitiu aos jovens apropriação de informações novas sobre o que conheciam e possibilitou a construção de uma "cara" mais diversa e rica para a profissão desejada ou planejada. Diríamos que a exposição a informações por meio da simples leitura não tem como propiciar a construção de "caras", principalmente de profissões totalmente desconhecidas, suficientemente fortes para se sobreporem a imagens que os jovens já têm a respeito das profissões que consideram construídas ao longo de muito tempo.

As construção da "cara" está na ordem do conhecimento e também do afeto. A cara a que nos referimos é o sentido que o sujeito constitui a respeito de cada profissão. A função da informação profissional é propiciar ao sujeito a comparação do sentido que a profissão tem para ele com outros significados expressos em textos, vídeos, filmes, ou até mesmo via contatos pessoais que podem alterar ou dar mais consistência à imagem que o sujeito tem da profissão. A informação profissional deve lhe propiciar a percepção de que a profissão que ele considera se concretiza de formas diferentes na realidade.

Os dados de que dispomos, possibilitam-nos afirmar que os sujeitos conhecem, na condição que o momento de vida do jovem permite, as profissões que estão escolhendo. Abordam, na maioria dos casos, adequadamente, as atividades, o mercado de trabalho e salários, além de demonstrarem conhecimento das instituições de formação, bem como os requisitos de acesso. A participação no programa de orientação profissional fortalece a escolha, ajudando o jovem a construir imagens mais

diversificadas a respeito das profissões, além da apropriação da "cultura das profissões universitárias".

Os sujeitos apontam valores absolutos quando discriminam os salários percebidos pelos profissionais que estão na lista de sua escolha, apesar do questionamento da informação promovida pelo orientador/pesquisador do grupo que apontou a precariedade e pouca confiabilidade dos valores divulgados. Esses salários, em todos os casos, são maiores do que os jovens dizem que são recebidos por sua família, o que talvez indique que seriam considerados ótimos, diferente do que acontece como os jovens de classe média, que os consideram desestimuladores.

Os sujeitos, diferentemente de seus pares de classe média, não escolhem as profissões que estão na moda ou as profissões ditas tradicionais. Ao contrário, consideram profissões que, atualmente, sofrem baixo prestígio quando se verifica a ordem das carreiras com maior número de inscritos nos grandes vestibulares do país.

Seria uma atitude de submissão ou uma atitude introjetada de servidão o não almejar carreiras universitárias mais valorizadas na sociedade?

Achamos que tal explicação está presente, mas não responde à questão em sua totalidade. Para os jovens, as profissões que escolhem já indicam um salto nas condições que eles vivem. Já apontamos a questão do salário percebido pelos trabalhadores das profissões que escolhem, considerado bastante razoável pelos sujeitos da pesquisa. Além disso, sentem-se vitoriosos porque conseguiram terminar o ensino médio, coisa que seus pais não conquistaram. Talvez, como medida de zelo, colocam-se pequenos, mas possíveis, objetivos, o que se lhes parece mais apropriado. Talvez se possa falar em pretensões escalonadas em níveis de gradação subseqüentes. Como defesa, não pensam muito para a frente, como se dissessem que é perigoso avançar tanto. Lembremos que Olga vive a "angústia" de não conseguir, apesar de já ter progredido bastante, quando comparada à trajetória de seus familiares.

Usando a terminologia adotada por um dos sujeitos da pesquisa, o fato de passar em um curso universitário e terminá-lo, seria uma prova de que "conseguiu". Emblematicamente, este verbo tem grande significação. A vida é uma constante entre conseguir e não conseguir. Os sujeitos não declaram grandes ambições. Querem "conseguir" como seus pais, familiares e amigos "conseguiram", dando um passo à frente.

Conseguir educar e manter os filhos, além de manter a casa e com muita batalha, apesar de todas as dificuldades, são os aspectos que esses jovens mais valorizam nas pessoas com quem se relacionam. E se perguntam se também irão conseguir. A resposta que dão a essa questão é dirigida para o seu empenho e esforço pessoal. Em alguns casos, sentem-se desmotivados para enfrentar a batalha, porque percebem que os obstáculos são grandes e cada vez maiores.

O mundo social é percebido como altamente exigente. Assimila o discurso neoliberal de que seu futuro depende apenas dele mesmo e naturaliza as condições

sócio-econômicas. As condições estão dadas, as regras são claras, e o que resta é jogar o jogo conforme o estabelecido. Por exemplo, o vestibular está aí para todos. Os jovens sabem, porque todos eles já prestaram vestibular no ano anterior, que têm poucas chances de aprovação, remetendo à baixa qualidade da escola que freqüentaram como os motivos de não conseguirem bom resultado. Mas eles acreditam que a freqüência em cursinhos pré-vestibulares suprirá os conhecimentos que não adquiriram no ensino regular.

As profissões escolhidas, de quase todos os sujeitos, estão voltadas para atividades que têm o ser humano como objeto de seu trabalho. Apenas um se aproxima da profissão cujo objeto é uma máquina. A vontade de ajudar aparece como explicação. Esta ajuda se dá em dois sentidos: um na direção da saúde e outro, na direção da educação. A percepção do outro está presente em seus nos projetos. A escolha profissional universitária não é algo apenas para si, como diz Olga, nosso exemplo na busca do sentido da escolha profissional, seu desejo, é fazer um trabalho social.

Na nossa prática com jovens de classe média, o discurso quase sempre é diferente. Quando se referem à ajuda que querem prestar aos mais necessitados, dizem que pretendem acumular, primeiramente, melhores condições para si, para depois realizar ações benemerentes.

Os motivos da escolha profissional dos sujeitos da presente pesquisa transitam entre razões de ordem pessoal (gosto, me sentirei bem fazendo, tenho condições de aprender), socioeconômica, acreditam que as profissões pretendidas lhes trarão melhores condições de vida, seguidos da possibilidade de ajudar o outro.

Os sujeitos não exerciam atividades remuneradas no momento da pesquisa, mas indicavam que precisam buscar trabalho, que, pelo que pudemos inferir, não seria um fim em si mesmo. Esse trabalho é que viabilizaria a formação profissional de nível superior.

Os sujeitos localizam duas dificuldades principais na possibilidade de atingir a meta de aprovação num concurso vestibular e a freqüência a cursos universitários: a baixa qualidade da formação escolar que obtiveram, principalmente no ensino médio, e sua falta pessoal de empenho para enfrentar o exame. O vestibular, tomado como seleção absolutamente normal, não é considerado como algo que pode ser mudado. É percebido como instrumento que beneficia os mais instruídos, aqueles oriundos de escolas de ensino médio privadas, ou os que podem pagar cursinhos.

Esta baixa qualidade de sua formação educacional também é tomada como algo natural. Imaginam que, por ser um serviço público, a baixa qualidade é inerente, porque é oferecida pelo Estado e não têm outra opção. Os sujeitos aceitam quase que passivamente a péssima educação obtida, justificando que, por serem pobres, estariam obrigados a se submeter a serviços públicos. A idéia de que os serviços prestados pelo Estado são quase sempre de baixa qualidade é vendida pelos meios de comunicação, aderidos que são às concepções neoliberais de gestão do Estado, que os divulgam como

incapazes e incompetentes para gerir qualquer tipo de negócio. Alguns jovens clamam pelo incremento de políticas de ação afirmativa que facilitariam o acesso de pessoas das classes pobres ao ensino superior.

Os jovens se sentem humilhados por essa situação. Apresentam um sentimento de inferioridade em relação a seus pares de classes sociais mais privilegiadas. O problema da formação educacional que não lhes permite igualdade de condições frente ao vestibular é vivido como uma questão de ordem pessoal. Como o jovem percebe que é um obstáculo quase intransponível, acredita e solicita ao governo que incremente os programas de ação afirmativa de acesso de populações pobres e negras no nível superior.

Ser aprovado numa faculdade seria a meta de nossos sujeitos. O que importa é que ela seja gratuita. Tanto faz se a vaga for numa universidade pública ou privada. Nossos sujeitos não discutem a qualidade da formação que as instituições oferecem.

A questão de gênero não os mobiliza. Não dão importância para as diferenças encontradas na sociedade em relação aos papéis que homens e mulheres desempenham. A bem da verdade, quase nenhum sujeito reputa motivos fisiológicos para explicar as diferenças e, nesse sentido, acreditamos que o discurso feminista foi vitorioso nessa bandeira. Entretanto, dizem que as diversidades podem ser explicadas pelas vivências do sujeito, que acabam incorporadas e que vão apontando naturalmente seus interesses e habilidades. Acreditam que suas escolhas profissionais não estão marcadas por esse determinante, e apesar da pequena crítica, continuam naturalizando o fenômeno.

Um tema bastante polêmico e com posições divididas no grupo foi a questão que discutiu a temática da vocação, o nascer com tendências que apontam para determinadas profissões. Metade dos sujeitos consideram que os indivíduos nascem com dons, que serão ou não desenvolvidos no transcorrer da vida. A outra metade considera que todas as pessoas nascem com as mesmas condições e que as diferenças individuais seriam conquistadas igualmente, no decorrer da vida. Mas ambas as posições estão revestidas de movimentos que tendem à naturalização. Não há discussão a respeito da gênese das habilidades e interesses e não são discutidos os aspectos sociais e históricos envolvidos nesta gênese. Os sujeitos absolutizam as possibilidades dos seres humanos ao afirmarem que todos "nascem com" ou afirmando que "surgem" no decorrer da vida. Não há justificativas fundamentadas nem de uma posição, nem da outra.

A terminologia relacionada ao vestibular ainda não faz parte do universo de nossos sujeitos, que só agora tomam contato com a temática. Pelo que nos contaram, o assunto escolha profissional, formação universitária e vestibular não estavam presentes nas conversas no tempo em que estavam cursando o ensino médio. Como exemplo, podemos dizer que a divisão do conhecimento pelas áreas (humanas, biológicas e exatas) não fazem o menor sentido para os sujeitos pesquisados. Outros temas relacionados como concorrência, relação candidato versus vaga, nota de corte, primeiras e segundas chamadas também são desconhecidas por eles. Mesmo as regras e

sistemáticas do programa Prouni são relativamente desconhecidas. Os jovens, talvez pela novidade de poderem efetivamente almejar uma formação de nível superior, não vivem ou conhecem a cultura que envolve a formação universitária e as possibilidades de acesso a ela.

Os jovens de nossa pesquisa buscam a felicidade. Para eles, esse atributo é um sentimento pessoal que também representa a busca de um lugar social. O desejo da melhoria de vida está expresso nos bens materiais que pretendem obter.

Como valores, imaginam que uma vida feliz é aquela vivida sem responsabilidades. O sucesso significa subir na vida. O companheirismo torna uma pessoa admirável, a bondade e a sinceridade indicam pessoas bonitas. A realização pessoal profissional pressupõe formação universitária, conquistas na profissão e esforço pessoal. Os sujeitos conferem prestígio às pessoas que lhes dêem atenção. O sorriso é o indicador de felicidade. Batalhar está relacionado à luta incessante pela sobrevivência e para suprir as necessidades da família. Pessoas legais são aquelas que são engraçadas, bem-humoradas, divertidas, que não deixam transparecer a todo momento seus problemas e dificuldades.

A escolha profissional não é necessariamente entendida como pré-requisito para a conquista dessa felicidade como o é para as classes sociais mais privilegiadas, mas ajuda.

Os sujeitos têm uma percepção positiva de si. São batalhadores, procuram conseguir superar as dificuldades. Se percebem no caminho disso, por já terem conseguido ultrapassar algumas barreiras, como a conclusão dos estudos de nível médio.

Como já afirmado, o jovem chega ao programa com uma escolha profissional praticamente feita. Como se pode entender tal situação quando se sabe que hoje existem à disposição mais do que 150 possibilidades diferentes, entre bacharelados, licenciaturas e cursos de formação de tecnólogos ?

A hipótese que fazemos para explicar tal fato reside na pequena amplitude de vivência social que usufruem. Professores, músicos, enfermeiros e até nutricionistas são profissões que circulam em seu meio desde crianças, permitindo até contatos pessoais, dando-lhes possibilidade de identificarem-se ou não com elas. Quase todas as outras profissões universitárias estariam muito distantes desse grupo de pessoas. A escola não cumpre o papel de aumentar os contatos para permitir a construção de caras mais significativas de outras profissões. A família desse nosso sujeito, pela sua própria condição social e econômica, não tem condições de propiciar contatos diferenciados com pessoas de formação universitária, como fazem as classes médias com seu filhos.

Programas de orientação profissional não têm como propiciar contatos para construir imagens que possibilitem ao jovem se identificar com elas (ou não). O problema não é da orientação profissional, a questão se localiza no seu processo de

socialização. Envolve a família, a escola e os meios de comunicação. Consideramos que as ações afirmativas e de incentivo à busca de uma formação de nível universitário tem condições de alterar essa condição, propiciando o alargamento cultural de vivência destes jovens.

Cabe, antes de finalizarmos esta síntese, trazermos como complemento as informações prestadas pela ONG parceira deste trabalho, sobre a situação dos sujeitos participantes na pesquisa no final de 2007.

1. Paulo

Passou no vestibular 2008 da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec) – unidade Bom Retiro – para o curso de Materiais e Processos de Componentes Eletrônicos.

Passou no vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Pinheiros) para o curso de Eletrônica. Estava cursando, até passar na Fatec. Prestou Fuvest 2008 para geografia (passou na 1ª fase e não prestou a segunda).

2. Francisco

Passou no vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Pinheiros), para o curso de Eletrônica. Está cursando.

Prestou vestibular 2008 da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec) – unidade Bom Retiro – para o curso de Materiais e Processos de Componentes Eletrônicos, para Ciência da Computação Unicamp 2008 e Sistemas da Informação Fuvest 2008 (USP Leste) - **não passou**.

3. Débora

Prestou vestibular para psicologia na Fuvest 2008 (**não passou**) e Unesp 2008 **(não passou)**.

4. José

Passou no vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Pinheiros), para o curso de Eletrônica. Está cursando.

Prestou vestibular 2008 da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (Fatec) – unidade Bom Retiro – para o curso de Materiais e Processos de Componentes Eletrônicos, para Ciências da Atividade Física (USP Leste) e Educação Física Unesp (**não passou**).

5. Cristina

Arranjou emprego em telemarketing e saiu do programa.

6. Olga

Prestou vestibular para pedagogia na Fuvest 2008 **(não passou)**, Unesp interior **(não passou)**, Ufscar **(não passou) e** Unicamp **(não passou)**. Arranjou emprego de agente comunitária no Cedeca Interlagos por indicação da Bem Comum. Conseguiu bolsa de 50% via Educafro na Faculdade Sumaré, curso de pedagogia, mas não tinha como pagar os outros 50%. Está somente trabalhando.

7. Mariana

Prestou vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Ipiranga), para o curso de Nutrição (**não passou**). Prestou vestibular Fuvest 2008 para Ciência dos Alimentos (Piracicaba) e **não passou**.

8. Carmem

Arranjou emprego em loja do shopping Iguatemi, saiu do Programa (porque trabalhava também aos sábados) e passou no vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Ipiranga) para o curso de Nutrição. Está cursando.

9. Patrícia

Passou no vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Ipiranga) para o curso de Nutrição. Está cursando.

Prestou vestibular para enfermagem Ufscar 2008, engenharia de alimentos na Unicamp 2008 e Fuvest 2008 para Ciência dos Alimentos (Piracicaba) **- não passou.**

10. Antonio

Prestou vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Zona Sul) para o curso de Eletrônica. **Não passou**. Queria ter prestado música, mas achava não ter habilidade suficiente em instrumento (violão).

11. Miriam

Arranjou emprego em telemarketing e saiu do programa.

12. Renata

Prestou vestibulinho do segundo semestre de 2007 da Escola Técnica Estadual de São Paulo (ETE – Unidade Pinheiros) para o curso de administração. **Não passou**. Prestou Fuvest 2008 para pedagogia e não passou.

Considerações finais

Antes de finalizarmos nosso trabalho, cabe retomarmos algumas preocupações que originaram essa investigação.

A primeira delas diz respeito à natureza da escolha profissional da população de baixa renda. É pertinente indagar se estes jovens, de fato, realizam um movimento de escolha profissional?

Uma segunda questão diz respeito ao que nossa pesquisa permitiu concluir sobre a importância e adequação de um projeto de orientação profissional para a camada de baixa renda da população. O que deve ser alterado nos programas como o que utilizamos com essa população?

Por fim, cabe refletir sobre as contribuições que nosso trabalho traz para elaboração e sugestão de políticas públicas, no que se refere a procedimentos e intervenções nas grandes áreas da profissionalização, na temática da relação educação e trabalho e na orientação profissional.

Retomando e procurando esclarecer o que consideramos a superação da idéia de que o indivíduo escolhe e não escolhe ao mesmo tempo sua profissão, podemos concluir que, ao formularmos essa primeira idéia, buscávamos dar conta de resgatar a importância do sujeito que escolhe (o sujeito escolhe), sem negar as condições sociais que são importantes determinantes das escolhas (o sujeito não escolhe). Percebíamos que, nessa concepção, a dicotomia entre sujeito e sociedade, objetividade e subjetividade estava mantida. A superação foi permitida pelas noções de subjetividade social, significado e sentido subjetivo. O sujeito escolhe, e essa escolha é um momento de seu processo pessoal de construção de sentidos. Mas essa construção utiliza como recurso ou matéria prima não só a irredutível existência singular dos sujeitos, suas experiências e os afetos que dedica a cada momento vivido, mas o conjunto de significações e de formas de relacionamento e produção social em que acontecem e que circunscrevem as experiências por ele vividas. A vida social, na qual estão os determinantes importantes das escolhas profissionais, como a ideologia dominante, as formas de trabalho, o funcionamento do mercado, o papel da educação, os valores, os grupos de pertencimento, não é algo externo ao indivíduo. Ao construir sentidos subjetivos sobre a escolha ou sobre o futuro profissional, o sujeito estará também, e ao mesmo tempo, internalizando a vida social e contribuindo para a construção da subjetividade, que é coletiva. Sujeito e sociedade são âmbitos de um mesmo processo. O sujeito escolhe e, para compreender o seu processo de escolha, é preciso estudar seu movimento pessoal (seus sentidos) e o conjunto de significações e condições objetivas e sociais onde está inserido.

Os jovens escolhem profissões que não são consideradas as mais prestigiadas nos tempos atuais. Não creditamos o fato à percepção de maior dificuldade de ingresso nesses cursos, pois é pequeno o conhecimento que os detêm a respeito da cultura do vestibular. Talvez se deva atribuir ao distanciamento social que têm em relação a essas

carreiras, e ao fato de que escolhem dentre as profissões que estão em seu universo vivencial. Pelo que percebemos, os jovens pretendem, com a profissão, melhorar de vida fazendo o que gostam, mas também intervindo para melhorar o mundo, ou pelo menos, as condições das pessoas, e entendem que as profissões que conhecem permitem a realização desse projeto.

Os projetos que esses jovens esboçam são de curto prazo. A conquista deles se dá de forma paulatina, com idas e vindas. Como diz uma jovem, "um dia vou conseguir passar no vestibular". Na fala, não aparece ansiedade. O projeto de um curso superior constitui uma possibilidade, mas não ameaça a continuidade de sua vida como a classe média acredita acontecer.

Compreendemos que estamos lidando com um fato bastante novo na nossa realidade. O acesso ao nível superior de classes de baixa renda ainda tem que ser muito pesquisado. As conseqüências que tal fato trará na vida destas pessoas ainda precisam ser conhecidas. Trará efetivamente mobilidade social ascendente? Terá condições de quebrar o circulo vicioso de que a pobreza não permite a ampliação de horizontes e a estreiteza de horizontes não permite a superação da pobreza?

As questões são muitas, mas, sem dúvida, sabemos que a luta contra a desigualdade social exige que enfrentemos todos esses aspectos e questões. O fim da desigualdade não é uma mágica, mas um processo que envolverá todos e exigirá dos educadores um compromisso e respeito às características e à cultura que a população pobre trará para a orientação profissional e para a educação como um todo, exigindo que os educadores estejam preparados e capacitados para produzir a superação das restrições que a pobreza produziu.

Quanto à segunda questão, podemos concluir que a orientação profissional ainda tem muito que aprender para lidar com esse público. Os modelos existentes de classe média são os únicos existentes e não servem na totalidade para esses jovens. È interessante ressaltar, antes de buscar a resposta à questão, que os jovens de nossa pesquisa avaliaram muito positivamente o trabalho de orientação profissional que vivenciaram (ver anexo 2). Consideraram o programa muito proveitoso, seu conteúdo adequado, atribuíram nota máxima à metodologia empregada, aos recursos utilizados, às condições da sala e ao desempenho do orientador. Todos os assuntos abordados foram considerados importantes, destacando-se as informações profissionais, a liberdade de escolha, o autoconhecimento e as tendências atuais do mercado de trabalho.

Em uma primeira aproximação de resposta, poderíamos dizer que esse serviço de Orientação Profissional serve muito pouco para esses jovens, na medida que não atribuem grande importância à decisão específica da profissão a seguir. Nossos dados demonstraram que eles se consideram vitoriosos por “chegarem aonde chegaram”, ou seja, terem terminado o ensino médio, diferenciando-se do “destino” de seu grupo social. Esse sentimento faz com que tomem as especificidades de cada profissão como aspecto secundário a ser enfrentado. O programa de O.P tem como uma de suas finalidades trazer informações ao jovem que permitam exatamente a diferenciação dos

trabalhos e, portanto, das profissões. No entanto, essa resposta nos parece precipitada e superficial.

Esses jovens estão, realmente, distantes da "cultura das profissões universitárias". Não convivem com profissionais de formação superior e não têm, em seu grupo social, muitos exemplos e questões relativas a essa formação. O programa de Orientação Profissional os aproxima dessa cultura e lhes possibilita a reflexão sobre os vários determinantes envolvidos na decisão. Esses jovens estarão na Universidade e carecem da apropriação dessa cultura. Nesse sentido, é fundamental que os programas de Orientação Profissional para a camada de baixa renda sejam capazes de inserir os jovens na linguagem, nas preocupações, nas informações do que chamamos aqui de "cultura das profissões universitárias". Preferimos que nossa resposta a essa questão tome esse aspecto como um direito.

Um aspecto merece destaque: o programa se desenvolveu em 30 horas de trabalho e, talvez, seja um tempo curto para essa apropriação. Seria, assim, mais interessante que a orientação profissional estivesse inserida, preferencialmente, na grade escolar do ensino médio nas escolas públicas. A impressão de que trinta horas são um tempo pequeno se evidencia também na qualidade das sínteses realizadas pelos jovens. São sínteses pobres em termos de elementos que, a nosso ver, são tomados, por nós, como critérios de avaliação do programa. Nosso objetivo é qualificar a escolha do jovem e isso se dá pelo enriquecimento de aspectos considerados para a escolha. É nas sínteses que avaliamos essa questão. No grupo de pesquisa, consideramos as sínteses pobres e atribuímos à falta de repertório dos jovens. A Orientação Profissional, inserida na grade ou em qualquer espaço sistemático da escola média, poderia resolver essa questão, na medida que se teria mais tempo para apropriação da "cultura das profissões universitárias".

Outro elemento importante para a construção da resposta à nossa segunda questão diz respeito à nossa metodologia de pesquisa. Nossas informações para construção dos dados foram obtidas por meio das anotações de nossos sujeitos. Ficou evidente a dificuldade de expressão por meio da escrita desses jovens. Têm dificuldade de expressar seu pensamento por escrito. Assim, nosso instrumento não considerou esse aspecto e pode ser aqui motivo de questionamento e relativização de nossas conclusões finais. Deixamos como indicação a sugestão de se realizar pesquisas com instrumentos variados que não contem apenas com a expressão escrita como fonte de dados: entrevistas e registro das falas durante o grupo poderiam ter enriquecido nosso trabalho. No entanto, acreditamos que o registro escrito pelos sujeitos é fundamental para auxiliar o jovem a organizar e objetivar seu pensamento em um processo de Orientação Profissional. As dificuldades de expressão desses jovens é uma questão social e educacional que merece atenção da sociedade e, nesse sentido, deve-se buscar soluções que estão em outro âmbito.

Por fim, quanto às políticas públicas, o trabalho permitiu a clareza e a certeza de que a Orientação Profissional deve ser programa incluído no processo escolar, pelo menos no ensino médio. Nossa sociedade não pode continuar a acreditar (crença

expressa em suas práticas) que o trabalho/ profissão de populações de baixa renda não deva ser objeto de escolha e, portanto, de reflexão sobre ela. A divisão trabalho manual e trabalho intelectual, historicamente produziu a desvalorização do trabalho das camadas pobres e, no âmbito da educação e da orientação profissional, a preocupação com os serviços para essa camada social foi, por muito tempo, desvalorizada, não tendo se tornado objeto de pesquisa e de produção de conhecimento teórico-prático. O número reduzido de pesquisas que encontramos comprovou isso. Nossa disposição, produzida pela experiência da pesquisa, é de contribuir para a construção de políticas públicas no âmbito da educação, que possam disseminar a orientação profissional como uma condição educativa necessária à escolha de uma profissão e preparação da inserção do jovem no trabalho de uma forma crítica e consciente.

Referências Bibliográficas

ABREU-FILHO, Antonio Geraldo de. **Escolha Profissional: Consciente e/ou Inconsciente?** São Paulo: Vetor, 2006.

ACREDITAR - Bolsas de Estudos Disponível em: <http://www.bemcomum.org.br/bolsa.htm>. Acesso em: 12 jul. 2008.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. O Sentido Subjetivo Atribuído À Escolha Profissional: Um Estudo com Jovens de Camadas Populares. In: OZELLA, Sérgio. **Adolescências Construídas: A Visão da Psicologia Sócio Histórica.** São Paulo: Cortez, 2003. p. 253-276.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. 26, p.222-245, 2006. Trimestral.

ALFREDO, Raquel Antonio. **Aproximações Explicativas a Partir da Análise de Sentidos e Significados Constituídos em Espaços/Momentos/Situações de Escolha Na Escola.** 2006. (Mestrado) - Curso de Educação, Departamento de Psicologia da Educação, Puc-sp, São Paulo, 2006.

ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. In: **PÓS-NEOLIBERALISMO: as políticas sociais e o Estado democrático** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 09-23.

ANDRIANI, Ana Gabriela P.. O Significado Construído Por Jovens Negros Pertencentes a Camadas Populares Sobre a Escolha do Futuro Profissional. In: OZELLA, Sérgio. **Adolescências Construídas: A Visão da Psicologia Sócio Histórica.** São Paulo: Cortez, 2003. p. 223-253.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/Unicamp, 1995.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. A Era da Informatização e a Época da Informalização: Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil.** São Paulo: Boitempo, 2006. Cap. 1, p. 15-25.

BARROS, Delba Teixeira Rodrigues; LIMA, Maria Tavares; ESCALDA, Rosangela (Org.). **Escolha e Inserção Profissionais - Desafio para Indivíduos, Famílias e Instituições:** Orientação Profissional - Teoria e Técnica. São Paulo: Vetor, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Aventura do Barão de Münchhausen na psicologia.** São Paulo: Educ/Cortez, 1999.

BOCK, Ana Mercês Bahia; LIEBESNY, Brônia. Quem Eu Quero Ser Quando Crescer: Um Estudo Sobre o Projeto de Vida de Jovens em São Paulo. In: OZELLA, Sérgio. **Adolescências Construídas: A Visão da Psicologia Sócio Histórica.** São Paulo: Cortez, 2003. p. 203-223.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica.** 2001. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Fe, Unicamp, Campinas, 2001. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000218772>. Acesso em: 17 fev. 2008.

BOCK, Silvio Duarte. O Neoliberalismo, as Políticas Públicas e a Orientação Profissional. In: BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia e o Compromisso Social.** São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 20, p. 365-382.

BOCK, Silvio Duarte. Profissional: Vocação ou Sobrevivência? **Revista Transformação**: informativo da secretaria de mão-de-obra do Ministério do Trabalho, Brasília, n. 11, p.14-16, set. 1989. Ano 4.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica.** São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Vocacional: Teoria, Técnica e Ideologia.** São Paulo: Cortez, 1983.

CAFARDO, Renata. Cai o número de alunos da rede pública inscritos na Fuvest 2008: No segundo ano de Inclusp, eles são apenas 32,8% dos que farão a prova amanhã, menor índice desde 2002. **O Estado de São Paulo,** São Paulo, 24 nov. 2007. Disponível em: <http://www.nace.com.br/publicacoes.asp?id_prof=17&sec=8&id_pub=4395>. Acesso em: 21 maio 2008.

CARNOY, Martin; LEVIN, Henri M.. **Escola e Trabalho no Estado Capitalista.** São Paulo: Cortez, 1987.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização:** Questões para a Educação Hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Ideologia e Educação. **Revista Educação & Sociedade**, São Paulo, n. 5, p.24-40, jan. 1980. Ano Ii.

CUNHA, Luiz Antonio. **Política educacional no Brasil: a profissionalização no ensino médio.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

DARIANO, Daniela; BARROS, Maria Luisa. Procuram-se Cotistas: Universidades saem á caça de estudantes do Ensino Médio que se adaptem aos critérios do benefício. **O Dia**, Rio de Janeiro, 11 abr. 2008.

DRAIBE, Sônia Miriam. Uma Nova Institucionalidade das Políticas Sociais? Reflexões a propósito da experiência latino-americana recente de reformas dos programas sociais. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 4, n. 11, p.3-15, 1997.

EDUCAFRO. **Rede de Pré-Vestibulares Comunitários.** Disponível em: <-http://www.educafro.org.br/>. Acesso em: 23 jul. 2008.

EMMANUELE, Elsa S.; CAPPELLETTI, Andrés. **La Vocación - Arqueologia de un Mito.** Buenos Aires: Lugar Editorial, 2001.

FERRETTI, Celso João. **Uma nova proposta de orientação profissional.** São Paulo: Cortez/autores Associados, 1988a.

FERRETTI, Celso João. **Opção Trabalho: Trajetórias Ocupacionais de Trabalhadores das Classes Subalternas.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988b.

FERRETTI, Celso João. AVALIAÇÃO DE UM PROGRAMA DE INFORMAÇÃO ESCOLAR PROFISSIONAL. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo: FCC, no.11, 01/12/1974. Disponível em http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/217.pdf. Acessado em 28 de julho de 2008.

FESTA, Regina; SANTORO, Luiz Fernando. A terceira idade da TV: O local e o internacional. In: SADER, Emir. **Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 09-23.

FILOMENO, Karina. **Escolha Profissional: Uma Visão Sistêmica.** São Paulo: Vetor, 1997.

FRAIMAN, Leo. **Guia Prático do Amadurescente:** da Escola para a Vida Adulta - 100 dúvidas. Sem Indic: do Autor, s/d

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 1993

FUVEST – **Inscritos por Região e Relação Candidato/Vaga**. Disponível em <http://www.fuvest.br/scr/inscar.asp?anofuv=2007&xreg=TT>. Acessado em 27 jul. 2008

GARBULHO, Norma de Fatima; LUNARDELLI, Aline Frollini; SHUT, Tannie. Orientação Profissional: A Construção de Ca. In: LASSANCE, Maria Célia Pacheco et al. **Intervenção e Compromisso Social:** Orientação Profissional:Teoria e Técnica-volume 2. São Paulo: Vetor, 2005. p. 204-230.

GONÇALVES, Maria da Graça M.. O Método de Pesquisa Materialista Histórico e Dialético. In: ABRANTES, Angelo Antonio Silva; SILVA, Nilma Renildes Da; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. **Método Histórico-Social na Psicologia Social.** Petrópolis: Vozes, 2005.

GONÇALVES, Maria da Graça M.; BOCK, Ana Mercês B.. Indivíduo-Sociedade: Uma Relação Importante na Psicologia Social. In: **A Perspectiva Sócio-Histórica na Formação em Psicologia Petrópolis**: Vozes, 2003. Cap. 2, p. 41-99.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. Fundamentos Metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. **Psicologia Sócio-Histórica: Uma Perspectiva Crítica em Psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001. p. 113-127.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade: Uma Aproximação Histórico-Cultural.** São Paulo: Pioneira Thomsom, 2003.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **O social na psicologia e a psicologia no social.** Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: Os Processos de Construção da Informação.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUIA DO ESTUDANTE Vestibular 2008, São Paulo: Abril/2007

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra,1985

HELOANI, José Roberto. **Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado: História da Manipulação Psicológica no Mundo do Trabalho.** São Paulo: Atlas, 2003.

HOUAISS (Brasil). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=expectativa&stype=k>. Acesso em: 15 maio 2008.

KING, Desmond. O Estado e as Estruturas Sociais de Bem-estar em Democracias Industriais Avançada. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 22, 1988.

LARMAN, Craig. Utilizando UML e Padrões: Uma orientação à análise e ao projeto orientados a objetos e ao desenvolvimento iterativo. In: LASSANCE, Maria Célia et al. **Intervenção e Compromisso Social: Orientação Profissional: Teoria e Técnica v.2.** São Paulo: Vetor, 2005. p. 204-230.

LASSANCE, Maria Célia Pacheco et al. (Org.). **Intervenção e Compromisso Social: Orientação Profissional - Teoria e Técnica - v.2.** São Paulo: Vetor, 2005.

LEMOS, Caioá Geraiges de. **Adolescência e Escolha da Profissão no Mundo do Trabalho Atual.** São Paulo: Vetor, 2001.

LIMA, Karina de Oliveira; STRAZZIERI, Raquel. Projeto de Intervenção em Orientação Profissional realizado com Adolescentes Institucionalizados da cidade de Baurú - SP. In: BARROS, Delba T. R.; LIMA, Mariza T.. **Escolha e Inserção Profissionais - Indivíduos, Famílias e Instituições:** Orientação Profissional: Teoria e Técnica v.3. São Paulo: Vet, 2007. Cap. 10, p. 195-210.

LISBOA, Marilu Diez; SOARES, Dulce Helena P. (Org.). **Orientação Profissional em Ação - Formação e Prática de Orientadores.** São Paulo: Summus, 2000.

LUZ-FILHO, Silvio Serafim da. **Escolha Profissional: Projeto de Vida e de Carreira.** Canoas: Masai, 2002.

LÜDKE, Hermengarda Alves Ludke Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Epu, 1986.

MANFREDI, Silvia Maria. **Educação Profissional no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. **Vida e Profissão: Cartografando Trajetórias.** São Paulo: Summus, 2003.

MEC. **Instrução Normativa SRF nº 456, de 5 de outubro de 2004:** Dispõe sobre a isenção do imposto de renda e de contribuições aplicável às instituições que aderirem ao Programa Universidade para Todos. Disponível em: <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/inst_normativa.asp>. Acesso em: 20 fev. 2008.

MEC. **LEI No 11.096, DE 13 DE JANEIRO DE 2005:** Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm>. Acesso em: 20 fev. 2008.

MEC. **PROUNI - PROGRAMA.** Disponível em: <http://prouni-inscricao.mec.gov.br/prouni/Oprograma.shtm>. Acesso em: 20 fev. 2008.

MELO-SILVA, Lucy Leal et al. (Org.). **Arquitetura de Uma Ocupação: Orientação Profissional - Teoria e Prática v.1.** São Paulo: Vetor, 2003.

MOURA, Cynthia Borges de. **Orientação Profissional sob o Enfoque da Análise do Comportamento.** Campinas: Alinea, 2004.

NASCIMENTO, Carmem. **Seu Emprego no Futuro: Voce é Esperto, Ágil, flexível? Está Empregado!** São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **Escala de Maturidade para a Escolha Profissional (EMEP).** São Paulo: Vetor, 1999.

OLIVEIRA, Inalda Dubeux (Org.). **Construindo Caminhos, Experiências Técnicas em Orientação.** Recife: Ed. Universitária da Ufpe, 2000.

OLIVEIRA, Marta K.. Vygotsky e o Processo de Formação de Conceitos. In: LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências Construídas: A Visão da Psicologia Sócio-Histórica** São Paulo: Cortez, 2003.

PAIVA, Vanilda. Educação e Bem-Estar Social. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, n. 39, ago. 1991.

PIMENTA, Selma Garrido. **Orientação vocacional e decisão: estudo crítico da situação no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1979.

PISANDELLI, Gloria Maria Veríssimo Lopes. **A Teoria de Maslow, e Sua Relação com a Educação de Adultos.** Disponível em: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl45.htm>. Acesso em: 17 fev. 2008.

RASCOVAN, Sérgio. **Orientación Vocacional: Una Perspectiva Crítica.** Buenos Aires: Paidós, 2005.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p.1-2, dez. 1003. Bi-anual. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=1679-339020030001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2008.

SALERNO, Mário Sérgio. Produção, trabalho e participação: CCQ e Kanban numa nova imigração japonesa. In: FLEURI, Fisher. **Processo e relações do trabalho no Brasil.** São Paulo: Atlas, 1985.

SILVA, Fabiano Fonseca da. **A escola e a construção de projetos profissionais: escolarização, imagens do trabalho e dos gêneros.** 2003. (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia Social, Usp, São Paulo, 2003.

SILVA, Laura Belluzo de Campos. **A Escolha da Profissão: Uma Abordagem Psicossocial.** São Paulo: Unimarco, 1996.

SILVA, Lucy Leal Melo; JACQUEMIN, André. **Intervenção em Orientação Vocacional/Profissional: avaliando resultados e processos.** São Paulo: Vetor, 2001.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A Escolha Profissional: do Jovem ao Adulto.** São Paulo: Summus, 2002.

SOARES, Maria Clara Couto. Banco Mundia: Políticas e Reformas. In: TOMMASI, Livia de; WARDE, Miriam Jorge; HADDAD, Sérgio. **O Banco Mundial e as Políticas Educacionais.** 2a. São Paulo: Cortez, 1998. p. 15-39.

TRT (Ed.). **LEI Nº 10.097, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2000:** Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho ? CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943.. Disponível em: <http://www.trt02.gov.br/geral/tribunal2/Legis/Leis/10097_00.html>. Acesso em: 23 jul. 2008.

VASCONCELOS, Zandre Barbosa de; OLIVEIRA, Inalda Dubeux (Org.). **Orientação Vocacional: Alguns Aspectos Teóricos.** São Paulo: Vetor, 2004.

VIGOTSKI, Lev S. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, jul. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a02v2171.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S.. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGTOSKI, L.S. **Obras Escogidas III.** Madrid: Visor, 1995.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; ONOFRE, Silvana Aparecida. Orientação Para o Vestibular: Ensaio Sobre uma Experiência Realizada com Jovens Rurais. In: MELO-SILVA, Lucyleal et al. **Arquitetura de Uma Ocupação:** Orientação Profissional - Teoria e Prática. São Paulo: Vetor, 2003. Cap. 22, p. 291-312.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; ONOFRE, Silvana Aparecida. Representações sociais em formação sobre os vestibulares dos estudantes de um cursinho comunitário na zona rural. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 7, n. 1, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902006000100006&lng=pt&nrm=is&tlng=pt>. Acesso em: 01 jul. 2008.

WICKERT, Luciana Fim. Desemprego e Juventude: Jovens em Busca do Primeiro Emprego. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 2, n. 26, p.258-269, 2006.

Anexos

(Anexo 1)

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu, **.....,** portador do RG no. **.....**, tendo conhecimento dos objetivos da pesquisa "A ESCOLHA PROFISSIONAL DE SUJEITOS DE BAIXA RENDA RECÉM EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO", aceito voluntariamente participar do Projeto e autorizo divulgação das informações, desde que esteja garantido o sigilo da fonte. Tenho conhecimento, também, de que está assegurado o direito de interromper a minha participação, em qualquer momento, sem que isso represente, para mim, qualquer prejuízo.

São Paulo, 27 de junho de 2007

_____

Participante da pesquisa
«NOME»
«RG»

Pesquisador

_____

SILVIO DUARTE BOCK
RG. 5.340.409

(anexo 2)

SOBRE A AVALIAÇÃO QUE OS SUJEITOS FIZERAM A RESPEITO DO PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL QUE VIVENCIARAM

- A SENSAÇÃO NO ÚLTIMO DIA DE TER PARTICIPADO DO PROGRAMA

Sensação do sujeito ao término do trabalho de orientação					
Sujeitos		Perdi meu tempo	Não gostei	Aprendi algo	Muito proveitosos
1	Ana				1
2	José			1	
3	Cristina				1
4	Mariana				1
5	Paulo				1
6	Francisco				1
7	Olga				1
8	Antonio				1
9	Carmem				1
10	Fernanda				1
11	Miriam				1
12	Renata				1
	Total	0	0	1	11

Onze participantes consideraram muito proveitosa sua participação no programa de orientação profissional. Um deles diz que aprendeu algo.

- SOBRE O CONTEÚDO TRABALHADO NO PROGRAMA

Avaliação quanto ao conteúdo trabalhado				
sujeitos		insuficiente	adequado	excessivo
1	Ana		1	
2	José		1	
3	Cristina		1	
4	Mariana		1	
5	Paulo		1	
6	Francisco			1
7	Olga		1	
8	Antonio		1	
9	Carmem		1	
10	Fernanda	n resp.	n resp.	n resp.
11	Miriam		1	
12	Renata		1	
total		0	10	1

Dez participantes consideraram o conteúdo trabalhado no programa de orientação profissional como adequado. Um dos participantes apontou-o como excessivo.

- NOTA ATRIBUIDA À METODOLOGIA EMPREGADA, AOS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS, ÀS CONDIÇÕES DA SALA E AO DESEMPENHO DO ORIENTADOR

Nota (escala de 0 a 10) atribuída pelos sujeitos à metodologia, recurso e condições de trabalho da sala e desempenho do orientador					
Sujeito		metodologia	recursos	sala	orientador
1	Ana	10	10	10	10
2	José	10	10	10	10
3	Cristina	10	10	10	10
4	Mariana	10	10	10	10
5	Paulo	10	10	10	10
6	Francisco	10	10	10	10
7	Olga	10	10	10	10
8	Antonio	10	10	10	10
9	Carmem	10	10	10	10
10	Fernanda	10	10	10	10
11	Miriam	10	10	10	10
12	Renata	10	10	10	10
Médias das notas		10	10	10	10

Todos os sujeitos, sem exceção, atribuíram o conceito máximo, nota dez, para os aspectos da metodologia empregada, recursos utilizados (impressos, vídeos), condições da sala e desempenho do orientador.

- ASSUNTOS MAIS IMPORTANTES TRATADOS NO PROGRAMA

Assuntos considerados mais importantes									
sujeito		influências: social e familiar	autoconhecimento	interesses	vocação	tendências atuais do mercado de trabalho	o que é o sucesso	profis-sões	liberdade de escolha
1	Ana		1	1	1			1	1
2	José	1	1			1		1	1
3	Cristina	1	1	1	1	1	1	1	1
4	Mariana				1	1	1	1	1
5	Paulo		1	1				1	1
6	Francisco		1	1		1		1	1
7	Olga	1	1	1	1	1	1	1	1
8	Antonio	1	1	1	1	1		1	1
9	Carmem	1	1	1		1		1	1
10	Fernanda	1	1	1	1	1	1	1	1
11	Miriam	1	1	1	1	1	1	1	1
12	Renata	1	1	1	1	1	1	1	1
total		8	11	10	8	10	6	12	12

Segundo os participantes, os temas da liberdade de escolha e do conhecimento das profissões foram os mais importantes. Em seguida, apontaram o autoconhecimento, logo depois os interesses profissionais junto com a discussão das tendências atuais do mercado de trabalho.

- DE QUAIS ATIVIDADES OS PARTIPANTES MAIS GOSTARAM DENTRE TODAS DO PROGRAMA (questão aberta)

Atividades de que os participantes mais gostaram								
Autoconhecimento					trabalho		Informação profissional	
lã	quem sou eu	presentes	eu quero	identificações	empresa	video ilha	Tribunal	festa e foto
7	1	2	1	1	4	1	4	1
Total 12 (55% das citações)					Total 5 (23%)		Total 5 (23%)	

A temática de que os sujeitos mais gostaram dentre todas as atividades do programa foram as que lidaram com o autoconhecimento. Em especial, aparece como destaque a sessão na qual se coloca em pauta as relações estabelecidas pelos sujeitos com os outros do grupo ao terem que cumprir uma tarefa comum sem utilizar a fala (atividade não-verbal)

- DE QUAIS ATIVIDADES OS PARTIPANTES MENOS GOSTARAM DENTRE TODAS DO PROGRAMA (questão aberta)

Atividades de que os participantes menos gostaram					
Nenhuma	Informação profissional			trabalho	significado da escolha
	tribunal	classificação	festa e foto	empresa	sorvete
4	1	5	1	1	1
4 menções	Total 7 menções			Total 1 menção	Total 1 menção

Dentre as atividades que os participantes menos gostaram se destaca o módulo de informação profissional, em especial a atividade desenvolvida em grupos de três sujeitos, cuja tarefa era classificar 113 profissões em blocos previamente apresentados. A atividade, de fato, é demorada e requer leitura, debate e concentração. As outras atividades não receberam menções significativas.